



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE ARTES E  
COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

LETÍCIA JÚLIA SILVA DE OLIVEIRA

**ANÁLISE MULTIMODAL DA REFERENCIAÇÃO EM PRODUÇÕES  
AUDIOVISUAIS HUMORÍSTICAS PUBLICIZADAS NO *INSTAGRAM***

Recife  
2024

LETÍCIA JÚLIA SILVA DE OLIVEIRA

ANÁLISE MULTIMODAL DA REFERENCIAÇÃO EM PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS  
HUMORÍSTICAS PUBLICIZADAS NO *INSTAGRAM*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Letras. Área de concentração: Estudos textuais e discursivos de práticas sociais: Correspondente ao indicado na ata de defesa.

Orientadora: Suzana Leite Cortez

Recife  
2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Oliveira, Letícia Júlia Silva de.

Análise multimodal da referenciação em produções audiovisuais humorísticas publicizadas no Instagram / Letícia Júlia Silva de Oliveira. - Recife, 2024.

142f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-graduação em Letras, 2024.

Orientação: Suzana Leite Cortez.

1. Referenciação; 2. multimodalidade; 3. tecnodiscursividade.  
I. Cortez, Suzana Leite. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

CDD 410

LETÍCIA JÚLIA SILVA DE OLIVEIRA

**ANÁLISE MULTIMODAL DA REFERENCIAÇÃO EM PRODUÇÕES  
AUDIOVISUAIS HUMORÍSTICAS PUBLICIZADAS NO *INSTAGRAM***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Artes e Comunicação, como requisito para obtenção do título de mestra em Letras. Área de concentração: Estudos textuais e discursivos de práticas sociais. Correspondente ao indicado na ata de defesa.

Orientadora: Suzana Leite Cortez

Data de aprovação: 30/08/2024

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Suzana Leite Cortez (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Sônia Virginia Martins Pereira (Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria da Graça dos Santos Faria (Examinadora Externa)  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Recife  
2024

*À Mônica Magalhães Cavalcante (in memoriam), que foi uma luz em meio à escuridão que se fez presente no período pandêmico, com suas palavras de ensinamento durante aquelas tantas lives que me fizeram escolher a Linguística de Texto.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, a Jesus e aos e Espíritos de luz, por me permitirem chegar até aqui.

À minha mãe Catarina Oliveira e ao meu pai José Carlos Alberto de Oliveira, por me ensinarem que a educação sempre será o melhor caminho, mesmo em um contexto, o qual foi negado a eles uma educação formal e de qualidade, sempre buscaram investir na minha educação. “Mainha” e “Painho” eu não desisti, mesmo quando eu quis, por vocês, por saber que vocês acreditavam em mim. Sempre será por vocês.

Ao meu companheiro Diego Cavalcanti, por ter sido o meu maior incentivador a não desistir dessa pesquisa e ser o meu apoio diário. Obrigada por tudo, se por algum momento achei que eu, você e essa pesquisa não conseguiríamos caminhar juntos, me equivoquei, na verdade, se cheguei até aqui, muito foi por você.

À minha irmã de alma Amanda Calábria, por estar ao meu lado em todos os momentos de alegria e tristeza. Você é muito especial e um símbolo de luta diante das adversidades; sua vida não é por acaso.

À minha afilhada Alice Calábria que trouxe luz à nossa família. Um dia você lerá o trabalho da sua madrinha.

Ao meu irmão Heitor Oliveira, por ser um exemplo de carinho e afeto genuínos. Heitor, você é uma pessoa de coração gigante, obrigada por me proteger.

À minha irmã Karla Oliveira, por ser meu maior exemplo de perseverança na vida profissional e acadêmica. Apesar das diferenças, você sempre foi e será o meu espelho, obrigada por tudo.

Ao meu querido amigo o Marcus Vicente, por ter estado comigo desde o começo dessa trajetória e ser sempre um lugar de escuta e acolhimento. Marcus, você é uma pessoa de sucesso, nunca duvide disto.

À minha amiga de escola Letícia Lima, que apesar da distância física, sempre será um exemplo para mim de inteligência e empatia. Letícia, você é incrível, admiro-te muito.

À minha amiga doutora Camila Lucena, em especial, por todo tempo dedicado para ouvir as minhas queixas, mesmo elas sendo tão repetitivas. Você é diferente.

Aos meus amigos Camila Lucena, Elza Mendonça, Pedro de Medeiros, Ronald Prazeres e Vanessa Tuane, por todo incentivo e por serem o meu lugar-conforto. Vocês não sabem o quanto o nosso grupo é importante para mim.

À minha orientadora Suzana Leite Cortez, por não ter me deixado desistir e me lembrar de que tudo valeria a pena, bem como pela orientação paciente e humana. A senhora pode não saber, mas sempre foi a minha escolha.

Às professoras Sônia Virgínia Pereira e Maria da Graça Faria, por comporem a minha banca de defesa. Obrigada, professoras, pelas exímias contribuições à minha investigação.

Ao mestre Bruno Nogueira, por todo auxílio dado durante a fase do pré-projeto, nunca esquecerei das suas contribuições.

Ao grupo de pesquisa GESTO, pelas discussões e contribuições teóricas.

Ao grupo de pesquisa PROTEXTO, pelos ensinamentos imensamente valiosos e que perpassam todo esse trabalho.

À minha professora de graduação Thaís Ranieri, por ter me apresentado a Linguística de Texto.

À Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), por ter sido minha casa por quatro anos e meio e por ter me formado como professora.

Ao corpo docente do PPGL-UFPE, por terem contribuído para a minha trajetória como pesquisadora.

Ao CNPq, por fomentar a pesquisa em nosso país.

A todos os professores do ensino básico (público e privado) que lutam por um trabalho digno em um contexto insalubre, em que cada vez mais somos atacados e constantemente silenciados devido ao avanço do conservadorismo que cega. Esse trabalho é para vocês.

*Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de palavrar. As palavras são para mim corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas.*

*PESSOA, F. O livro do desassossego São Paulo Brasiliense, 1986*

## RESUMO

O trabalho em tela, ancorado nos preceitos teórico-metodológicos da Linguística de Texto (doravante LT) objetiva analisar como os processos de referenciação, categorizados por Cavalcante (2012), a saber: Introdução referencial; Anáfora e Dêixis são ensejados pela multimodalidade em produções audiovisuais humorísticas publicizadas no *Instagram*. Para tanto, adotamos a referenciação como um processo dinâmico e intersubjetivo (Mondada; Dubois, 2003) em que os referentes, objetos do discurso (Koch; Marcuschi, 1998), são (co)construídos pelos participantes da comunicação quando estes buscam imprimir as suas visões sobre o real. Adicionamos a essa análise a teoria da tecnodiscursividade (Paveau, 2020, 2021), a qual imprime uma visão ecológica do discurso digital nativo, ao considerar que a relação língua-máquina é indissociável, uma vez que há uma hibridização da linguagem com os artifícios técnicos demandados pelo digital. Não somente isso, também concatenamos nossa investigação com a teoria da multimodalidade, principalmente adotando a perspectiva multidisciplinar da Semiótica Social (Santos; Pimenta, 2014) e seus diálogos com a Linguística de Texto (Ranieri, 2022; Santos; Cortez, 2022, Custódio Filho, 2011). Essa tríade será utilizada como base teórica para que se comprove como o potencial multimodal das redes apresenta uma nova interface da referenciação, a qual realiza os seus processos de recategorização dos objetos de discurso não apenas pelo verbal, mas principalmente pelas outras semioses, aqui destacadas o som e o gesto. Para que isso se efetive, tomamos como corpus a análise de 20 postagens humorísticas produzidas entre janeiro e junho de 2024 na rede social *Instagram*. A escolha pelo texto de humor se deu em face do seu caráter altamente multimodal nas redes sociais, principalmente em páginas de humor que cruzam semioses diversas para fazer rir. A pesquisa em questão adota uma postura metodológica qualitativa pautada na netnografia, a qual faz uso de dados retirados da internet. Ao final da análise, foi possível asseverar que o processo de referenciação no ambiente digital apresenta um comportamento diferenciado quando consegue aglutinar outras semioses que cooperam para a mudança do referente em construção. Com esse objetivo alçado, reiteramos o valor da pesquisa para o enriquecimento do banco de investigações da LT, principalmente no meio digital que tem sido um espaço de rica análise e que vem apresentando as novas facetas da comunicação em rede.

**Palavras-chave:** Referenciação; Multimodalidade; Tecnodiscursividade; Texto digital nativo; Produções audiovisuais.

## ABSTRACT

The work at hand, anchored in the theoretical-methodological principles of Text Linguistics (hereinafter TL), aims to analyze how the referential processes, categorized by Cavalcante (2012), namely: Referential Introduction, Anaphora, and Deixis, are prompted by multimodality in humorous audiovisual productions publicized on *Instagram*. To this end, we adopt referentiation as a dynamic and intersubjective process (Mondada; Dubois, 2003) in which the referents, objects of discourse (Koch; Marcuschi, 1998), are (co)constructed by the participants in the communication as they seek to imprint their views on reality. We add to this analysis the theory of technodiscursivity (Paveau, 2020, 2021), which imparts an ecological view of native digital discourse, considering that the language-machine relationship is inseparable, given the hybridization of language with the technical devices demanded by the digital. Not only this, we also link our investigation with the theory of multimodality, mainly adopting the multidisciplinary perspective of Social Semiotics (Santos; Pimenta, 2014) and its dialogues with Text Linguistics (Ranieri, 2022; Santos and Cortez, 2022; Custódio Filho, 2011). This triad will be used as a theoretical basis to demonstrate how the multimodal potential of networks presents a new interface of referentiation, which performs its recategorization processes of discourse objects not only through the verbal but mainly through other semioses, here highlighted as sound and gesture. To achieve this, we take as corpus the analysis of 20 random posts produced between 2023 and 2024 on the social network *Instagram*. The research in question adopts a qualitative

**Keywords:** Referentiation; Multimodality; Technodiscursivity; Native Digital Text; Audiovisual Productions.

## Lista de Figuras

Figura 1 - Escolha de meninas.....	23
Figura 2 - Objeto construído coletivamente .....	24
Figura 3 - As inferências .....	28
Figura 4 - A referência em contexto .....	30
Figura 5 - Eu prefiro morrer .....	32
Figura 6 - Introdução referencial e anáfora indireta .....	36
Figura 7 - Anáfora direta e encapsuladora.....	38
Figura 8 - Anáfora indireta .....	39
Figura 9 - Dêixis pessoal .....	41
Figura 10 - Já são “5” .....	43
Figura 11 - Fim da criminalidade part. I.....	46
Figura 12 - Fim da criminalidade part. II .....	47
Figura 13 - O texto e os seus modos de significar part. I .....	53
Figura 14 - O texto e os seus modos de significar part. II.....	54
Figura 15 - Hipertexto em foco .....	62
Figura 16 - O uso dos emojis.....	65
Figura 17 - O hiperlink no fio discursivo e a intertextualidade infinita .....	68
Figura 18 - Locutor X receptor.....	70
Figura 19 - Quantidade de replicações da postagem-fonte.....	71
Figura 20 - Ambiência digital.....	74
Figura 21 – deslinearização visual sem alterações .....	77
Figura 22 – deslinearização visual com alterações.....	78
Figura 23 - As cores e a deslinearização .....	78
Figura 24 - Deslinearização sintagmática.....	79
Figura 25 - Postagem do tipo carrossel .....	86
Figura 26 - Postagem do tipo monotela.....	87
Figura 27 - Página 1 “southamericamemes” .....	88
Figura 28 - Página 2 “meltedvideos”.....	89
Figura 29 – Página 3 “pernambucoposting” .....	91
Figura 30 - Página 4 “pernambucoposting” .....	92
Figura 31 - Escolha do comentário.....	93
Figura 32 - Escolha do comentário II .....	93
Figura 33 - Introdução referencial (A3) – O louco.....	98
Figura 34 - Introdução referencial (B3) – Vida a dois .....	100
Figura 35 -Introdução referencial (B2) – canções não convencionais da infância “Tá dominado” .....	102
Figura 36 -Introdução referencial (B2) – canções não convencionais da infância “Race rodas” .....	103
Figura 37 - Introdução referencial (B2) – canções não convencionais da infância “Papepiu” .....	104
Figura 38 -Introdução referencial (B2) – canções não convencionais da infância “Praia limpa” .....	104
Figura 39 – Introdução referencial (B2) – canções não convencionais da infância “Globo Esporte” .....	105
Figura 40 – Introdução referencial (B2) – canções não convencionais da infância “TVClube” .....	105
Figura 41 - Introdução referencial (B2) – canções não convencionais da infância “Tá na clube, tá bom demais” .....	106

Figura 42 – Introdução referencial (B2) – canções não convencionais da infância “MinutoCatólica”.....	107
Figura 43 - Introdução referencial (B2) – canções não convencionais da infância “NETV”	108
Figura 44 - Anáfora direta (A1) – amizade verdadeira .....	110
Figura 45 -Anáfora encapsuladora (A19) – homem sem cérebro .....	111
Figura 46 – Dêixis de memória (B6) – bairro perigoso.....	117
Figura 47 – Ecossistema da web (A16) .....	123
Figura 48 - Ecossistema da web (A17).....	124
Figura 49 – Redes referenciais (A8).....	126

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Identificação das postagens do corpus.....	85
Quadro 2 - Organização do corpus + comentários .....	94
Quadro 3 – Expressões dêiticas em evidência.....	113
Quadro 4 – Ampliação enunciativa pelos comentários .....	119

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	15
2 REFERENCIAÇÃO .....	21
2.1 REFERENCIAÇÃO – UM OLHAR DINÂMICO PARA A ATIVIDADE DE REFERIR.....	22
2.2 REFERENCIAÇÃO NO BRASIL: PRIMEIROS PASSOS .....	26
2.3 REFERENCIAÇÃO – UMA ATIVIDADE QUE PASSA, OBRIGATORIAMENTE, POR UM TRABALHO SOCIOCOGNITIVO .....	32
2.4 O “FIM” DA VISÃO REPRESENTACIONISTA E UM PRIMEIRO OLHAR PARA AS ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO .....	34
<b>2.4.1 Introdução referencial</b> .....	37
<b>2.4.2 Anáfora</b> .....	37
<b>2.4.3 Dêixis</b> .....	40
2.5 OS AVANÇOS PARA A ANÁLISE DO FENÔMENO DA REFERENCIAÇÃO: A SEGUNDA TENDÊNCIA.....	42
<b>2.5.1 O viés argumentativo da referenciação</b> .....	45
3 A MULTIMODALIDADE: PERCURSO E IMPLICAÇÕES .....	50
3.1 A SEMIÓTICA SOCIAL E SEUS ECOS NA MULTIMODALIDADE.....	51
3.2 O PERCURSO DA MULTIMODALIDADE.....	55
4 TEXTO DIGITAL: HIPERTEXTUALIDADE E TECNODISCURSIVIDADE .....	60
4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O HIPERTEXTO .....	61
<b>4.1.1 O hipertexto e o seu potencial multimodal</b> .....	64
4.2 O HIPERTEXTO E A FORMAÇÃO DO ESCRILEITOR.....	66
<b>4.2.1 Quando os papéis se fundem: o escreitor</b> .....	69
<b>4.2.2 Da ampliação enunciativa</b> .....	72
4.3 A PERSPECTIVA ECOLÓGICA DO TECNODISCURSO: UM NOVO OLHAR PARA O CONTEXTO .....	73
4.4 O TEXTO COMO UM COMPÓSITO E A SUA DESLINEARIZAÇÃO .....	75
4.5 REDEFINIÇÃO DA TEXTUALIDADE NO AMBIENTE DIGITAL.....	79
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	82
5.1 NATUREZA DA PESQUISA E ESCOLHA DO <i>CORPUS</i> .....	82
5.2 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DAS POSTAGENS HUMORÍSTICAS.....	84
<b>5.2.1 Considerações sobre os perfis humorísticos das páginas selecionadas</b> .....	88
5.3 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DOS COMENTÁRIOS.....	93
<b>5.1.4 Dos critérios de análise do <i>corpus</i></b> .....	95
6 ANÁLISE MULTIMODAL DA REFERENCIAÇÃO EM PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS HUMORÍSTICAS PUBLICIZADAS NO <i>INSTAGRAM</i> .....	97
6.1 DOS PROCESSOS REFERENCIAIS POR MEIO DA MULTIMODALIDADE .....	97
<b>6.1.1 Introdução referencial</b> .....	98
<b>6.1.2 Anáforas</b> .....	109
<b>6.1.3 Dêixis</b> .....	112
6.1.3.1 Uma menção à dêixis de memória.....	117

6.2 A RECATEGORIZAÇÃO DO REFERENTE PELA AMPLIAÇÃO ENUNCIATIVA .....	118
6.3 ANÁLISE DO CONTEXTO DIGITAL NATIVO.....	122
6.4 AS REDES REFERENCIAIS EM REDE .....	125
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
REFERÊNCIAS.....	135

## 1 INTRODUÇÃO

Com o advento da *web 2.0*, vemos emergir as novas formas de comunicação possibilitadas pelos meios digitais e, com isso, surge a inquietação de investigar como a construção de sentido se dá nesse novo espaço de interação que aproxima os indivíduos de diversas partes do mundo, mostrando, agora, que a distância física não é mais uma barreira para a troca de informações. Diante desse cenário, a Linguística de Texto (doravante LT), passa a se debruçar sobre os textos produzidos nesse meio virtual, buscando entender o comportamento desses, uma vez que as condições de produção são outras, logo, é esperado que essa produção linguística também expresse um comportamento diferente que requer uma análise minuciosa e atenta.

Nessa senda, a pesquisa em questão tem como mote o meio digital e se propõe a analisar a camada multimodal da referenciação em produções audiovisuais humorísticas publicizadas no *Instagram*. A escolha se deve ao fato de que este ecossistema digital (Paveau, 2021) potencializa a veia multimodal dos textos e isso pode ser comprovado por Sindoni (2013 *apud* Ranieri, 2022), a qual afirma que o digital possui um alto nível de uso dos recursos multimodais. Arelado a isso, a escolha por textos de caráter humorístico, surge da percepção da sua alta circulação em rede, sendo compartilhada em grande quantidade pelos usuários, principalmente na rede social *Instagram*, configurando um *corpus* riquíssimo de análise. Ademais a opção por produções audiovisuais advém do fato de que estas possuem o aspecto multimodal acentuado e são pouco analisadas, uma vez que por muito tempo, os estudos em referenciação privilegiaram o aspecto ‘verbocêntrico’ (Custódio Filho, 2011) da atividade de referir.

Tendo em vista o exposto, de antemão, é preciso apresentar, ainda que brevemente, o que adotamos como definição para texto, uma vez que toda a pesquisa aqui produzida gira em torno de analisá-lo. Remontando a década de 60, viu-se surgir a subárea da Linguística, a Linguística de texto, esta que como o próprio nome sugere, tinha como objeto investigativo o texto. Naquele início, presenciou-se uma análise interfrástica e logo em seguida, influenciados pelo Gerativismo, observou-se a tentativa de uma gramática do texto, tendo como um de seus autores van Dijk (1972).

No entanto, com o passar dos anos, foi possível verificar que o texto não se tratava de uma mera análise conjunta de frases, tampouco restrita a uma abordagem sintático-semântica. A então virada pragmática foi um evento importante para a mudança desta visão, posto que o contexto passa, agora, a ganhar protagonismo na situação comunicativa (Koch, 2015).

Ainda assim, os estudos sobre o texto não se circunscrevem a isto, tendo ao final do

século XX, a perspectiva sociocognitivo-interacional (Koch, 2015[1933]) como alvo. Neste viés, o texto passa a não ser apenas concebido em seu aspecto contextual, mas também passa-se a levar em conta os processos mentais que participam do momento de produção, recepção e compreensão dos textos. Além disso, os aspectos culturais também ganham visibilidade durante a interação permitida pelos textos.

A partir disso, vê-se que o momento da interação ganha protagonismo, e, com isso, o texto é concebido como um evento, este que é irrepetível (Cavalcante, 2016). Sob esse viés, Cavalcante e Custódio Filho (2010, p. 58) afirmam: “Consideramos que o texto emerge de um evento no qual os sujeitos são vistos como agentes sociais[...]”. O sujeito enquanto agente, age sobre o discurso, e conforme já discutido, os processos de construção dos referentes dentro de um texto demonstram isso quando ocorrem de maneira colaborativa entre os sujeitos participantes do ato de comunicação. Cabe destacar que o texto diante da perspectiva sociocognitivo-interacional, alia os elementos mentais ao contexto cultural. Sendo assim, para a compreensão de um evento comunicativo, é necessário acionar estas duas instâncias.

Munidos dessa definição, o texto não mais possui espaço para uma concepção estática da referência, ou seja, a ideia da língua enquanto representação do mundo, debatida entre filósofos, logicistas, semanticistas, semiólogos e linguistas (Koch, 2015) se torna obsoleto, sendo necessário observar o seu caráter dinâmico (Mondada; Dubois, 2003), o qual garante a (re)construção dos referentes de forma intersubjetiva, em que os envolvidos nesse processo agem de maneira colaborativa - o que não significa concordante - para representar a suas visões instáveis sobre real.

Tal visão não é de hoje, uma vez que Reichler-Béguelin e Apothéloz (1995) já apontavam um olhar diferente para o referente, uma vez que este era (co)construído discursivamente, sendo assim lícito utilizar a nomenclatura estabelecida por estes autores do referente visto como “objeto de discurso”. Com isso, o caráter contextual, já evidenciado na definição de texto que adotamos, ganha ainda mais visibilidade quando se analisa a atividade de referir, tendo em vista que não é só o contexto que garante a construção do objeto, mas também os processos que são ensejados pelo contexto comunicativo, sendo extremamente necessárias às atividades inferenciais, a exemplo.

Com essa concepção dinâmica da referenciação solidificada, Cavalcante (2012) postula os tipos de processos referenciais a serem analisados. De primeira temos a introdução referencial, a qual se destina a estreia de um referente em um texto, sendo o seu primeiro momento de aparição. Ao ser retomado, temos a chamada anáfora, a qual Cavalcante (2012) subdivide em direta – quando retoma diretamente o referente correferencialmente-; indireta -

quando não se propõe a retomar o referente de forma correferencial, mas sim ativar um novo referente que dialoga contextualmente com o que introduzido-; e, por fim, as anáforas encapsuladoras, que têm a função de resumir uma porção textual antes expressa. Por último, Cavalcante (2012) traz à baila a dêixis, essa que está intimamente relacionada com o entorno discursivo, visto que sua identificação parte de um olhar extensional do cotexto para o contexto da enunciação, sendo classicamente dividida em: pessoal, espacial, temporal.

A problemática que se lançou sobre esses processos referenciais, analisados em Custódio Filho (2011), se deu a partir da não valorização da investigação desses processos para além da correferencialidade pautada, principalmente, no verbal. Diante disso, o autor retoma o estudo de Lima (2009) para tratar de um processo de transformação do referente - a recategorização - que não se limita ao cotexto, sendo por muitas vezes inferida a partir do contexto “a recategorização nem sempre pode ser reconstruída diretamente no nível textual-discursivo, não se configurando apenas pela remissão ou retomada de itens lexicais” (Lima, 2009, p.57). Essa concepção modifica o olhar para a atividade de referir, uma vez que as investigações passam a não mais se deter para as expressões referenciais lexicalizadas, sendo agora alargadas as possibilidades de análise desse fenômeno textual-discursivo que é a referenciação.

Tal visão sobre esse processo recai em uma visão sociocognitiva do texto, tendo em vista que os referentes são retomados e recategorizados no nível sociocognitivo, necessitando de uma atividade inferencial para a sua compreensão. Dessa forma, a investigação aqui construída admite essa ótica sobre a atividade de referir. Aliado a isso, Custódio Filho (2011) também vê como urgente analisar como o imagético também possibilita os processos referenciais. Sendo assim, é possível que os tipos acima mencionados sejam construídos a partir de outras semioses, que passam a ser objeto de análise na atividade dinâmica de referir.

É nesse cenário que a investigação proposta ganha espaço, posto que lançamos como hipótese que os processos referenciais, os quais oportunizam a atividade de referir, podem acontecer não só pelo modo verbal, mas também por outros múltiplos modos: visual, sonoro, gestual etc. - daí o caráter multimodal - e que, em se tratando de textos humorísticos, são as transformações sofridas pelos referentes a partir desses tipos de expressões referenciais, que vão culminar no efeito de comicidade. A partir disso, reforçamos o que vem se discutindo em LT sobre a necessidade de uma análise holística da atividade de referir para apreender a construção de sentido proposta pelo texto, sendo inegável a ideia de que nem sempre - e até dificilmente no caso desses textos - ocorrerá a correferencialidade na materialidade do texto.

Tendo em vista nossa hipótese, chegamos ao objetivo específico da pesquisa: analisar

como a multimodalidade contribui para a referenciação em produções humorísticas audiovisuais propagadas em rede social, especificamente, na rede *Instagram*. Em uma perspectiva multidisciplinar da LT, para alcançar o nosso objetivo principal, recorreremos às áreas da Semiótica Social (Santos, Pimenta, 2015), bem como da Análise do Discurso Digital (ADD) (Paveau, 2021) que nos auxiliam a entender melhor a multimodalidade e o ambiente digital, o qual o nosso *corpus* está inserido.

No que toca ao estado da arte, observamos que o que se propõe a ser analisado aqui advém dos ecos das investigações em LT já realizadas. Sinalizamos, inicialmente, trabalhos como o de Ranieri (2022) que já evidenciavam uma preocupação com a investigação de processos referenciais, como a dêixis, em produções multimodais ambientadas no meio virtual, concebendo o texto como uma unidade multissemiótica. Sendo assim, a autora analisa, por exemplo, como os *emojis*, que são produções imagéticas, realizam o dêitico em *chats online*. Ademais, Vezali (2017) se debruça especificadamente sobre o gesto para analisar a referenciação dêitica na produção de pessoas afásicas, demonstrando como a relação linguagem e corpo está intimamente interligada, não sendo esse segundo apenas um mero elemento complementar no ato de referir, mas, na verdade, um elemento intencional que comunica. Também verificamos o trabalho de Lima (2017), que aborda uma problemática similar a nossa. Lima (2017) examina os processos de recategorização e encapsulamento que o imagético é capaz de realizar em produções digitais, demonstrando que os referentes podem ser homologados por imagens. Igualmente, a esses, reconhecemos os trabalhos produzidos pelo Protexto (UFC/CNPq) e GESTO (UFPE, CNPq), a saber: Cavalcante *et al.* (2020); Silva (2021); Rocha (2023) entre tantos outros, que buscam debruçar-se a analisar o digital tendo como foco as estratégias textuais ensejadas nesse contexto e que proporcionaram um avanço significativo para os estudos da LT.

Vemos que a partir do que já foi feito, podemos contribuir para o alargamento dos estudos na Linguística Textual no âmbito da referenciação, quando nos propomos a analisar um *corpus* pouco trabalhado: o texto audiovisual, principalmente por suas restrições no impresso. Vemos que na literatura ainda não houve uma investigação que desse conta, especificamente, de investigar como essas produções animadas multimodais exemplificam os processos referenciais, principalmente no âmbito aqui considerado para além da correferência.

Tais produções são caracterizadas por uma produção restritivamente *online*, ou seja, não verificamos essas longe do ecossistema da *web*, sendo majoritariamente pertencentes às redes sociais, como *Instagram*, *X* (antigo *twitter*), *Tik Tok* e *Facebook*. Ademais ao seu lugar de construção e circulação, vemos que as páginas que produzem esses textos são voltadas ao

humor, que a depender do propósito, podem ser mais direcionadas a uma localidade ou mais globais, expondo conteúdos que abordem temas de conhecimento geral. Inicialmente já verificamos que as postagens audiovisuais quase sempre vêm acompanhadas de um breve texto verbal na sua descrição, sendo o conteúdo audiovisual responsável por gerar o humor contextualizado pelo texto escrito. Verificamos que o conteúdo imagético e sonoro contribui para o efeito de sentido pretendido pela postagem, sem ele a publicação perde o propósito, sendo por vezes a marca da introdução referencial necessária para o desenvolvimento do tópico.

Para tanto, iniciamos a seção 2 tratando da referenciação. Nesta dedicamos a percorrer teoricamente como se deu o percurso que culminou na concepção dinâmica que temos hoje da referenciação. Para esse fim, recorremos, inicialmente, a Koch e Marcuschi (1998), os quais já discutiam acerca da concepção instável do objeto de discurso e solidificamos esses aspectos com Mondada e Dubois (2003), que lançam as bases para o que temos hoje no quesito da referenciação quando estas se debruçam sobre essa atividade e comprovam o seu caráter intersubjetivo. Também nos dedicamos nessa seção a comprovar o papel sociocognitivo desse processo (Custódio Filho, 2011), bem como a esmiuçar os tipos de processos referenciais (Cavalcante, 2012) ratificando o valor de um olhar diferenciado para a atividade de referir proposto na segunda tendência (Custódio Filho, 2011).

Em seguida, na seção 3, nos dedicaremos a analisar a multimodalidade e, para esse propósito, tomaremos as reflexões da semiótica social (Santos; Pimenta, 2015) para entendermos a orquestração de significados na perspectiva multimodal. Também discutiremos sobre a limitação da perspectiva “verbocêntrica” (Custódio Filho, 2011) que por muito tempo perdurou nas análises textuais da referenciação e impediu, inicialmente, um olhar mais aguçado para esse processo no âmbito multimodal. Também contaremos com as investigações em Ranieri (2022) e Santos e Cortez (2022), que analisam textos multimodais em ambientes digitais.

Na seção 4, última seção de fundamentação teórica da pesquisa, nos debruçamos sobre a tecnodiscursividade. Inicialmente, lançamos um olhar para o hipertexto (Xavier, 2002), o qual expõe detalhadamente as características desse texto que se diferencia do usual texto impresso quando se propõe a ser uma produção pautada na colaboratividade e na conectividade, inovando nas novas formas de se ler. É nessa inovação que vemos emergir um ‘escreitor’, evidenciado nos estudos discursivos de Paveau (2021), a qual concebe esse espaço em uma perspectiva ecológica, quando o analisa em uma relação simbiótica entre linguagem e máquina, não podendo ser vistos de forma isolada.

Tendo findado o aporte teórico que fundamenta a pesquisa, nos dedicaremos na seção 5

a expor os aspectos metodológicos da investigação, a qual é do tipo qualitativa (Paiva, 2019), tendo em vista o seu viés interpretativa, bem como netnográfica, quando considera o perfil dos usuários envolvidos na produção das postagens. Nos detivemos a analisar 20 postagens da rede social *Instagram* das seguintes páginas: @southamericamemes, @pernambucoposting, @leaomilgrau, @meltedvideosa, bem como 4 comentários advindos dessas memsmas páginas. No que toca a seção 6, apresentaremos a análise dos dados, organizando nosso *corpus* em alguns quadros para que se dê conta da dimensão de alguns aspectos. A partir disso será possível traçar as considerações finais.

## 2 REFERENCIAÇÃO

A relação entre língua e mundo sempre permeou debates entre filósofos, logicistas, semanticistas, semiólogos e linguistas, como mencionado em Koch (2015, p. 91). Em uma visão primária, tinha-se a falsa ideia da uniformidade entre a relação língua-mundo, crendo-se que o sistema linguístico estava tal qual um espelho para os elementos do entorno, sendo uma representação fiel desse mundo sensível. Sendo assim, o ato de referir assumia um aspecto estável, tendo em vista que a sua função era apontar para elementos já concebidos no seio textual.

Contudo, com o avançar dos estudos sobre o discurso, mais especificamente sobre a teoria da referência, principalmente em Apothéloz (1995), Mondada e Dubois (2003), já se começa a perceber uma visão diferenciada sobre o processo de referir. Este passa a ser visto como dinâmico e resultado das negociações intersubjetivas e da memória coletiva.

Tendo isso em vista, o processo de interpretar a construção de um referente no texto, passa a não se restringir apenas a perceber os movimentos de retomada, mas sim, a construção evolutiva desse(s) referente(s) que, agora, é/são visto(s) como objeto(s) de discurso (Koch; Marcuschi, 1998, p. 170). Levando isso em consideração, esta seção dedica-se a refletir sobre os passos dados nos estudos da referenciação para que então compreendamos como as pesquisas em torno desse fenômeno reverberam em nossas análises para o *corpus* previamente selecionado.

Iniciaremos a discussão com o proposto pelas autoras Mondada e Dubois (2003) no que toca o fazer dinâmico do ato de referir, refletindo primordialmente sobre o caráter instável dessa atividade. A partir disso, lançaremos um olhar para como essa teoria aterrissa no Brasil e é disseminada por Koch e Marcuschi (1998); Marcuschi (2008). Adiante, abordaremos o viés sociocognitivo dos textos que interferem na atividade de referir discutido em Custódio Filho (2011), Cavalcante (2012), Cavalcante *et al.* (2014) e, também, elencaremos os processos/estratégias referenciais abordados em Cavalcante (2012).

Por fim, apresentaremos o discutido em Custódio Filho (2011) no que toca à “segunda tendência” para os estudos da referenciação, enfatizando o aspecto não linear do processo de recategorização (Silva; Custódio Filho, 2013). Por fim visualizaremos os pontos salientes na segunda tendência, como a noção de redes referenciais e o viés argumentativo das estratégias referenciais.

## 2.1 REFERENCIAÇÃO – UM OLHAR DINÂMICO PARA A ATIVIDADE DE REFERIR

Neste tópico nos debruçaremos sobre a atividade de referir, a referenciação, a qual não se limita ao ato de retomar referentes, mas sim, de construí-los de uma forma dinâmica e ancorada nos movimentos próprios do discurso. Essa perspectiva tornou-se possível a partir dos estudos das autoras Mondada e Dubois (2003) que consolidaram as bases para o que viria posteriormente.

As autoras supracitadas iniciam a discussão em torno da referenciação, demonstrando que, a princípio, via-se o sistema linguístico como um sistema de etiquetas, o qual seria responsável por materializar, através da língua, as “coisas” do mundo, sendo ele uma representação fiel do mundo sensível. Sendo assim, a língua passaria a representar fielmente os elementos encontrados no mundo. Tal visão apoia-se em um viés ‘representacionista’ em que os objetos são estáticos e a língua apenas busca apreendê-los em um sistema homogêneo.

Todavia, Mondada e Dubois (2003) buscam refutar essa ideia demonstrando que o ato de referir é dinâmico, sendo construído no interior dos discursos. Com isso, a simples introdução de um referente ocorre por meio de uma negociação intersubjetiva, a qual os participantes, em uma atividade dinâmica, envolvidos no contexto da interação, enriquecem e transformam esse objeto discursivo. Para as teóricas, “[...] os sujeitos constroem, através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo” (Mondada; Dubois, 2003, p. 17). À luz disso, o desenvolvimento de um referente no discurso parte desse aporte discursivo que visa calcar a visão dos sujeitos sobre o mundo.

Tendo em vista a construção do referente dentro da atividade discursiva, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) concebem-no como “objeto de discurso”, uma vez que este é construído discursivamente, sendo diretamente influenciado pelo contexto em que está inserido. O que está posto no “real” é reelaborado pela língua a partir do momento que ela é tomada pelos participantes de uma situação comunicativa e estes representam o “real” conforme as suas vivências e visões de mundo. É na necessidade discursiva que os objetos surgem, logo, a partir dessa nominalização, vê-se que os referentes não são tomados de um modo apriorístico e estável como outrora fora concebido.

Com isso, a compreensão dos objetos depende do processamento sociocognitivo, pois aquilo que está armazenado na memória, bem como as marcas sociais do interlocutor, são ativadas no momento de compreender o objeto. Sendo assim, a referenciação não se restringe a uma retomada de um elemento previamente exposto e retomado, à exemplo de um pronome, mas sim de um objeto que se constrói no seio discursivo e que só é interpretado a partir da

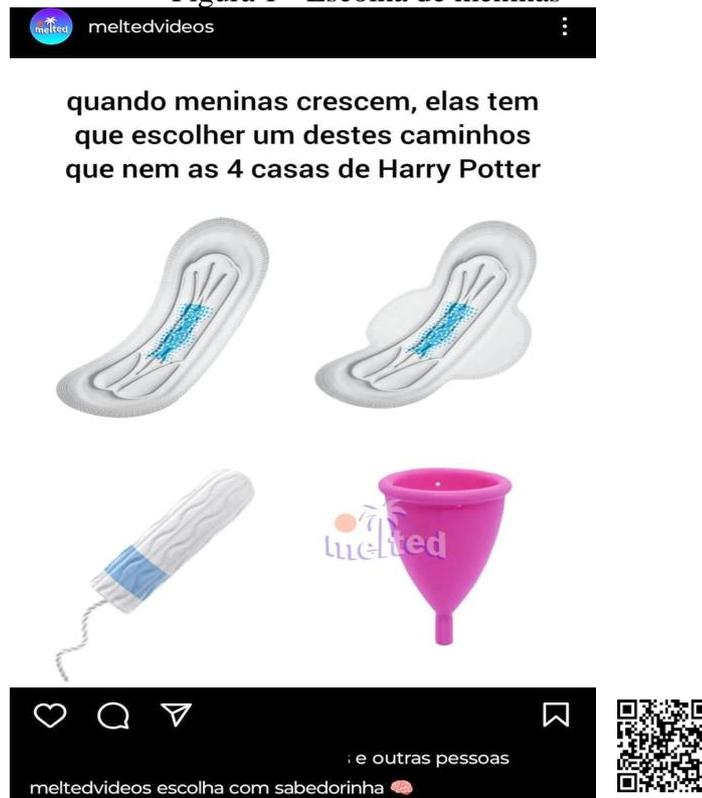
análise do contexto em que está inserido e, para isso, demanda um trabalho cognitivo colaborativo dos interactantes.

Essa perspectiva de “visões do real” alimenta o viés sociocognitivo presente nos textos, posto que os objetos presentes neles não são dados, mas construídos no contexto comunicativo. É com isso que chegamos à discussão sobre a construção do referente ser realizada intersubjetivamente no ato comunicativo.

As instabilidades não são simplesmente um caso de variações individuais que poderiam ser remediadas e estabilizadas por uma aprendizagem convencional de “valores de verdade”; elas são ligadas à dimensão constitutivamente intersubjetiva das atividades cognitivas. É com relação a isto que insistiremos nesta parte, na referenciação concebida como uma construção colaborativa de objetos de discurso. [...] (Mondada; Dubois, 2003, p. 35).

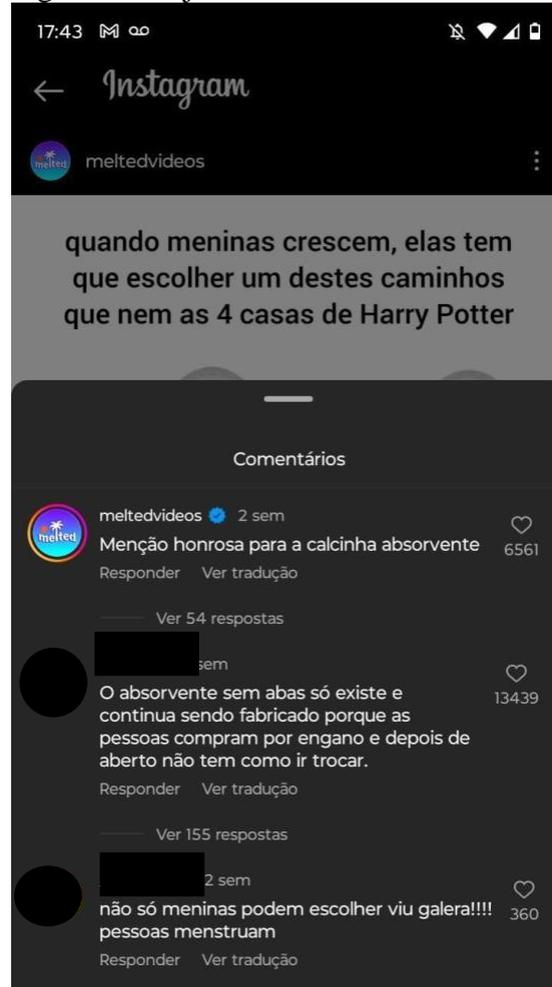
Quando se fala desta construção conjunta, não significa que os objetos são construídos no momento exato da comunicação, mas no contexto em que estão inseridos, considerando as perspectivas de mundo, sendo elas as responsáveis pela (re)construção do real. Ademais a isso, tais objetos, quando inseridos, podem ser alimentados, enriquecidos, pelos interlocutores. Vejamos os exemplos (1) e (2).

Figura 1 - Escolha de meninas



Fonte: Meltedvideos (2024a).

Figura 2 - Objeto construído coletivamente



Fonte: Meltedvideos (2024a).

Os exemplos expostos acima trazem uma nova demanda à discussão, visto que a criação dos objetos é colaborativa, mas não significa que seja feita de forma pacífica. O segundo comentário diz: “pessoas menstruam”, se opondo à construção principal da postagem, esta que visa expor uma escolha apenas de “meninas”, ou seja, mulheres cisgênero. É preciso uma compreensão do contexto de luta dos homens transgêneros para compreender o que este comentário demanda. A partir disso, o objeto em questão é enriquecido e transformado colaborativamente pela visão oposta do real de um de seus interlocutores.

Mondada e Dubois (2003) avançam em suas análises ao demonstrarem que as visões do real não são estáveis e possuem um caráter constitutivamente instável, expondo assim que não há uma visão pronta e acabada dos referentes acionados em um discurso, visto que os próprios participantes da comunicação são indivíduos em construção e que a todo instante mudam as suas visões sobre o mundo e, logo, refletem isso no momento de (re)construção dos objetos de

discurso. Cabe, no entanto, nos atentarmos para o fato de que há processos de estabilização de um referente.

Mondada e Dubois (2003) descrevem esse processo em três etapas: no nível psicológico por meio de protótipos; no nível linguístico -lexicalização-, nos estereótipos e na anáfora. De forma resumida, este processo se inicia com a restrição de compreensão de um referente ao nível mental, a partir disso ele se estabiliza quando o nomeamos. Esclarecendo, a lexicalização cuida de rotular os objetos, permitindo uma maior solidificação para o que anteriormente se limitava ao nível mental.

A partir disso, temos um novo nível para a estabilização de um referente, a prototipação, a qual advém do momento de rotulagem pelo léxico. As autoras salientam que após essa nominalização, os objetos ganham força mesmo fora de um contexto, sendo agora amplamente compartilhados e socialmente distribuídos, ganhando ainda mais visibilidade e resistentes às mudanças.

A evolução do protótipo nesse contexto, garante alcançar o nível do estereótipo. A anáfora finaliza o processo de estabilização quando exclui outras possibilidades para um objeto já devidamente estabilizado. Exemplo disso seria a “macaxeira”, esta não pode ser “inhame”. Não obstante a serem raízes, ambos já possuem a sua rotulagem adequada e ao serem acionados, excluem outras possibilidades existentes.

Analisando outro exemplo, como o termo “biscoito”, sabemos que este, conquanto tenha passado por todos os processos de estabilização, ainda sim, encontra sua instabilidade quando posto em certos contextos, a saber quando utilizado por habitantes da região sul/sudeste, os quais o chamam de “bolacha”. Sendo assim, há uma desestabilização característica para os objetos e isso comprova que mesmo nas tentativas mais refinadas de estabilização, os referentes se veem prontos a modificar-se, tendo em vista que não são representações estáveis do mundo, mas sim resultados de uma negociação intersubjetiva.

O processo de estabilização não anula o caráter instável do referente, mas reforça a necessidade de representações estáveis do mundo, principalmente se lançarmos um olhar para o meio científico que exige esta estabilidade, embora saibamos que teorias são constantemente reconfiguradas à medida que novas pesquisas se realizam.

Tendo isto em vista, fica visível o que são os indivíduos participantes do processo comunicativo que são os responsáveis diretos pela ativação, correção, desativação e reativação de um dado objeto de discurso, ou seja, por sua não instabilidade. O referente é constantemente transformado, seja para estabilizá-lo seja para demonstrar outros olhares sobre ele, como vimos no exemplo (2).

Ainda sob o viés da transformação dos referentes, podemos denominar esse processo de recategorização. Isso pode ser visto quando Mondada e Dubois (2003, p. 22) dissertam sobre a instabilidade das categorias para descrever o mundo, tratando-as como variáveis e flexíveis. Sendo assim, quando um referente, dentro de um texto, perde a sua categoria inicial, perdendo o seu sentido primário, sendo enriquecido por novas informações, por vezes a partir da introdução de novos referentes, temos um processo de recategorização, esse processo está fortemente relacionado ao contexto discursivo.

A partir das reflexões aqui expostas, verificamos que a teoria da referenciação alterou drasticamente a maneira de analisar a construção de um referente dentro de uma produção textual. Sabendo disso, dedicaremos a analisar como os linguistas de textos, mais especificamente I. G. V. Koch e L. A. Marcuschi, analisam os efeitos desses estudos para a LT no Brasil ainda embasados nos primeiros textos de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995).

## 2.2 REFERENCIAÇÃO NO BRASIL: PRIMEIROS PASSOS

Os autores Koch e Marcuschi (1998) lançaram em território brasileiro a primeira discussão acerca da referenciação, buscando trazer as primeiras modificações para a análise do referente, focando no exposto em Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995). Para tanto, inicialmente, os autores trazem a relação e, ao mesmo tempo, a diferença entre sequencialidade e topicidade.

A sequencialidade ganha foco nesse trabalho, visto que os teóricos observam que esse fenômeno da progressão referencial ainda não foi alvo de uma análise sistemática, sendo concebida, de forma geral, como a capacidade de introduzir, preservar, continuar, identificar etc. os referentes. (Koch; Marcuschi, 1998, p. 170). A relação com a topicidade se dá quando nota-se que a progressão de um referente garante a evolução do tópico, porém, por outro lado, o tópico não garante a continuidade de um referente, sendo essa diferença a responsável por quebrar a correlação entre ambos.

A grande questão analisada é que os referentes, na verdade, não são entidades linguísticas estáveis como também se pensava, principalmente, retomado-se os estudos lógico-semânticos, os quais defendiam uma visão transparente e extensionalista da língua, tal como critica Marcuschi (2008). Essa visão busca na atividade referencial a simples representação do mundo e isso se dá pela própria concepção de língua adotada nessas análises, a qual se pauta em uma visão instrumental dela.

Na contramão dessa ótica, temos a noção de língua como uma atividade “sociocognitiva em que a interação, a cultura, a experiência e aspectos situacionais interferem na determinação referencial” (Marcuschi, 2008, p. 139). Sendo essa visão fruto da concepção da língua como interação, os fatores agora postos em evidência são aqueles que antes eram rotulados como “extralinguísticos”, ou seja, o entorno comunicativo passa a ser decisivo para a construção dos objetos de discurso.

As críticas que sustentam esse viés representacionista do referente recaem no fato, primeiramente, de que o texto não é linear, sendo assim, a construção dos objetos não é unívoca. Ademais, Koch e Marcuschi (1998) salientam que a lexicalização não é suficiente para apreender um referente. Com isso, vemos um importante avanço para o que hoje já se consolidou acerca dos referentes que não estão contidos na superfície textual, sequer são mencionados, mas são apreendidos devido a outros mecanismos de análise que requerem um olhar sensível para o contexto. Sendo assim, ratificamos a ideia proposta de que a referenciação não se esgota em uma relação correferencial, mas de que o objeto de discurso é construído dentro da atividade discursiva de um modo particular de organização do tópico em cada momento do texto.

Sob esse prisma, Marcuschi (2008) concebe a língua enquanto atividade e o texto como evento, sendo assim, os objetos não seriam do mundo, mas sim do discurso. Nessa perspectiva a referência, ou melhor, referenciação não tem função de dizer o mundo de forma objetiva, tampouco podemos compreender as produções de texto de forma pronta e acabada, pois as construções dos referentes são dinâmicas e exigem dos interlocutores um esforço mental ainda maior. Vejamos o exemplo (3).

Figura 3 - As inferências



Fonte: Carecadoixpo e leaomilgrau (2024)



A imagem acima, retirada de uma postagem de uma página de humor do time recifense Sport Clube do Recife, expõe um exemplo da discussão feita anteriormente acerca da referenciação. Assim, como postulado por Marcuschi (2008), a questão da referenciação é essencial para a compreensão de um texto, tendo em vista que além de participar da continuidade tópica, ela é fulcral para a coerência textual, refletindo, também, no aspecto inferencial. Isto pode ser observado quando no exemplo (3) vemos que há a menção ao filme *Matrix* por meio das pílulas vermelha e azul, cujos referentes só são amplamente compreendidos se na memória do seu interlocutor essa informação for acessível. Ademais, é preciso observar a transformação desses referentes por meio das imagens dos jogadores, transformação esta que só é possível pelo imagético atrelado ao contexto, pois os jogadores colocados abaixo da pílula não são aleatórios, são aqueles que marcam os momentos atravessados pelo time, mas cada um fica de um lado da pílula representando, a primeira a realidade, e a segunda um mundo ilusório.

Essas possibilidades de compreensão não ocorrem de forma objetiva como apregoa a visão representacional da referência, é preciso considerar uma série de aspectos cognitivos que levam em conta a memória, o contexto entre outros aspectos (culturais, sociais, interacionais, históricos etc.) para a apreensão de um objeto de discurso, o que comprova o seu status

dinâmico. Marcuschi (2008, p. 139) salienta para essa perspectiva dinâmica que “Aqui os sentidos fundam-se numa atividade de interação e coprodução em que os conhecimentos partilhados têm um papel crucial.”

A grande questão da perspectiva sociocognitiva da referenciação é que não mais nos limitamos a pensar como se instala a referência, mas sim como se dá o processo de recepção do referente e a construção de sentidos. Assim, passa a ser parte da investigação da referência as operações feitas pelos interlocutores para apreender os referentes, por isso os elementos que antes eram vistos como extralinguísticos passam a ser acolhidos, uma vez que não são vistos como desgarrados da atividade linguística, pois são eles os responsáveis por (re)elaborá-la. Sendo assim reiteramos o dito por Marcuschi (2008, p. 140) “é essencialmente na interação (interpessoal ou com o texto) que se constrói o sentido”.

Koch e Marcuschi (1998) para comprovar que a construção dos referentes não pode ser restrita ao viés da retomada, analisam como um pronome, que não tem um aspecto de autossuficiência, pode realizar uma referência mesmo que ela não tenha sido mencionada, sendo a atividade cognitiva essencial para a apreensão dessa. Vejamos o exemplo abaixo exposto em Marcuschi (2008).

Figura 4 - A referência em contexto

	(1) F001 - telefonema	
352	V:	eu tava lá dentro...
353		mas sabe que eu não me servi de absolutamente nada a não ser uma coca- -cola...
354		porque eu vi passando mas eu tava tão agoniada tão tensa sabe[...
355	B:	[éh
356	V:	mas diz que foi terrível né
357		porque os meios das cadeiras eram estreitas e não dava pra ele passá né
358	B:	é... exato...
359		aí ficava um avanço
360		ficava uma coisa feia
361		quando vem pra cá vem chegando... "fica aqui espera aí que eu vô pegá um
362		pra mim"... 0 pegavam de dois três
363	V:	nordestino é fogo viu
364	B:	ave maria achei tão feio viu

Fonte: Marcuschi (2008, p. 140).

O autor para expor esse exemplo fala sobre o processo de referir como uma atividade que só ocorre dentro de um discurso, sendo fora dele apenas uma referência virtual. Porém, ao tratar dos pronomes e dêiticos, o autor mostra que a referência concreta só ocorrerá por meio de outros indicadores, já que essa referência virtual por meio da lexicalização não é autossuficiente para eles.

Esses outros indicadores citados podem ser observados no exemplo 4, na linha 357 quando o pronome “ele” é compreendido dentro da comunicação entre os interactantes como “garçom”. Vejamos que esse referente não foi previamente lexicalizado, mas é o contexto em seu aspecto sociocultural que permite essa apreensão, principalmente pelo aspecto de servir e a referência masculina, já que canonicamente os garçons apresentam-se nesse gênero.

Cabe destacar que Koch e Marcuschi (1998) expõem que essa forma de referenciar é característica da fala. Isso fica nítido quando observamos que o processo de apreensão dos referentes nessa modalidade é bem mais saliente ao nível contextual, já que os participantes estão em uma interação direta com um feedback imediato. A escrita, por sua vez, exige um maior esclarecimento no momento de introduzir e retomar referentes, visto que os interlocutores são diversos e por vezes não são capazes de englobar essas referências. Também é preciso salientar, dito também pelos autores supracitados, que nas produções escritas em que ocorre esse tipo de referência são daqueles gêneros que se aproximam da oralidade (semelhante a uma conversa) ou da informalidade, algo que verificamos nos textos produzidos nas redes sociais, sendo esse tipo de referenciação comum nesses meios.

Essa exemplificação dá conta, novamente, de asseverar o que é dito por Koch e Marcuschi (1998, p. 173): “a língua é heterogênea, opaca, histórica, variável e socialmente construída não servindo como mero instrumento de espelhamento da realidade.” Para tanto, todos esses aspectos refletem o trabalho cognitivo realizado durante o processamento da referência em um texto, não sendo uma atividade acabada, mas fruto de uma negociação socialmente ancorada. Com isso, a atividade de referir se estabelece discursivamente, por isso, asseveramos o seu status de objeto de discurso e não somente de referente. Esses objetos são construídos em uma relação do indivíduo com o mundo, em que o primeiro lança sua visão sobre esse segundo, por isso não podemos tomar as referências como espelhamento da realidade, pois os indivíduos, plurais como são, estão sempre reelaborando o mundo, as suas visões e transformando-as.

Koch e Marcuschi (1998) embasados em Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 175) traçam a diferença entre referentes mundanos e objetos de discurso. Enquanto o primeiro possui uma existência prévia e estável, o segundo se constrói no interior do desenvolvimento de um discurso: “São estes objetos que os itens lexicais vão designar e não propriamente algo que esteja fora da mente, isto é, algo mundano.”. Com isso verificamos que a simples relação correferencial não dá conta de compreender globalmente um referente, sendo até salientado pelos autores a necessidade de se repensar a anáfora.

Quando buscamos ativamente um referente lexicalizado, esquecemos todos os outros referentes que constroem as redes referenciais - discutiremos esse conceito mais à frente - e passamos a ratificar a falácia da etiquetagem por meio do léxico. Essa falácia solidifica o padrão representacionista que ainda é disseminado: “dizer o mundo não é o mesmo que dar nome às coisas” (Koch; Marcuschi, 1998, p. 177) ou seja, o que produzimos discursivamente não está atrelado a uma relação unívoca entre língua-mundo, haja vista as visões particulares que cada indivíduo detém sobre o “mesmo” mundo.

O importante é ter presente que, no decorrer de um discurso, o indivíduo tem ao seu dispor uma série de alternativas para designar referentes, inclusive os mesmos referentes. Pode escolher elementos lexicais variados, sendo que uma das consequências dessa variação é que os termos não operarão como co-significativos, pois a significação será sempre e essencialmente contextualizada (Koch, Marcuschi, 1998, p. 178).

É nessa perspectiva que não são os sinônimos ou apenas os pronomes que darão conta dos processos referenciais. A produção discursiva em sua totalidade passa a ser levada em conta, o que inclui considerar os referentes que são acionados através de estratégias diversas

que darão conta de evolui-los, enriquecendo-os, desativando-os, acionando outros e assim ampliando a sua dimensão, sendo possível realizar esse processo de referir sob diversas formas.

A seguir analisaremos mais a fundo como a perspectiva sociocognitiva enriquece a análise da referenciação, passando a considerar os aspectos do entorno para a ampla compreensão dos objetos de discurso acionados.

### 2.3 REFERENCIAÇÃO – UMA ATIVIDADE QUE PASSA, OBRIGATORIAMENTE, POR UM TRABALHO SOCIOCOGNITIVO

Assim como dito por Custódio Filho (2011, p. 121) “[...] podemos, então, conceituar o processo de referenciação como o conjunto de operações dinâmicas, sociocognitivamente motivadas, efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve [...]”. Cavalcante (2012) partilha desta visão, adicionando categorias que discutiremos no próximo subtópico.

Em seus estudos, Cavalcante (2012) assegura a referenciação como um fenômeno textual-discursivo, comprovando o que discutimos em Mondada e Dubois (2003) sobre os objetos serem construídos discursivamente. Ela salienta que as visões do real construídas pela negociação entre os sujeitos são apreendidas a partir de um processamento sociocognitivo. Vejamos este exemplo (5).

Figura 5 - Eu prefiro morrer



Fonte: Pernambuco Posting (2024).



Para que se compreenda o humor da postagem acima, precisamos adicionar uma informação que está no formato de áudio. O cantor diz “Eu prefiro morrer”, este trecho combinado com a o conteúdo verbal escrito gera o humor, porém este só é apreendido a partir do momento em que o leitor realiza as associações contextuais.

Estas associações só serão feitas se o interlocutor estiver inteirado do estereótipo que circula nas redes sobre a cidade de Abreu e Lima ser um ambiente desagradável. Cavalcante (2012, p. 112) afirma: “Somos capazes de fazer essa associação porque trabalhamos cognitivamente a partir das pistas cotextuais [...]”. Com isso, verificamos que a construção do referente “lugar desagradável” é tida a partir do processamento realizado pelo leitor, este que é permitido a partir das pistas, até então verbais, dadas pela postagem.

Com isso, a autora reforça a metáfora desenvolvida por Koch (2015), a qual avalia o texto como um “iceberg”, visto que o que fica à mostra, a sua ponta, é apenas uma parcela para compreendê-lo, é no trabalho cognitivo que temos a recepção da mensagem pretendida. Sendo assim, é por meio dos conhecimentos enciclopédicos, da memória discursiva dos falantes que conseguimos apreender as referências propostas em uma produção textual: “[...] a maior parte das assunções contextuais é recuperada da memória, isto é, do contexto cognitivo dos interlocutores” (Koch, 2015, p. 33).

Cabe, porém, dar ênfase ao aspecto social, não podemos, pois, negar este viés para a apreensão completa do referente.

[...] O aspecto cognitivo não pode ser desvinculado do aspecto social. O aparato de conhecimentos armazenados e de mecanismos de processamento textual é originado, enfim, das experiências sociais dos indivíduos. Esses conhecimentos estão sempre sujeitos a mudanças e adaptações conforme essas experiências vão acontecendo (Cavalcante, 2012, p. 112).

Tendo isto em vista, verificamos que aquilo que é acionado mentalmente no momento de recepção do referente, só é possível devido ao que está armazenado na memória e isto é resultado das nossas vivências sociais. Logo, o que foi visto em (5) comprova o viés sociocognitivo da construção dos referentes, quando verificamos que o referente em questão só é compreendido por aqueles que possuem o conhecimento do estereótipo que a cidade de Abreu e Lima detém. Tal estereótipo parte de uma ideia propagada no senso comum entre os próprios habitantes da cidade em questão, uma vez que esta, mais afastada do centro, já ganha conotação negativa por isso, mas também por seu pouco desenvolvimento, sendo considerado um local ruim de se morar. Devido a isso, as páginas de humor local disseminam essa ideia partilhada por alguns para gerar o humor e, logo, o engajamento na página.

Fica evidente, portanto, que a construção dos objetos de discurso -referentes- é sociognitivamente motivada, sendo os sujeitos os responsáveis por elaborar e reelaborar os referentes no momento de construção do texto, buscando expor as suas visões sobre o real. É neste processo que poderemos ver embates entre os sujeitos que possuem visões divergentes sobre o referente.

É imperioso, que no momento de apreensão dos referentes seja levado em consideração o contexto que atravessa o processo de identificação e interpretação do objeto de discurso. Não levar isto em consideração é limitar a compreensão possibilitada pelo texto. Aquilo que é armazenado no intelecto e ativado pelo contexto, é essencial para a efetivação do papel do texto e isso também comprova que o aspecto linguístico é apenas uma parcela do texto e não o resumo.

Fica evidente, portanto, que o viés sociocognitivo é importante para a compreensão do referente, pois, assim como dito por Cavalcante *et al.* (2014 p. 21-22), a superfície textual se torna incompleta diante de uma significação que exige mais do que simplesmente olhar para aquilo que está posto, necessitando de ações para além do texto. Esse trabalho cognitivo não ocorre de uma maneira individual, ele é colaborativo por isso os autores nominalizam o participante da interação como “coenunciador”. São as ativações e reativações dos conhecimentos sócio-historicamente definidos que auxiliam na construção da coerência da produção em análise.

Tendo em vista essa perspectiva, buscando avançar mais nos estudos da referenciação, dedicaremos o tópico a seguir para refletir como o novo olhar sobre a referenciação deixa para trás o aspecto puramente representacionista e lexical que a referência outrora detinha.

#### 2.4 O “FIM” DA VISÃO REPRESENTACIONISTA E UM PRIMEIRO OLHAR PARA AS ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO

Ao tratar da referenciação propriamente dita, evidenciamos que esta é atravessada por um processo dinâmico, rompendo com a falácia de que o ato de referir se restringe a uma visão real e estável do mundo. Blikstein (1995 *apud* Koch, 2015) questiona sobre a relação entre o signo linguístico e a realidade. Tal questionamento atravessou inúmeras discussões, desde o campo filosófico até o linguístico.

Koch (2015) desenvolve o pensamento de Blikstein (1995), demonstrando que este defendia a ideia de que a realidade apreendida por nós nada mais é do que a nossa visão eivada do nosso contexto cultural, “ou seja, percebemos os objetos tal como previamente definidos por

nossas práticas culturais: a “realidade” é fabricada por toda uma rede de estereótipos culturais [...]” (Koch, 2015, p. 92).

Esses estereótipos, como vimos em Mondada e Dubois (2003) são fortificados pelos lexemas, ou seja, o linguístico solidifica o referente que é construído pelo imaginário popular. No entanto, Blikstein (1995) reforça que, por muito tempo, o estudo dos referentes na linguística se restringiu ao símbolo linguístico em detrimento do seu sentido, da sua semântica, haja vista que isto seria parte de um campo “fora” da linguística, sendo considerado alheio aos estudos linguísticos, uma vez que seriam partes de um aspecto contextual que até então não era acolhido pela linguística.

Entendendo as restrições de apreender apenas o signo, a linguística passa a abarcar o referente e o entorno que o constitui e, logo, o aspecto mental e social envolvido, “Assim, segundo Blikstein (1995), a percepção/cognição transforma o ‘real’ em referente, ou seja, a realidade se transforma em referente por meio percepção/cognição [...]” (Koch, 2015, p. 93). Tendo essa percepção mais solidificada, foi possível avançar um pouco mais nos estudos da referenciação não mais nos limitando aos aspectos puramente linguísticos envolvidos nesse processo, sendo possível propor a classificação de algumas estratégias para o processo de referir.

Koch (2015, p. 97) nos apresenta, pois, algumas operações básicas do processo de referenciação, a saber: ativação; reativação e de-ativação. O primeiro refere-se ao momento em que o objeto, até então não mencionado, é introduzido; o segundo, o dado objeto é novamente mencionado, ficando, assim, saliente no texto; já o terceiro, é quando temos um novo objeto, mudando a direção referencial do texto em questão e desativando o anterior. Buscando deixar essas operações mais claras, vejamos o exemplo (6).

Figura 6 - Introdução referencial e anáfora indireta



Fonte: Folhape (2024).



Observamos que há a ativação de alguns referentes, destacamos “Raphaela Santos” e “Priscila Senna” que aparecem desde a manchete junto à imagem delas mesmas. Percebemos uma reativação desses referentes por meio dos termos como “as cantoras” e a repetição dos nomes delas ao longo da matéria, nomes esses repetidos, mas com novas informações que recategorizam esses referentes.

No terceiro parágrafo, percebemos a presença de mais dois referentes, Chico Science e Lia de Itamaracá. Por serem os homenageados da festa de carnaval, podemos concebê-los como uma de-ativação, uma vez que mudam o foco da postagem que se restringia à apresentação de Raphaela e Priscila.

Koch (2015) tece uma extensa discussão sobre as diversas estratégias de progressão referencial, ou seja, as formas utilizadas para fazer um referente progredir em um texto, como o uso de pronomes; formas nominais definidas etc. No entanto, com o desenvolvimento dos estudos sobre a referenciação, Cavalcante (2012) propôs uma classificação para esse processo de uma maneira mais simplificada, a saber : introdução referencial, anáfora e dêixis. Para uma

melhor compreensão destes, abordaremos cada um deles com suas características principais a seguir.

### **2.4.1 Introdução referencial**

A introdução referencial é o momento de estreia de um referente, quando este não fora mencionado e surge pela primeira vez no texto: “[...]isso pode se dar pelo modo mais evidente: por meio do emprego de uma expressão referencial ainda não mencionada anteriormente” (Cavalcante *et al.* 2014, p. 54).

Se voltarmos ao exemplo (6), veremos que a manchete se inicia com “Carnaval do Recife”, este termo pode ser concebido como uma introdução referencial, posto que é a primeira vez que este aparece no texto, dando margem para que possa progredir ao longo dele, sendo confirmado ou corrigido. Há outras introduções nesta notícia, mas vamos focar nela para que fique mais clara a compreensão dos processos referenciais.

Verificamos que esta introdução é concebida contextualmente, não há outros elementos que demandam a sua introdução. Cabe salientar que se trata de uma introdução, pois não há nenhum elemento que possa relacionar-se a ela anteriormente. Cavalcante (2012, p. 122) sinaliza:” [...] existem dois tipos de introdução de referentes que se realizam por meio de expressões referenciais: as que estão e as que não estão relacionadas a algum elemento no contexto.”

### **2.4.2 Anáfora**

Para as anáforas cabe destacar que existe mais de um tipo, a tida como direta (correferencial) e a indireta. Contudo, mesmo com essa divisão, todas as anáforas buscam evoluir um referente dentro do texto. Segundo Cavalcante, (2012, p. 123), “[...] a estratégia anafórica diz respeito à continuidade referencial, ou seja, à retomada de um referente por meio de novas expressões referenciais.” São essas expressões que transformarão o referente em tela, recategorizando-o e o fazendo progredir na teia que se faz um texto. Vejamos o exemplo (7).

Figura 7 - Anáfora direta e encapsuladora



Fonte: Diariodepernambuco (2024). 

De uma forma simplificada, temos um claro exemplo de anáfora direta nesta notícia. Já na manchete presente junto à imagem vemos a introdução referencial com o termo “avião”<sup>1</sup>. Ao analisar o corpo do texto, na legenda, este mesmo referente é retomado por recorrência pelo nome “avião”. Ainda no primeiro parágrafo, observamos mais uma retomada, agora por sinônimo “aeronave”.

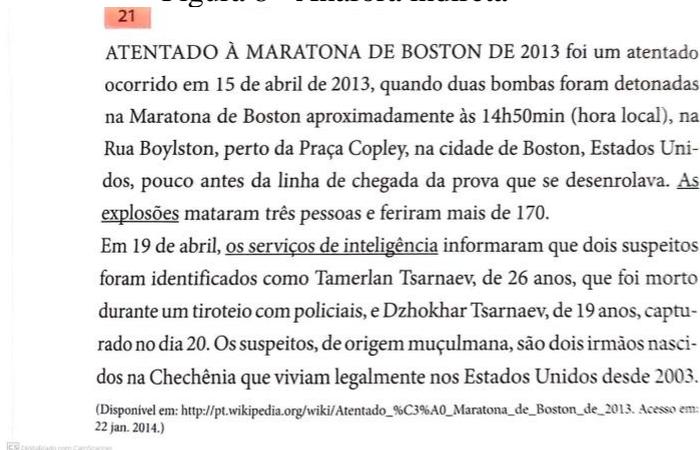
Lancemos um olhar para a expressão “a informação” contida na notícia do exemplo (7). Vejamos que ela dá conta de resumir o conteúdo expresso no período anterior, esse fenômeno é chamado de “anáfora encapsuladora”. Nas palavras de Cavalcante (2012, p. 127): “Essa estratégia anafórica, na qual uma expressão referencial resume um conteúdo textual, inclui outros conhecimentos que temos sobre o que está sendo referido[...]”. Notemos que “informação” rótula o conteúdo presente no período anterior e esta é uma característica desse tipo de anáfora. Cavalcante *et al.* (2014 p. 80) veem esse tipo de anáfora como um subtipo da

<sup>1</sup> Deixamos aqui uma reflexão sobre o caráter de introdução referencial que o termo “avião” ganha na manchete. Mais à frente trabalharemos a perspectiva multimodal da referenciação, sendo possível pensar que quem introduz o referente “avião”, é, na verdade, o conteúdo imagético proposto pela figura central na postagem.

anáfora correferencial, tendo em vista que há um processo de retomada explícita sobre algo já mencionado, mesmo que de uma forma mais ampla, por ser realizada a partir de porções do texto, mas agora por meio de uma rotulagem que, no exemplo visto, foi “informação”, já que, de fato, o conteúdo expresso anteriormente tratava-se de uma informação.

Por fim, podemos elencar a chamada anáfora indireta a qual possui uma relação indireta com os referentes já mencionados não sendo, pois, possível enquadrá-las como um caso de introdução referencial. Vejamos o exemplo (8) abaixo:

Figura 8 - Anáfora indireta



Fonte: Cavalcante *et al.* (2014, p. 69).

O exemplo acima, retirado dos autores mencionados, exemplifica bem o fenômeno da anáfora indireta, quando se observa termos como “as explosões”, “os serviços de inteligência”, que não se tratam da introdução de novos referentes, mas de expressões que estão ancoradas em referentes já mencionados como “atentado”, “bomba”.

Sendo assim, as anáforas indiretas estão intimamente relacionadas ao contexto e, ao serem mencionadas, não buscam introduzir novos referentes, mas enriquecer aqueles já mencionados. Com isso verificamos que as anáforas indiretas estão relacionadas com o universo criado pelo discurso não podendo ser concebidas como novos referentes: “[...] Este é o traço mais marcante das anáforas indiretas: sua interpretação depende de outros conteúdos fornecidos pelo contexto, e elas não têm correferência com nenhuma outra entidade já introduzida.” (Cavalcante *et al.* 2014, p. 72) Com isso asseveramos a relação da anáfora indireta com o contexto discursivo.

### 2.4.3 Dêixis

Este tipo de processo referencial relaciona-se diretamente ao entorno que se constrói o discurso, pois ele se refere ao que está “fora” do contexto, mais especificadamente, ao que se relaciona a quem enuncia. Cavalcante *et al.* (2014, p. 85) salientam que os dêiticos estabelecem um vínculo entre a superfície textual e a situação comunicativa. Com isso, verificamos que a Dêixis pode assumir um papel tanto de retomada correferencial quanto de introdução. A grande questão desse processo é apreender quem está enunciando, uma vez que, é só a partir disso, que podemos identificar a entidade a quem ele se refere.

Em se tratando do entorno comunicativo, a dêixis pode ser temporal, pessoal, local entre outras. Não buscamos aqui nos aprofundarmos neste tópico, apenas mencioná-los para uma compreensão mais ampla sobre os processos referenciais. Para tanto, vejamos um exemplo (9).

Figura 9 - Dêixis pessoal



Fonte: Meltedvideos (2024b).



Ao analisar o meme acima, verificamos a presença de um elemento dêítico pessoal, o pronome “eu”. Somando-se a isso, este meme oferece algumas pistas de quem seria este “eu”, quando coloca abaixo uma música que seria do gosto musical deste enunciador. Vejamos que quem revela aqui o dêítico é próprio conteúdo imagético/verbal do meme, mas isso não anula o seu caráter.

Com isso verificamos as estratégias simplificadas para a análise do processo de referir, demonstrando o quão variadas podem ser e como apenas a volta para (co)texto não é suficiente para apreender um referente adequadamente. Sendo assim, analisaremos no próximo tópico os estudos de Custódio Filho (2011), o qual busca apresentar as novas perspectivas para a referenciação.

## 2.5 OS AVANÇOS PARA A ANÁLISE DO FENÔMENO DA REFERENCIAÇÃO: A SEGUNDA TENDÊNCIA

Nos subtópicos anteriores, nos debruçamos sobre a referenciação e suas principais estratégias, por vezes nos limitando aos aspectos verbais mais salientes, e por outros ao próprio contexto. Visando não nos restringirmos a esse aspecto, apresentaremos algumas ideias desenvolvidas na tese de Custódio Filho (2011), o qual verifica a chamada “segunda tendência” da referenciação, na tentativa de propor um novo olhar para a atividade de referir de forma mais evidente da que já se fazia pelos autores já trabalhados, principalmente no aspecto multimodal dos textos.

Custódio Filho (2011) abre espaço para uma análise da referenciação para além da correferência e das expressões linguísticas que nominalizam o referente. Ainda que enunciado por outros autores, a saber Koch e Marcuschi (1998), das possibilidades da referenciação para além da correferencialidade, trabalhos como o de Koch (1989) trazem uma nomenclatura exaustiva acerca dos mecanismos de coesão referencial, como citando as formas gramaticais presas (artigos, pronomes e numerais) e as livres (advérbios), bem como as formas lexicalizadas entre outras que buscam minuciosamente classificar esse processo, principalmente dentro do âmbito verbal.

Sendo assim, ao analisar os estudos da referenciação seguindo o enfoque da segunda tendência, verificamos que a identificação linguística do referente, bem como os elementos linguísticos utilizados para realizar a correferência é apenas uma possibilidade, mas não o seu fim. A atividade de referir é realizada discursivamente, tendo aspectos abrangentes para além da correferência. Custódio Filho (2011, p. 137) sinaliza: “[...] pois, além da função (talvez mais evidente) de identificação, incluem-se outras tão ou mais importantes – por exemplo, organização da informação, marcação da argumentação, instauração de efeito estilístico”

Tendo em vista as restrições da primeira tendência, quando esta supervaloriza a correferencialidade, enxergamos, como postulado por Custódio filho (2011), que a segunda tendência permite um olhar mais amplo sobre o texto no momento de construção do objeto de discurso, não se restringindo a porções do texto, mas elas em sua completude. Para tanto, Leite (2007a *apud* Custódio Filho, 2011, p. 142) sinaliza que para apreender os referentes nesse aspecto, seriam necessárias “estratégias inferenciais complexas”. Vejamos o exemplo (10).

Figura 10 - Já são “5”



Fonte: PernambucoPosting (2024b).



O objeto “Sport perdeu vergonhosamente” não é linguisticamente introduzido, porém, realizando a devida estratégia referencial, esse referente pode ser construído. Primeiramente, temos o conteúdo verbal “acorda filho já são 5”, que ativa cognitivamente a lembrança do placar do jogo entre Sport e Retrô, em que o time rubro-negro perdeu de 4X2. Isto é revelado na segunda frase “O que? Outro gol do Retrô?”, ou seja, “outro” seria o mais um para formar o placar 5X2.

Ao dizer “já são 5”, novamente nos remetemos ao horário canônico de acordarmos. Esse entrelaçamento do acordar com o placar do jogo, bem como a imagem do garoto acordando não tão feliz e o brasão estrategicamente colocado sobre a imagem do garoto, representando um torcedor do Leão, são informações essenciais para a construção do referente em questão.

O exemplo (10) consegue dar conta do previsto pela segunda tendência nos estudos da referenciação, vejamos quantas operações foram necessárias para construir o referente, apenas os elementos verbais não dariam conta dessa construção, o imagético também surge como essencial.

[...] Para além das reflexões do grupo, julgamos que uma outra contribuição interessante, e afinada com o projeto da segunda tendência, seria a consideração de que os referentes podem ser construídos a partir de recursos outros que não o material verbal de um texto. Sugerimos a hipótese de que os recursos multimodais também fazem parte do processo da referenciação, o que começa a ser observado a partir do trabalho de Mondada (2005) (Custódio Filho, 2011, p. 149-150).

Sob esse prisma, salientamos que, principalmente nas construções on-line verificamos a referência sendo construída para além do verbal. Isso é potencializado devido ao ecossistema da *web* que permite o uso de recursos como vídeo, som, imagens, *gifs* e afins. Essa gama de recursos é utilizada em larga escala para construir memes ou postagens humorísticas.

Sob esse viés, podemos asseverar a construção não linear do referente que já fora mencionada por Koch e Marcuschi (1998) previamente, e, agora, amplamente trabalhada pelos seus sucessores. Silva e Custódio Filho (2013) abarcam essa discussão ao demonstrarem o caráter não linear dos processos de recategorização, ou seja, a transformação do objeto não ocorre correferencialmente, mas sim de forma difusa e contando com outros recursos para além do verbal.

Essa forma “deslinear” comprova a dinâmica do texto de ir e vir, ativando desde conhecimentos enciclopédicos aos contextuais, provando a necessidade de realização de operações para além do cotexto e de que a leitura de um texto não é unidirecional. Assim, tomamos aqui o dito em Custódio Filho (2013, p. 83) “A proposta demanda um deslocamento da recategorização, que passa a ser entendida, cada vez mais, como um processo e não uma forma.”

Devido a isso, reiteramos o caráter dinâmico da referenciação. Sob esse viés não linear, acabamos por observar lacunas na proposta tradicional de cadeias referenciais, quando estas, ancoradas na primeira tendência, buscam expor os laços correferenciais dentro do texto que permitem a formação do objeto de discurso. Para esse movimento como deslinear, o conceito de redes referenciais em Matos (2018) nos parece mais completo quando amplia a noção de cadeia referencial, a qual acaba por limitar-se às questões linguísticas entre o referente a sua anáfora.

Essa concordância advém do fato de que nas redes, aspectos para além do verbal são considerados. Com isso, outros fatores como os sonoros, gestuais, imagéticos passam a ser considerados na formação dessas redes. Matos (2018), no entanto, observa que essas redes são definidas conforme os gêneros textuais, não buscamos, pois, adentrar a este campo.

Abrigamos o conceito de redes referenciais no que tange ao entrelaçamento de sentidos (Matos, 2018, p. 6). Com isso, as porções textuais analisadas são vistas em um encadeamento

de sentidos que se interligam com o objetivo de fomentar um referente que busca ser apreendido a partir de um esforço mental que exige do leitor conhecimentos inferenciais.

Dessa forma, tais redes são formadas por nódulos ativados pelo contexto, estabelecendo uma série de associações de várias naturezas, funcionando como links, ou modos de conexões entre os referentes, os quais são todos interligados na construção e manutenção da coerência. Neste mesmo pensamento, as recategorizações que atuam nessas redes são avaliadas não apenas por tipos pontuais e restritos a certas unidades linguísticas, mas também por uma infinidade de indícios contextuais, resultantes de uma visão sociocognitiva sobre os processos de referência. (Matos, 2018, p. 6-7).

A seguir analisaremos o viés argumentativo que a referenciação detém, sendo possível analisar este aspecto principalmente quando se concebe o texto em um viés sociocognitivo e não limitante ao seu aspecto linguístico.

### **2.5.1 O viés argumentativo da referenciação**

Abrimos este subtópico objetivando expor brevemente sobre o aspecto argumentativo, o qual é visto sob outra ótica quando avaliamos o aspecto multimodal dos textos, principalmente os nativos digitais. Cavalcante *et al.* (2014) analisam que os processos referenciais como um todo cumprem uma função argumentativa. Para tanto, vejamos os exemplos abaixo (11) e (12).

Figura 11 - Fim da criminalidade part. I



Fonte: PernambucoPosting (2024c).



Figura 12 - Fim da criminalidade part. II



Fonte: PernambucoPosting (2024c).

As postagens acima, na verdade, fazem parte de um mini vídeo (reels) em que o personagem Pernalonga está fazendo um corte com uma serra, mas o que conseguimos ver é que ele está cortando algo que está localizado abaixo dele. Logo depois, o vídeo corta para uma imagem em que visualizamos o mapa de Pernambuco e que duas cidades são retiradas dele, Jaboatão dos Guararapes e Cabo de Santo Agostinho. A soma das partes, permite compreender que a saída dessas cidades levaria ao fim da criminalidade em Pernambuco.

Já sinalizamos aqui como as partes do texto, junto a um processamento que exige conhecimentos para além do contexto, constroem um objeto de discurso. Também já pontuamos o caráter intersubjetivo e negociado dessa construção. Somaremos a isso o viés argumentativo que um objeto de discurso pode evidenciar.

Destacamos que o ato de argumentar não se restringe ao emitir claramente uma opinião sobre algo, mas quando escolhemos algo dentro de um âmbito em que temos outras escolhas, e essas são feitas objetivando um fim, possuem uma intenção e é essa intenção, mas ou menos expressa que se dá o viés argumentativo. Para fundamentar esta visão utilizaremos a analista do discurso Amossy (2017), com a sua teoria da argumentação no discurso, a partir da qual se pode

dizer, conforme Cavalcante *et al.* (2020), que todo texto possui um viés argumentativo. Sendo assim, há textos que possuem em suas matrizes genuinamente o objetivo de agir sobre o outro, ou seja, convencê-lo a tomar uma atitude ou mudar de ideia.

No entanto, há outros textos, concebidos como “não argumentativos”, mas que, se analisarmos de forma detida, notaremos que eles são construídos a partir de um “eu” que possui uma visão e que a deixa escapar, mesmo que não seja este o seu objetivo consciente. Cavalcante *et al.* (2014, p. 114) destacam que: “[...] cada locutor, a cada enunciação, recorre a diferentes escolhas, e nenhuma delas é argumentativamente neutra.”

Pinto, Cavalcante e Brito (2018, p. 8) ressaltam, com base em Amossy (2017), que “todo discurso já traz consigo determinados valores axiológicos e certos posicionamentos a eles associados.” Retomando os exemplos (11) e (12), podemos verificar isto quando mesmo não sendo o objetivo do enunciador, convencer, de fato, a se retirar estas cidades de Pernambuco, ainda assim, há nesta postagem um posicionamento, uma visão clara de que seriam estas as cidades responsáveis pela criminalidade em Pernambuco.

É isto que Amossy (2017) toma como dimensão argumentativa, são os textos que mesmo não almejando agir sobre o outro de maneira direta, expõem as suas visões do real por parte do sujeito que enuncia. Diferente da visada argumentativa, também discutida em Amossy (2017), estes textos de dimensão não têm um objetivo explícito de persuadir.

Associando essa discussão mais claramente à referenciação, Cavalcante *et al.* (2020) discute sobre o viés argumentativo presente nesse processo. As autoras trazem à baila os trabalhos de Cortez e Koch (2013) que já evidenciavam os pontos de vista presentes nos objetos de discurso. Com isso, verificamos que essa discussão já se constrói na LT e vem ganhando mais campo com o avanço da segunda tendência.

Vê-se que o processo de construção de objetos de discurso é direcionado à concretização de uma instância argumentativa da linguagem, visto que é calcado no agir dos sujeitos. Isso quer dizer que a recategorização referencial – que corresponde ao processo de transformação de um ou mais referentes ao longo de um texto (Cavalcante *et al.* 2014)- se efetiva mediante uma atividade intensamente argumentativa (Cavalcante *et al.*, p. 134-135).

Verificamos, pois, que os objetos de discurso, ao serem construídos, efetivam um ponto de vista que se instaura por meio da soma dos sentidos produzidos na tessitura textual que ocorre em rede. Ao analisarmos, novamente, os exemplos (12) e (13), conseguimos notar que o referente “criminalidade em Pernambuco” é construído pelo aspecto verbal e imagético e guiado

pela visão não só do enunciador, mas de uma parcela que compartilha disso e que gera o engajamento na postagem.

Por fim, concluímos esta seção que toca no tópico da referenciação, o qual discutimos sobre o aspecto dinâmico que esta detém e demonstramos que a sua visão restrita ao aspecto correferencial e representacionista já está demasiadamente superado, sendo preciso lançar um olhar mais amplo para a atividade de referir. Por muitas vezes lançamos exemplos nessa seção em que os aspectos multimodais foram essenciais para a compreensão do referente, devido a isto e a natureza deste trabalho, na próxima seção analisaremos mais a fundo o fenômeno da multimodalidade e como este se relaciona às estratégias referenciais que (re)constroem os objetos de discurso.

### 3 A MULTIMODALIDADE: PERCURSO E IMPLICAÇÕES

Como continuidade dos nossos estudos, nesta seção nos dedicamos a discutir a multimodalidade, esta que embora já reconhecida pelo estudiosos do texto (Koch; Marcuschi, 1998; Custódio Filho, 2011; Cavalcante, 2012) quando estes concebem a composição textual não apenas no campo do verbal, mas a partir de todos os modos que compõem a produção de texto, ganha força, principalmente, com a disseminação dos textos digitais.

Isso pode ser verificado com o advento da web 2.0, em que as redes sociais emergiram e com elas as formas de comunicação se ampliaram, sendo possível conectar-se em tempo real com pessoas que estão a longas distâncias. Este fenômeno revolucionou a forma de se comunicar, demonstrando um novo campo de análise para os linguistas, tendo estes, especificamente os teóricos da Linguística de Texto (LT) (Cavalcante; Custódio Filho, 2010), que rever o conceito de texto, uma vez que surge uma gama de textos nesse contexto que amplia as situações sujeitas à investigação. Essa nova forma de olhar o texto passou a exigir ainda mais a necessidade de abandonar a perspectiva ‘verbocêntrica’ - a análise do texto pautada apenas no aspecto verbal- já criticada em Custódio Filho (2011).

Nesse viés, os debates sobre a multimodalidade acabaram ganhando mais evidência, ratificando a ideia de que os textos são constitutivamente multimodais, uma vez que não podem ser analisados de maneira segmentada, mas sim em seu todo que é pensado tendo em vista a intenção comunicativa (Santos; Pimenta, 2015). Sendo assim, o desenvolvimento de pesquisas no campo da multimodalidade garantem aos estudos textuais um avanço significativo, tendo em vista a ampliação dos critérios de análise que passam a englobar aspectos que outrora foram vistos apenas como complementares.

Considerando a importância dessa abordagem e tendo em vista a perspectiva multidisciplinar da LT, iniciaremos as discussões tomando de empréstimo algumas ideias da Semiótica Social (Santos; Pimenta, 2015) para compreendermos a orquestração dos significados pela ótica multimodal. A partir desse alargamento teórico, é possível enriquecer o nosso objeto de investigação, tendo em vista que a semiótica é um elemento importante para a compreensão holística do significado engendrado pelas transformações sofridas por um referente dentro de um texto.

Por fim, a partir da compreensão do que seja a multimodalidade e de como a sua análise é essencial para a compreensão dos textos de gêneros diversos, finalizaremos esta seção abarcando o contexto digital (Ranieri, 2022), (Santos; Cortez, 2022), assim sendo possível explorar exemplos que contribuam para que se visualize o viés multimodal das redes sociais em

que se evidencia a propagação de textos digitais nativos. A partir da observação desses exemplos, será possível afirmar que a multimodalidade, enquanto um fenômeno caro a todos os textos em um menor ou maior grau (Ribeiro, 2021) é um fator essencial para a análise dos referentes propostos nos textos, tendo em vista que as semioses envolvidas também participam para a transformação de um objeto de discurso.

### 3.1 A SEMIÓTICA SOCIAL E SEUS ECOS NA MULTIMODALIDADE

A Semiótica é a área de estudo dedicada à investigação do signo. No texto publicado por Santos e Pimenta (2015, p. 297-298), as autoras nos resumem que durante o desenvolvimento desta área, houve a formação de três escolas. A primeira, denominada “Escola de Praga”, que se dedicou ao estudo dos signos no campo da arte. Já a segunda, denominou-se “Escola de Paris”, a qual tem forte influência dos estudos de Saussure, voltando-se para as questões fotográficas, da moda entre outros. Enquanto a terceira, a Semiótica Social (SS), tem um olhar sensível para os textos multimodais e seguindo os preceitos de Halliday (1985), observa as funções sociais da linguagem.

Este campo de pesquisa aproxima-se da nossa definição tanto de língua quanto de texto, visto que entende o significado como um processo. Tendo isto em vista, a construção social passa a ser um fator essencial no momento de processamento dos sentidos propostos em um texto.

A Semiótica Social tem a ver com a semiose humana como um fenômeno social em suas origens, funções, contextos e efeitos. Ela abarca “os significados socialmente construídos através de formas semióticas, textos semióticos e práticas semióticas de todos os tipos da sociedade humana em todos os períodos da história humana” (Hodge; Kress, 1988, p. 261 *apud* Santos; Pimenta, 2014, p. 298).

São, então, essas formas semióticas as responsáveis por concretizar esses sentidos que circulam em sociedade. Devido a isso, a SS passa a preocupar-se com essas semioses ancoradas em seus contextos de circulação, uma vez que eles as motivam. É a partir disto que as questões culturais e ideológicas passam a ser interessantes para este campo, visto que eles têm função decisiva na produção dos significados.

Nas palavras de Santos e Pimenta (2014, p. 298), “[...] O ponto central da semiótica é a significação e, para a Semiótica Social, a ênfase recai sobre o processo de produção e recepção do signo.” É devido a isto que as questões sociais se tornam protagonistas deste processo para a SS, uma vez que são elas a motivação das formas semióticas. Os indivíduos, parte do processo

de comunicação, utilizam-se delas para significar as suas ideias que estão concebidas no imaginário social, por isso para compreender estes signos, é necessário levá-las em consideração.

Tendo isto em vista, a linguagem utilizada no momento da interação, é motivada e não arbitrária. Há, sim, um trabalho complexo no momento de produção dos signos, logo, estes não podem ser vistos longe dessas motivações: “Assim, o uso da linguagem está revestido por significados potenciais, associados a situações específicas e influenciados pela organização social e cultural” (Santos; Pimenta, 2015, p. 300).

Tais situações específicas apontadas pela autora, bem como a questão social e cultural, nos remetem ao exemplo (14). Vejamos quantas questões para além do texto foram manipuladas para que chegássemos à concepção do signo. É este trabalho que a SS está voltada a fazer, uma vez que são movimentos importantes para compreender a produção final.

Nessa perspectiva, nada na linguagem está como acessório, o verbal e o não verbal estão em igualdade, não há protagonismo de um sobre o outro, como se pensava outrora nos estudos linguísticos, os quais privilegiavam o verbal em detrimento do não verbal, o então verbocentrismo.

Dionísio (2014) em seu estudo sobre a multimodalidade no contexto educacional, enfatiza que o ser humano realiza o seu processo comunicativo a partir da linguagem, essa que reúne diversas formas de simbolizar suas intenções comunicativas. Com isso, não se pode restringir a comunicação à questão do verbal, pois tanto ele quanto o não verbal são indissociáveis. Em Santaella (2005) é exposto o caráter híbrido da linguagem. Sendo assim, é esse caráter “impuro” dela que garante sua complexidade, tendo em vista a gama de elementos que estão dispostos para uso e que são selecionados a partir das necessidades comunicativas.

O campo da multimodalidade pretende explorar a produção de significados, levando em consideração os vários modos e meios possíveis de significação à disposição dos atores socioculturais. Na perspectiva de Cope e Kalantzis (2006) todo texto é multimodal, não podendo existir em uma única modalidade, mas tendo sempre uma dela como predominante. (Santos; Pimenta, 2015, p. 302).

A multimodalidade surge, então, como própria dos textos, uma vez que são vários os modos possíveis para significar, sendo importante analisar todos. No entanto, as autoras fazem uma ressalva sobre o domínio de um determinado modo. Esta situação por muito tempo causou o imperialismo do verbal, visto que a comunicação impressa prioriza esse tipo de uso. Isto também demonstra um esvaziamento de gêneros orais, pois, neste tipo de comunicação, o gestual, o visual e o sonoro participam de forma tão importante quanto o verbal.

Com isso, fica evidente que as análises dos textos não podem mais adotar esta visão, pois é cada vez mais recorrente na contemporaneidade a existência de textualidades que conjuguem os modos de maneira muito particular, especialmente quando nos referimos aos textos nativos digitais. A visão multimodal originária permite ganhos para a análise de textos, pois garante um olhar mais amplo para as produções textuais, uma vez que abarca inúmeros modos.

Dentro dessa perspectiva, para Kress (2010), vários Modos Semióticos (linguagem, imagem, música, gestos, arquitetura, dentre outros) que são realizados a partir de várias modalidades sensoriais (visual, auditiva, tátil, olfativa, gustativa e cinética) passam a ser considerados como participantes do denominado fenômeno multimodal. (Santos; Pimenta, 2015, p. 302).

Para ilustrarmos esta perspectiva, vejamos os exemplos abaixo (13) e (14).

Figura 13 - O texto e os seus modos de significar part. I



Fonte: Meltedvideos (2024c)



Figura 14 - O texto e os seus modos de significar part. II



Fonte: Meltedvideos (2024c) 

Os exemplos expostos acima fazem parte de uma postagem que contém várias outras imagens encadeadas, porém, elegemos esta que nos pareceu bastante produtiva para explorarmos a multimodalidade.

Destacamos, inicialmente, que a postagem tem em seu fundo a vinheta que era utilizada para apresentar o programa Big Brother Brasil (BBB), esta em específico, refere-se ao reality de 2003. A vinheta é acompanhada por vários comerciais que remetiam aos patrocinadores do programa. Fixados a estas propagandas, temos os dizeres do dono da página da postagem “Pareço normal mas tinha medo da vinheta de oferecimento dos BBB antigos.”.

Devido às restrições do impresso, não é possível ouvir a vinheta, mas ao acessar o Qrcode conseguimos ter acesso ao som que é decisivo para a construção de sentido do *post*, cabe aqui dizer que se trata de um instrumental animado com tons de suspense. Para que se compreenda a mensagem verbal utilizada pelo autor, é necessário que o som aplicado a ela seja ouvido, visto que a mensagem só faz sentido a partir disto.

Ademais, temos outros elementos semióticos utilizados, estes podem ser vistos nos comentários do exemplo (14). Vejamos que há dois comentários que nos chamam atenção. O

primeiro afirma “A vinheta do BBB me dá medo também, sempre me senti mal”. Embora totalmente verbal, vemos que o coração vermelho, o *emoji*, destaca o número de curtidas que aquele comentário recebeu, até o momento de análise, 734. Isso destaca a quantidade de pessoas que concordam com este posicionamento. Ainda conseguimos visualizar que a rede social utilizada permite respostas aos comentários tidos na postagem e este comentário analisado recebeu um total de 22 respostas.

O segundo comentário também chama atenção quando para concordar com a postagem, utiliza o *emoji* que traz as mãos cumprimentando-se, o que se convencionou na internet a conceber este ato como o de concordância entre duas partes verbais. Neste caso, o comentarista vê a vinheta do BBB antigo e a do Super Cine (um programa da Rede Globo aos sábados que exibia filmes durante o final da noite) como igualmente assustadoras. Porém, notemos que isto não está verbalizado, mas o uso do *emoji* nos permite esta compreensão – além dos conhecimentos contextuais exigidos -.

Esta breve exposição evidencia o caráter multimodal da postagem, que articula diferentes modos à produção de sentido do texto digital construído. Ao conceber o texto sob o viés da multimodalidade, tomando a Semiótica social como um campo teórico que se debruça amplamente sobre esses textos, vemos que analisar um significado não é apenas entender o seu valor final, mas os processos engendrados para chegar-se a ele.

Por esta razão, esse campo teórico enfatiza que o processo de produção de significado, mais do que o significado enquanto núcleo em si mesmo, se torna o foco das análises, pois interessa investigar o que, com qual modo e como o significado foi processado, pois todos esses níveis contribuem para sua articulação e interpretação (Santos; Pimenta, 2015, p. 304).

### 3.2 O PERCURSO DA MULTIMODALIDADE

Na subseção anterior, ao nos debruçarmos sobre a Semiótica Social, ficou claro que a comunicação envolve mais de uma forma semiótica, configurando assim a sua natureza multimodal. A partir desta concepção, os estudos sobre a multimodalidade dos textos vêm ganhando cada vez mais força, principalmente nas pesquisas de vertente educacional. Segundo Gualberto e Santos (2019), conforme os dados levantados por essas autoras em relação às pesquisas realizadas no campo da multimodalidade, o tema da educação foi o mais utilizado para tratar da multimodalidade, configurando uma percentagem de 68%, ficando bem atrás dela as pesquisas com tema sobre Marketing e publicidade (8%) e política com 4%.

Com isso, verificamos que, embora as pesquisas no campo da educação sejam as que mais investigam a multimodalidade na perspectiva da semiótica social, é perceptível que essa perspectiva pode dialogar com qualquer área que dedique-se a analisar textos. Com isso, fica nítido que no momento de análise das produções textuais, o verbal surge apenas como um dos modos que fazem parte de um ‘todo’ significativo em articulação com outros modos. Santos e Pimenta (2015, p. 4-5) exemplificam a gama de modos que passam a ser relevantes para o mapeamento da significação através dos signos “a imagem, na grafia, layout etc., com diferentes escolhas para tamanho, cor, tipo e organização textual e, principalmente, em seus suportes (das pedras às telas digitais, por exemplo).”

Sob esse prisma, estes elementos, a forma em que estão sistematizados, tudo passa a ser visto para a compreensão do evento comunicativo. Kress (2010) traz a perspectiva de signo motivado, ou seja, os meios semióticos disponíveis são articulados pelos participantes da interação de forma contextual, embasados socioculturalmente.

É a partir desse enlace dos signos, por meio dos modos diversos, que teremos a orquestração dos significados. Cabe destacar o que é apontado por Santos e Pimenta (2015, p. 6) para quem a multimodalidade não se trata de uma teoria, mas sim da constituição dos textos. Tal perspectiva nos é interessante à medida que também vemos esse fenômeno como constitutivo dos textos, quando analisamos a produção dos sentidos não a partir de um único modo, mas de todos que se cruzam para engendrar os sentidos pretendidos por quem enuncia. Essa perspectiva pode ser transmutada para a teoria do texto quando analisado o aspecto sociocognitivo presente em sua concepção, como já discutido na seção anterior com autores como Koch e Marcuschi (1998), Cavalcante (2012), Custódio Filho (2011), os quais analisam os textos a partir do aparato mental e cultural proveniente do contexto social. Essa abordagem garante um olhar multimodal mais saliente dos textos, pois todos os aspectos pragmáticos envolvidos passam a ser do interesse das análises textuais. Com isso, o verbal só faz sentido quando somado a outros elementos, sejam eles gestuais, sonoros entre outros.

Sendo assim, o verbal passa a ser apenas uma das multipossibilidades que um texto oferece para a produção de significação, uma vez que ele dispõe de várias outras que serão escolhidas a partir das necessidades dos participantes da comunicação. Essa escolha feita pelo enunciador faz parte de um dos princípios da SS, a saber “a noção de escolha do sistema de linguagem” (Santos; Pimenta, 2015, p. 8). Em síntese, este princípio sintetiza o que já fora discutido, a noção de signo motivado, em que o interesse de quem produz o texto está em jogo, logo, diante da gama de meios semióticos, ele seleciona aqueles mais relevantes para o seu interesse comunicativo.

Contudo, esse olhar para o texto só veio a ser palpável a partir de avanços na conceituação do próprio texto. Assim, como aponta Silva (2016, p. 118), a noção que adotamos para o texto é a responsável pelo desenvolvimento dos estudos linguísticos dessa área. A autora assinalada acima, retoma o contexto da virada pragmática para uma mudança na perspectiva do texto, em que o contexto passou a ser um elemento crucial para o tratamento desse: “Por fim, o texto foi concebido como um processo mental, como um lugar de interação e de construção interacional de sentidos, advindo neste momento da perspectiva sociocognitiva.” (Silva, 2016, p. 119).

Com isso, Silva (2016) pautando-se no que é discutido por Bentes, Ramos e Alves Filho (2010), traz à baila a perspectiva tangencial com que a multimodalidade, até então, era tratada nos trabalhos de vertente textual, antes dos avanços propostos a partir da virada pragmática. Diante disso, os autores colocam em pauta a necessidade de englobar significativamente a multimodalidade dentro dos critérios de análise dos textos, ampliando, assim, o próprio conceito de texto, uma vez que o norte para as análises parte da escolha de uma definição para essa unidade de sentido.

Ademais, cabe destacar o refletido por Silva (2016) de que a incorporação da perspectiva multimodal não parte de uma necessidade recente, mas sim de uma demanda que data desde os primórdios da escrita, quando analisa-se que, desde as produções rupestres, a multimodalidade dos textos sempre se fez presente.

Visto isso, voltemos nossos olhares para um outro conceito da SS que nos interessa para a compreensão dos textos multimodais, o chamado <sup>2</sup>*affordances*. “A noção de *affordances*, dentro desse paradigma, indica as restrições e possibilidades oferecidas por cada modo para a produção de sentido em eventos comunicativos” (Santos; Pimenta, 2015, p. 9). Com isso, verificamos que, por exemplo, ao escolher apenas o modo verbal, o indivíduo restringe-se às possibilidades deste recurso.

No entanto, nas produções diárias, principalmente as que ocorrem com o auxílio do digital, as possibilidades de formas semióticas são várias, sendo cada vez mais improvável que o usuário se restrinja ao uso de uma só forma. Voltando ao exemplo (14), na parte inferior, verificamos a presença de *emojis* diferentes que já são oferecidos pela rede social para uma reação rápida à postagem. O modo visual oferecido pelas redes acaba disponibilizando muito mais possibilidades do que restrições, o que não ocorre no texto impresso.

---

<sup>2</sup> Este conceito será utilizado por nós segundo a perspectiva de Paveau (2021), a qual nominaliza como *affordances* e define como as potenciais ações oferecidas pelo ecossistema digital, como os botões de curtir, compartilhar, comentar etc.

Para asseverar essa questão, Santos e Pimenta (2015, p. 10) embasadas em outras literaturas, afirmam que “diferentes modos permitem que você faça diferentes tipos de coisas, e não apenas permitem [...], mas insistem que diferentes coisas sejam feitas”. Com isso ratificamos o dito acima sobre as redes sociais. A multimodalidade potencial que elas detêm não permite que o usuário se restrinja a um modo, pois a todo momento este é bombardeado por imagens, sons, cores e tipografias diversas.

Nesse sentido, importa considerar que muitos são os estudos sobre multimodalidade que trazem como arcabouço teórico a Gramática do Design Visual (GDV) postulada por Kress e Van Leeuwen (1996). Embora não seja a nossa abordagem, tendo em vista que, assim como destacado em Capistrano Júnior (2012), a GDV apresenta algumas análises que discordamos para as nossas investigações, como o tratamento por muitas vezes dado às imagens numa ótica isolada, individual, tratando dela tal qual uma oração sob um olhar estático e desintegrado do verbal.

Contudo, é inegável a contribuição desse estudo para o avançar da perspectiva multimodal, devido à isso, citamos aqui o exposto em Santos e Pimenta (2015, p. 27) que destacam o papel desta produção: “o propósito desse trabalho foi o de fazer com que as pessoas vissem as imagens não somente pelo seu aspecto expressivo, mas também pelas suas estruturas sociais, políticas e dimensões comunicativas.”

Diante disto, fica expresso que as perspectivas que não acolhem a multimodalidade, culminam em um privilégio desmedido ao verbal, colocando os outros elementos semióticos que fazem parte da produção textual em segundo plano, sendo apenas complementares ao verbal. Com o auxílio dos estudos semióticos atrelados aos textuais, vemos, então, o imagético como um elemento tão organizado quanto o verbal, trazendo para ele classificações -como visto nas metafunções de Kress e Van Leeuwen (1996), a saber a representacional, interacional e composicional- assim como fazemos com o verbal nas diversas gramáticas. Com isso verificamos que assim como a atividade de produzir textos verbais requer um trabalho complexo, as outras modalidades atravessam a mesma questão, todas com o intuito de concretizar as experiências socioculturais dos participantes do evento comunicativo.

O texto multimodal surge potencialmente no ecossistema da web, como ilustrado nos exemplos expostos nesta seção. Esse ambiente faz surgir os chamados “escritores”, pois não mais se tem uma produção para a mera recepção por meio da leitura, mas para indivíduos que vão agir sobre o discurso de forma direta, replicando-o; modificando-o; comentando-o, e estes processos são permitidos em larga escala pelas redes sociais e outras ferramentas presentes na *web 2.0*.

Os autores Elias e Capistrano Júnior (2018, p. 147-148), analisam três fatores que são próprios da escrita digital, a saber: participativa; colaborativa e multimodal.

[...] multimodal, originada da multiplicidade de recursos digitais que permitem a convergência de mídia e, conseqüentemente, o emprego de diversas modalidades de linguagens em um mesmo texto e a fusão/transmutação de gêneros textuais (Elias; Capistrano Júnior, 2018, p. 148).

Dada a devida relevância desses estudos, na próxima seção nos dedicaremos a analisar a configuração do texto digital nativo aqui já tangenciado, buscando consolidar as bases teórica para as análises propostas nesta pesquisa.

#### 4 TEXTO DIGITAL: HIPERTEXTUALIDADE E TECNODISCURSIVIDADE

Sabendo da importância desse contexto *online*, tendo em vista o objetivo da pesquisa que aqui se faz, a qual promove uma análise dos textos audiovisuais no que toca à referenciação, nesta seção nos dedicaremos a refletir sobre a configuração do texto digital nativo.

Para tanto, precisamos conceber, primeiramente, a dimensão hipertextual dos textos ambientados no contexto da *web 2.0*, a qual valoriza as relações entre os usuários uma vez que está inserida nas redes sociais que privilegiam as trocas de mensagens em tempo real, bem como o compartilhamento de ideias. No entanto, a hipertextualidade se estabelece não só nas redes sociais, mas nas páginas *online* que redistribuem o navegar dos usuários, oferecendo outras possibilidades que desgarram do texto-fonte. Para solidificar essa discussão perpassaremos as discussões de Xavier (2002); Cavalcante (2012), Elias e Capristano Júnior (2018). Usaremos, também, o aporte teórico de Santos e Cortez (2022) e Ranieri (2022) para ilustrar a hipertextualidade com o uso de *emojis*.

Mais adiante, adotaremos as reflexões postuladas por Paveau (2021), a qual disserta sobre uma Análise do Discurso Digital (ADD) que coloca em evidência o caráter compósito do discurso, em que se fundem os elementos da linguagem aos elementos técnicos próprios do ambiente tecnológico, fomentando a tecnolinguagem. Essa conclusão feita por ela nos é bastante relevante, visto que ao analisar as produções digitais na rede social *Instagram*, veremos que os elementos do entorno digital contribuem para a transformação do referente em análise.

Para sistematizar essa discussão que potencializa o caráter multimodal da referenciação, uma vez que devido às ferramentas oferecidas pelo ambiente online, a multimodalidade dos textos se torna ainda mais visível, iniciaremos refletindo sobre a dimensão do hipertexto, bem como a formação de um *escreleitor*<sup>3</sup>. Ainda ancorados nesse contexto digital, analisaremos a perspectiva ecológica do discurso e a característica compósita dos textos digitais nativos, salientando o seu aspecto deslinear (Paveau, 2021) dicionaremos a essas discussões, as reflexões de Giering e Pinto (2021) que também alimentam-se dos postulados por Paveau para repensarmos os critérios de textualidade nessa ambiência, visto que para tecermos uma análise textual no ambiente *online*, precisamos entender os limites e avanços que a teoria do texto nos oferece para essa ambiência, posto que os critérios de análise que utilizamos hoje muito se pautam nos textos *offline*. Por fim, refletiremos sobre a importância do contexto para

---

<sup>3</sup> Disseminada em Paveau (2020), mas postulada anteriormente em Pedro Barbosa (1992; 1996), o conceito de *escreleitura* se baseia na fusão entre a atividade de ler e escrever, não havendo mais o binômio entre essas duas instâncias no hipertexto.

(re)significar a perceptiva “extralinguística” no contexto digital discutida em Cavalcante e Brito (2021).

#### 4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O HIPERTEXTO

Para iniciarmos as reflexões sobre o hipertexto, cabe aqui trazer a sua definição apontada em Xavier (2002, p. 17) “é uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade.” Essa conceituação muito nos é relevante, principalmente devido ao enfoque dado por nós a esta pesquisa: a multimodalidade. Notemos que Xavier atenta para um texto que dialoga com outras interfaces semióticas, ou seja, outros modos de compor um texto, seja por cores, símbolos, sons, gestos etc. Ademais há um destaque para o condicionamento de outras textualidades o que mostra o contexto de hibridização que um texto eletrônico detém.

Nessa esteira, Xavier (2002) ancorado em Snyder (1997), já expõe como não só o texto alfabético é o responsável pela hipertextualidade, mas também os outros aspectos semióticos, como destacamos acima. Assim, chegamos, inicialmente, a uma definição de hipertexto como um modo digital de enunciar e construir sentido (Xavier, 2002, p. 29). Essa forma se torna particular, pois a maneira de se produzir texto nesse formato só acontece no ambiente *online*. Conforme o autor, o hipertexto complexifica as operações de escrita, isso é possível ao analisarmos a gama de ferramentas que podem ser movidas na composição de um hipertexto, o qual conecta imagens, sons, vídeos, links entre outros aspectos próprios do ambiente digital. Abaixo listaremos algumas características desse hipertexto proposta pelo autor, bem como algumas considerações.

##### **I – A imaterialidade**

O autor em questão sinaliza um aspecto notável do hipertexto, o seu aspecto imaterial, o qual relaciona-se a impossibilidade de manuseá-lo concretamente, mas apenas no campo da virtualidade. Com isso o processo de edição desse texto só ocorre no âmbito virtual, com novas características que não se circunscreve ao campo borracha. Um ponto relevante levantado por Xavier (2002) é a mudança do status do hipertexto ao ser impresso, pois este perde o potencial multimodal significativo que o virtual tem, basta observar a limitação aos sons, animações, clicabilidade que as imagens perdem com a impressão. Vejamos o exemplo a seguir.

Figura 15 - Hipertexto em foco



Fonte: Pernambuco Posting (2024).



No exemplo acima, não temos um texto impresso, mas temos um *print* (fotografia da tela) que permite um retrato da postagem da página “pernambucoposting” a qual visa criar uma atmosfera cômica para um contexto em que estava ocorrendo fortes chuvas no Recife, demonstrando, que mesmo em um contexto caótico, o pernambucano segue se divertindo a sua maneira: bebendo e dançando. Porém, ainda assim, essa construção de sentido não se deixa clara apenas por esse *print*, tendo em vista que semioses importantes foram retiradas devido às restrições do *offline* como os sons e gestos realizados pelos participantes do vídeo. Esse retrato acaba por tirar a particularidade do texto *online*.

## II – A confluência de modos enunciativos

Para essa outra característica, Xavier (2002, p.30) afirma: “O hipertexto se diferencia, essencialmente, do texto impresso por hospedar e exibir em sua superfície formas outras de textualidade, além da escrita”. Ao tratar da confluência, o autor demonstra os aspectos heterogêneos do hipertexto, não só pelas vozes dos enunciadores que se entrecruzam, mas das semioses que se aglutinam para formar o texto digital.

Voltemos ao exemplo 15, vejamos que este apresenta, sim, um texto verbal

considerável, mas até mesmo a disposição desse é diferente do que se costuma evidenciar no texto impresso. Há, à direita uma verticalização do texto verbal (para as redes sociais visualizadas em *desktop*) que apresenta a legenda da postagem e os comentários que se seguem. Notemos que um dos comentários captados mescla o texto verbal com o visual por meio dos emojis simbólicos - discutiremos sobre esses mais adiante -. Ademais, como mencionado, temos a postagem na tela central que no contexto *online* apresenta-se animada por se tratar de um vídeo com fundo musical e barulho de pessoas se divertindo. Notemos, por último, os elementos “técnicos” do entorno, como botão de curtir, simbolizado com um coração; Espaço que direciona o usuário para adicionar um comentário; Símbolo que norteia o compartilhamento da postagem, entre outros.

### **III – A não-linearidade**

Aspecto que mais tarde exploraremos com mais afinco, a não-linearidade é um dos aspectos mais relevantes -senão o mais- do hipertexto. Porém, muito se confunde essa deslinearização com a descontinuidade do próprio discurso, esta que já existe no texto *offline* dependendo do seu propósito comunicativo e que não se trata de uma regra da composição desses textos, diferente do que vemos no hipertexto. Nas palavras de Xavier (2002, p. 31): “A inovação trazida pelo Hipertexto está em transformar a deslinearização, a ausência de um foco dominante de leitura, em princípio básico de sua construção. A não-linearidade está prevista já mesmo em sua concepção.”

Ainda sob a análise do exemplo 15, verificamos a sua deslinearidade constitutiva. Já anunciamos anteriormente como os elementos estão dispostos, seja um texto verbal seja o visual. Verificamos os botões de interação que também se distribuem na postagem indicando algumas ações que podem ser realizadas pelos usuários. No canto direito da imagem que representa uma parte do vídeo, também conseguimos visualizar um botão que permite a continuação ou não do som que integra o vídeo. Enfim, verificamos como o hipertexto demanda uma desfocalização característica que o impresso, devido as suas restrições tecnológicas, não abarca.

### **IV – A intertextualidade infinita**

Xavier (2002) já inicia a sua reflexão sobre essa característica evidenciando o caráter intertextual constitutivo dos textos. Mencionando que nada é dito por acaso, mas fruto de um outro dizer. A questão do hipertexto entra nesse ponto quando o autor demonstra que esses textos digitais potencializam essa intertextualidade, uma vez que “os *hyperlinks* conduzem

instantaneamente, os leitores a textos, obras e discursos ‘originais’, se indexados à rede[...]” (Xavier, 2002, p. 32). Mais à frente será exposto um exemplo claro dessa característica.

Pautada também nos estudos de Xavier (2002), Cavalcante (2012, p. 56) traz à baila a sua definição de hipertextualidade que consiste em “um conjunto multienunciativo de hipertextos, em razão de sua heterogeneidade.” A autora destaca que os gêneros que surgem no ambiente tecnológico têm relação com os impressos, mas alguns se colocam como novos, uma vez que só são encontrados nesse contexto. Essa ressalva é pertinente, pois como analisaremos os memes, veremos que esses possuem relação com os gêneros do contexto *offline*, mas com características que são próprias do ambiente *online*.

#### **4.1.1 O hipertexto e o seu potencial multimodal**

Em nosso capítulo três, evidenciamos como a multimodalidade se torna ainda mais visível no online, visto que esse ambiente oferece ao usuário uma gama de possibilidades semióticas para que se possa efetivar os objetivos comunicativos. São os recursos oferecidos pela máquina que se unem ao linguístico e permitem novas formas de comunicar.

Os textos produzidos nesse ambiente convencionalmente passaram a ser chamados de hipertexto. Os autores Elias e Capristano Júnior (2018, p. 151) definem este texto “como aquele que é produzido pelo computador ou celular e que permite uma participação dos usuários, fazendo com que estes sejam não só leitores, mas também escritores.”

Essa perspectiva hipertextual ganha força principalmente por esse viés colaborativo, o texto no ambiente online não é acabado, enquanto ele estiver disponível, há a possibilidade de editá-lo. Textos desse tipo permitem que não só o tópico acionado seja mantido, mas que outros sejam introduzidos pelos ‘escritores’.

A deslinearização (Paveau, 2020) típica dos hipertextos, tendo em vista os links que levam o leitor para outras “abas”, até mesmo com tópicos diferentes daqueles que estão sendo discutidos, como uma propaganda, não geram uma quebra da coerência. Na verdade, essa é a forma de configuração destes textos que pedem uma nova forma de leitura.

Nesse viés, podemos exemplificar como o uso semiótico dos *emojis* significa no digital, recurso este promovido a partir das possibilidades multimodais da rede, sendo praticamente impossível comunicar-se nas redes sem a sua presença. Vejamos o exemplo (16).

Figura 16 - O uso dos emojis



Fonte: Meltedvideo (2024d).

A descrição verbal utilizada no topo da postagem “Deixe uma opinião impopular nos comentários”, consegue dar conta do comando dado pelo usuário. Porém, por estar à disposição dele e fazer parte deste ambiente digital, há o uso de três emojis.

O primeiro, busca delimitar onde deveria ser posta a opinião, o *emoji* da mão com o dedo indicador apontando para o local, deixa isto nítido. Em seguida, o usuário faz uma mixagem em que usa a foto de um caderno aberto com folhas em branco, destinado a uma das folhas um *emoji* indicando “vômito” e outro com corações nos olhos. Esta busca mostra que, mesmo sendo impopular, esta opinião faz parte da crença de quem opina, enquanto aquele indica o viés impopular da opinião.

Santos e Cortez (2022, p. 306), ao analisarem alguns *tweets* na antiga rede social Twitter, hoje denominada “X”, também observam o uso dos *emojis* e declaram que estes podem ora indicar adesão ora oposição, como também conseguimos ver aqui. Nas palavras das autoras: “Há, na verdade, traços do off-line que se conservam no texto nativo digital, sendo ressignificados e rearranjados para a construção de sentidos nos tuítes.” Verificamos que esses traços percebidos pelas autoras são as relações de sentidos que estabelecemos em nossas comunicações, estas que são feitas por outros modos quando não estamos no digital.

Ao pensar na multimodalidade própria da linguagem, pensemos que um *emoji* que indica nojo pode facilmente ocorrer com uma feição de desgosto, enquanto o *emoji* “apaixonado”,

também seria possível de ser realizado por uma feição que permite olhos brilhando e um sorriso. Assim como dito por Santos e Cortez (2020), no contexto digital, temos outras possibilidades - como no caso os *emojis*- e essas são utilizadas para ressignificar o *offline*.

Ainda sob esta perspectiva acionamos os estudos de Ranieri (2022, p. 434), para quem “Em consonância com as discussões dentro do escopo da Linguística Textual (LT), deixamos de encarar o texto apenas como uma unidade verbal, para passar a compreendê-lo como uma unidade multissemiótica.” Sendo assim, a autora debruça-se também sob o uso dos *emojis* para ratificar essa ideia, demonstrando como o verbal é apenas uma parte na constituição dos textos.

Cabe destacar que os *emojis* próprios dos textos em ambiente digital possuem uma função tão relevante quanto o verbal. Se pensarmos no exemplo (16), a ausência dos *emojis* não alteraria em sua significação, mas certamente o deixaria mais distante de um texto constitutivamente digital. Esses recursos, como o *emoji*, fazem parte deste ambiente, não os utilizar torna-nos praticamente analfabetos desse ciberespaço.

Percebemos que o uso dos *emojis* para os autores não seria decorativo, mas de uma unidade semiótica visual articulada ou não com o verbal para a produção de sentidos. Os *emojis* apresentam funções linguísticas importantes para a interação dentro do aplicativo. (Ranieri, 2022, p. 438).

Em suma, essas características do hipertexto sistematizadas por Xavier (2002) e elucidadas em Cavalcante (2012), os quais demonstram o potencial multimodal do hipertexto, lançam bases sólidas para refletirmos o que mais tarde será visto por Paveau (2020), a qual tece uma análise com enfoque no discurso, em como esse é moldado conforme a ecologia do digital. Na subseção que se segue, analisaremos como o hipertexto condiciona a formação de um ‘escritor’ sob a ótica de Paveau (2020).

## 4.2 O HIPERTEXTO E A FORMAÇÃO DO ESCRILEITOR

Conforme já discutido, o hipertexto possui a característica própria de se interligar a outros textos-potenciais (Xavier, 2002). Na perspectiva da tecnodiscursividade, Paveau (2020) analisa esse hipertexto como uma manifestação do texto que tem um diferencial em relação às demais propostas textuais do *offline*, quando privilegia a ligação, a deslinearização, descontinuidade e a escritura. Nesta visão, o hipertexto repensa o lugar do locutor e do receptor, quando reinventa esses papéis antes estáticos no texto impresso.

Ao analisar canonicamente o que representa o hipertexto, observamos que a presença dos *hyperlinks*, estes que são caminhos para outras enunciações, é nítida, marcando a sua relação

com o ambiente online e permitindo que os que têm acesso a ele consigam manipulá-lo e escolher se vão aderir ao proposto pelo enunciador nesses links. Paveau (2020), ao citar Landow (1996), evidencia o papel importante desses links que oferecem um novo caminho ao leitor que será acessado a partir de um tecnogesto.

Nessa esteira, o discurso hipertextual (doravante DH) mostra-se dinâmico quando autoriza que o seu “receptor” o manipule, culminando, assim, em uma nova autoria para aquela primeira versão. Sendo assim, o hipertexto – na perspectiva do tecnotexto- demonstra-se como uma instância instável, à medida que pode ser alterado, garantindo uma navegação não linear e sujeita aos desejos de quem lê -e escreve-.

A arquitetura hipertextual tem como centro o *link* é este que, acessado por um gesto do leitor, abre um novo campo que até pode gerar o abandono do texto-fonte. Essa capacidade de caminhar por outro(s) texto(s) é uma especificidade do texto digital, já que em um contexto *offline* apenas seria possível realizar uma menção, referência a um outro texto, mas não sendo possível acessá-lo exatamente no momento em que se lê. Isto evidencia que as possibilidades no online para uma deslinearização são bem mais nítidas e possíveis, o tecnológico garante essa facilidade que o impresso, ainda que possibilite, não o faz de forma tão dinâmica assim. Paveau (2020) lança essa explicação para enfatizar a peculiaridade desse hipertexto característico do contexto digital nativo, elencando as multipossibilidades que ele passa a oferecer.

Com isso, conseguimos observar um comportamento no que tange à referenciação, a saber: é com o *hyperlink* que vemos nascer um novo referente, uma vez que um outro texto será acionado, com mais outros referentes que se interligam ao primeiro, mas oferecem novos horizontes discursivos, este que pode ser acessado pelo usuário, podendo gerar uma recategorização do conteúdo disseminado pelo texto-fonte. Isso vai ocorrer, pois, ao acessar o texto-potencial sugerido, o usuário tem acesso a novas informações que podem enriquecer o primeiro referente ou até mesmo mudar a sua visão sobre ele, tudo dependerá do propósito comunicativo. Cabe salientar que esse novo referente, tendo em vista o acesso a um novo texto, ativado pelo link é potencial, só será efetivado se o enunciatário realizar o gesto de “clique” sobre ele e navegar sob o seu conteúdo. Para ratificar essa ideia, Paveau (2020, p. 49) afirma:

[...] o link hipertextual ocorre na maior parte do tempo no fio do discurso sem indício prévio, com uma bifurcação discursiva e semântica, dotada de uma grande variedade de valores e funções. O discurso alvo é dificilmente equiparável a uma citação, na medida em que, entre outras, o leitor tem a possibilidade de deixar definitivamente o discurso fonte: o hipertexto não cita, ele abre.

Fica evidente, portanto, que, ao analisar a dimensão hipertextual, notamos que pelo

*hiperlink* é possível separar-se do texto-fonte. Diferente do que ocorre no texto impresso, essa separação é visível, pois o usuário só entrará em contato com esse novo discurso se optar por *clicar* nele, enquanto no impresso, esse contato acaba sendo obrigatório, pois não há a presença de *links* que permitam essa separação. Sendo assim, essa funcionalidade própria do hipertexto apresenta-se como um complemento da enunciação-fonte, mas não fulcral para a sua compreensão, visto que pode não ser acessada ou não. Vejamos um exemplo prático.

Figura 17 - O hiperlink no fio discursivo e a intertextualidade infinita

O presidente **Joe Biden** disse ao primeiro-ministro israelense, **Benjamin Netanyahu**, que os **Estados Unidos** não participarão de nenhuma contra-ofensiva israelense contra o Irã, afirmou uma autoridade da Casa Branca neste domingo (14).

O Irã **lançou mais de 300 drones e mísseis** para atacar Israel neste sábado (13), em resposta ao bombardeio israelense que **atingiu a embaixada do país na Síria no início de abril (leia mais abaixo)**.

Fonte: Reuters (2024).

A imagem acima representa um trecho da notícia “Biden diz a Netanyahu que os EUA não participarão de eventual contra-ataque israelense contra o Irã” veiculado no site do G1. Vejamos que os escritos em vermelho são todos *hiperlinks* que buscam direcionar o leitor para outras fontes que contêm mais informações sobre o referente ativado, ou seja, ao clicar em “Joe Biden” automaticamente o site levará o usuário para várias manchetes protagonizadas pelo presidente estadunidense, permitindo que aquele escolha a notícia que lhe interessa.

Conforme previamente citado na subseção anterior, como uma das características do hipertexto, vemos que a intertextualidade é bem visível nesse tipo de texto, pois a própria cor em vermelho nos direciona para um outro texto, o que comprova o dito em Xavier (2002) sobre como esse tipo de texto torna a característica da intertextualidade mais evidente. É importante salientar que o G1 utiliza um *hiperlink* que direciona o usuário para fora do texto-fonte, ao contrário de alguns outros sites nos quais, ao clicar no hiperlink, pode-se abrir outra janela, sem sair completamente do texto original.

O *site* também garante que, ao entrar em contato com os *hiperlinks*, você consiga ter acesso a informações determinadas, como o caso da menção “lançou mais de 300 drones e mísseis” que leva o leitor para mais informações sobre esse acontecimento. Com isso, verificamos que neste site de notícias, o *hiperlink*, característico do hipertexto exerce uma função importante de complementação dentro do fio discursivo.

Paveau (2020, p. 47) destaca que o *link* pode estar disposto em formatos diferentes: “o *link* é inserido numa palavra ou num segmento mais amplo [...] ou numa imagem”. De acordo com o visto no exemplo 17, a implementação do *link* se dá por uma frase inteira ou grupo nominal, um formato mais textualizado do que quando este é apresentado no seu formato informático, em URL, como podemos ver na própria menção à fonte que fazemos na lista de referências.

Neste contexto em que palavras tornam-se clicáveis e que um gesto abre um novo horizonte de informações, Paveau (2020) sinaliza sobre o caráter tecnolinguageiro desse tecnosegmento, uma vez que vemos que o aspecto da máquina se funde ao linguístico, não sendo possível desmembrar esses dois universos até então distintos no universo *offline*. No contexto digital nativo, o ato de clicar no *hiperlink* possibilita a manipulação do próprio texto de autoria de um terceiro, logo o leitor não é apenas um receptor, mas um indivíduo que constrói sentidos para o texto-fone, visto que, ao absorver essa nova informação possibilitada pelo *link*, ele amplia as potencialidades da primeira leitura.

O *link* não é somente um elemento acrescido ao texto, trata-se de um elemento tecnologicamente transformador, que coexiste temporalmente e materialmente como texto-alvo, ao contrário do rascunho pré-digital, que é descartável (Paveau, 2020, p. 49).

Cabe destacar que o *hiperlink*, na ótica do leitor, é bem sinalizado, assim como vimos no exemplo 17, em que a sua cor pode ser diferenciada do texto-fonte, justamente para demarcar a diferença entre esse tecnosegmento e os demais que não o são. Essa marca garante a sua manipulação consciente e desejável (ou quase, uma vez que o usuário pode acabar clicando por descuido): “[...] o texto digital estruturado pelos *hiperlinks* implica, assim, uma dupla subjetividade, a da manipulação e a do percurso escolhido” (Paveau, 2020, p. 50). É nessa conjuntura que se chega ao processo de *escreitura*.

#### 4.2.1 Quando os papéis se fundem: o *escreitor*

Quando tratamos da *hiptertextualidade*, a todo momento estamos falando sobre a costura de vozes que permeiam esse tipo de texto e não só vozes acionadas por quem escreve, mas vozes do próprio interlocutor que toma o texto e adiciona informações a ele ou discorda do seu conteúdo. Com isso temos o *escreitor*, nas palavras de Paveau (2020, p. 52) “A *escreitura* designa a fusão de duas atividades de leitura e escritura implicadas pelos *hipertextos* [...]”.

Tendo isso em vista, verificamos mais um traço próprio dos textos nativos digitais, a

capacidade da não separação entre quem lê e escreve, pois o primeiro, aqui, também pode exercer o papel do segundo. Este é um cenário de coprodução em que os referentes apresentados podem ser enriquecidos ou desativados por quem ler. A noção de autoria nesse contexto se torna ainda mais delicada, uma vez que o escritor abre espaço para que seus leitores também possam partilhar dessa autoria, já que estes podem realizar diversas operações em sua concepção.

Para analisar esse fenômeno no campo da linguística, Paveau (2020, p. 54) nos apresenta algumas questões da linguística relacionadas à escritura, demonstrando as distinções próprias do discurso hipertextual em relação aos textos *offline*. Para entendermos melhor, as apresentaremos e seguiremos com um exemplo prático do dito.

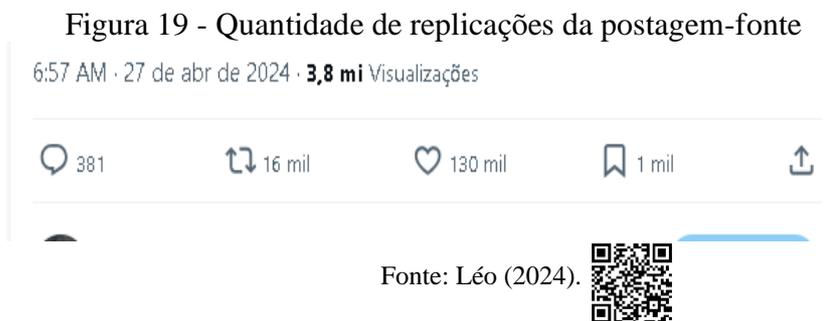
No tocante à primeira questão, Paveau (2020, p. 54) sinaliza sobre a impossibilidade de distinguir quem seriam escritores e os leitores do texto hipertextualizado, já que os papéis são intercambiáveis e isso é associado à autonomia que o (escri)leitor passa a ter no discurso online. Para ilustrar essa difícil distinção, vejamos o exemplo abaixo.

Figura 18 - Locutor X receptor



Fonte: Lola Ainsworth (2024).





O texto digital nativo repostado é da rede social X (outrora *Twitter*). Na rede escolhida é possível “comentar” na postagem, mas no caso o comentário vem em cima do próprio texto original, garantindo um novo olhar sobre ele. Para entendermos a dimensão desse “comentário”, o usuário da postagem-base teve 16 mil “repost” (replicações de uma postagem), enquanto aquele que fez o comentário teve 19 mil. A comparação entre o número de replicações demonstra que a flexibilidade que as redes sociais possibilita para as produções colaborativas, garante uma perda gradativa do protagonismo da autoria. Vejamos que nas postagens analisadas, a postagem replicada e com a adição de um novo comentário, gerando um novo referente – a manutenção da vida dos autores- ganhou mais notoriedade do que a menção às idades que a postagem original enuncia.

A hipertextualidade presente nele é inegável, o comentário, que segundo Paveau (2021, p. 102), pode ser definido “como um tecnodiscurso segundo, produzido num espaço escritural específico e enunciativamente restrito, no seio de um ecossistema digital conectado.” é o responsável por abrir espaço para uma reflexão sobre como esses consagrados autores são importantes para a dramaturgia brasileira, sendo desejado que eles vivam ainda por muitos longos anos e isso é visto quando o (escri)leitor deseja livrá-los de qualquer doença. O discurso desse usuário ainda permite um tom de comicidade quando este produz um discurso que dialoga com um outro, o religioso. Porém, cabe, também, notarmos que o texto-fonte, quando faz uso da imagem dos três atores e adjetiva como “trindade da teledramaturgia do Brasil”, também dialoga com esse viés religioso. Sendo assim, o *(re)tweet* amplia essa ótica, agora pedindo pela proteção deles.

Neste exemplo fica visível como os papéis podem ser alterados no discurso digital nativo, diferente do que se verifica no discurso “pré-digital”, em que o papel do autor é bem demarcado, ainda que haja replicações, essas ocorrem ainda sob um controle, pois no *offline* as ferramentas para a replicação não são tão ágeis quanto no *online*. Com isso ratificamos a gradativa ampliação da autoria, visto que no texto não digital, esta costuma ser individualizada,

já no ambiente digital, há uma gama de (co)autores.

Outro ponto interessante acionado por Paveau (2020) é sobre a dinamicidade dos *corpora* que esses discursos oferecem, destacando que esses não podem ser mais da ordem do linear, do estático. Somado a isso, a analista do discurso sinaliza sobre como os papéis no discurso hipertextual são imprevisíveis, pois a própria constituição desse não é tida sob controle. Validamos isso ao analisar o exemplo 19, que demonstra como uma postagem que buscava apenas retratar a imagem de três grandes atores, tornou-se uma postagem engraçada que versa sobre a idade deles e o desejo de sua continuidade.

Se a diferença entre texto escrito e texto lido tem sempre estado na natureza de toda a produção escrita, a escritura hipertextual a radicaliza a ponto de fazer disso duas entidades que podem não ter grande coisa em comum (Paveau, 2020, p. 54).

Na subseção que se segue analisaremos o contexto digital sob a perspectiva ecológica do tecnodiscurso, objetivando solidificar a compreensão sobre a importância do entorno contextual para a efetivação do texto digital nativo.

#### **4.2.2 Da ampliação enunciativa**

Entendendo que a escrita no digital não se pauta em uma única voz, abrimos esta subseção para tratar do conceito de ampliação enunciativa (Paveau, 2017) abordado em Ciulla *et al.* (2022). Para explicar este conceito, as autoras explicam que a analista do discurso vê essa ampliação de duas formas, a saber: pelo comentário e a capacidade de compartilhamento. Na figura 18 conseguimos ver bem esse fenômeno concomitantemente, uma vez que o enunciador compartilha a postagem-fonte e ainda comenta sobre ela.

Tal capacidade de comentar é tida para a Paveau (2017) não como apenas ligada ao *post* principal, mas aos demais comentários que se sucedem e prologam o tópico iniciado pela postagem-fonte. Esse conceito de ampliação enunciativa coloca em jogo a visão do enunciador principal, pois na *web* esse conceito perde a força, pois agora enunciador e enunciatário falam de forma a fundir-se e terem os seus papéis mudados de forma instantânea. Ora comentamos na postagem-fonte, ora comentamos no comentário da postagem-fonte, iniciando por vezes intensas discussões que deslocam o olhar dos outros usuários não mais para a postagem “principal” mais para as enunciações “secundárias” inscritas nos comentários.

Paveau (2017) coloca uma problemática quanto à autoria dos textos digitais nativos, tendo em vista esse quadro de ampliação enunciativa. Porém, Ciulla *et al.* (2022) realizam uma

ressalva a isso da qual concordamos e destacamos:

A constituição de textos com vários autores-enunciadores que ocorre quando um enunciador se multiplica nas vozes de outros enunciadores, no caso dos prolongamentos do texto do postinicial, promovido pelos comentários, em um blog ou em um post do *Instagram*, por exemplo, é um efeito textual: é o texto que está em jogo, e nos faz pensar que a sua unidade é constituída pela voz dos vários enunciadores que o comentam, complementando e alterando o seu sentido. Tal efeito não altera o fato de que, para cada poste para cada comentário, há um enunciador que, valendo-se das categorias de pessoa, tempo e lugar, por um ato particular, produziu um enunciado, cujas marcas de seu projeto de dizer estão aí também inseridas (Ciulla, *et al.*, 2022, p. 9-10).

Sendo assim, concordamos com as autoras sobre a conservação do enunciador, tendo em vista que cada enunciação é única irrepitível, no entanto, é válido entender que os papéis são dinâmicos no contexto digital nativo, havendo na ampliação novas referências que por vezes extrapolam o previsto na postagem-fonte, tendo também uma importância para as análises nesse ecossistema. Com isso, vemos que não é possível analisar a referência em as postagens nas redes sociais sem nos ater a essa ampliação, entendendo que postagem e comentários constroem uma rede referencial (Matos, 2018).

#### 4.3 A PERSPECTIVA ECOLÓGICA DO TECNODISCURSO: UM NOVO OLHAR PARA O CONTEXTO

Ao adicionar o fator ecológico para a concepção do tecnodiscurso, Paveau (2020) avança no seu propósito de propor uma análise do discurso digital, haja vista que essa passa a incluir em suas análises não só aquilo que seria a materialidade linguageira do discurso, mas também a sua ambiência, ou seja, o entorno que faz parte da produção digital.

Para asseverar a importância de conceber esse “tecnoespaço”, Paveau (2020, p. 55) sinaliza três fatores: i) os aspectos tecnológicos que fazem parte do discurso online e que não estão presentes nos discursos pré-digitais; ii) a escrita que demanda alguns gestos enunciativos, como vimos na seção anterior sobre o repostar e comentar, bem como outros, como o ‘dar like’, ‘favoritar’ etc.; e iii) a dimensão relacional, essa é importantíssima para o hipertexto que tem em sua gênese o viés de ‘ligação’, uma vez que os textos estão interligados.

A ênfase dada por Paveau (2020) à ambiência, dando-lhe um valor ecológico, advém do desejo de pôr fim a dicotomia língua e mundo, ou seja, a diferença entre o que é linguístico do que é extralinguístico. Por mais que essa distinção, ao longo da evolução da linguística de texto-principalmente após a virada pragmática- tenha se enfraquecido, a perspectiva digital, quando enfatiza essa não-distinção, corrobora para enfatizar a importância dos componentes

tecnológicos para a composição do texto digital nativo. Para elucidar o valor desse contexto, vejamos o exemplo da interface do perfil da pesquisadora no X, em que se consegue ver os elementos componentes desse exemplo de tecnotexto, a seguir.



Fonte: Léo (2024).

Neste “print” verificamos um hipertexto proveniente da rede X. No lado direito, é possível ver diversos links, como “BebêRena”, “Jaden Smith” entre outros, que, ao serem acionados, tirarão o usuário da página inicial e levarão a outras postagens que fizeram uso dessas palavras-chave. A cada dia essas palavras são alteradas, pois estas só estão compiladas devido ao número de postagens que a citaram. São as chamadas “tecnopalavras”, como postulado por Paveau (2020).

No lado esquerdo, também somos expostos a outras tecnolopalavras, contudo há nelas algumas ferramentas mais técnicas para o usuário, pois consistem em ferramentas mais voltadas para as configurações da rede X, como o “explorar” (acompanhado de um ícone em forma de lupa) em que o usuário pode pesquisar tweets ou contas de outros usuários através de uma ou mais palavras-chave.; e o recurso de “notificações” (acompanhado de um ícone em forma de sino), que mostra ao usuário as contas que interagiram com a sua, entre outras funcionalidades.

Como se pode perceber no exemplo, estas e outras ferramentas são guiadas por ícones que possuem alguma relação com o seu funcionamento na plataforma segundo suas funcionalidades e afordâncias da rede X. Essa questão está relacionada com a familiaridade que as ferramentas da internet ou afordâncias da plataforma estabelecem com o mundo real para que seu uso seja mais intuitivo. O que une ambos lados da interface do X é que todos são elementos clicáveis que mudam a orientação da enunciação apenas com um gesto de quem está

no comando do perfil. O meio também merece destaque, já que é onde estão as postagens e (re)postagens dos seguidores dos usuários, sendo possível realizar várias ações para com elas, como clicar, repostar (ícone das setas rotacionadas), favoritar (ícone de coração), salvar (ícone da bandeira com as pontas para baixo), comentar (ícone do balão de fala) etc.

São múltiplas as ações em um texto digital nativo, como vimos acima, principalmente quando este se configura em uma rede social, em que a interação é o fator primordial. Vejamos, também, que os aspectos aqui citados, do que está no entorno da produção dos tweets, se mostram como fulcrais para a manutenção da produção textual nessa rede, não sendo possível separar o texto do seu ambiente de produção, uma vez que ambos se retroalimentam. A noção de ecossistema de Paveau traz à tona a necessidade de observar a ambiência com um fator tão importante quanto o próprio texto analisado “[...] como um ecossistema no qual se elabora o discurso e não mais como um pano de fundo determinante para o discurso” (Paveau, 2020, p. 55). Com isso temos a noção de compósito que veremos a seguir.

#### 4.4 O TEXTO COMO UM COMPÓSITO E A SUA DESLINEARIZAÇÃO

Nas palavras de Paveau (2020, p. 58), “Um elemento do discurso é compósito quando é constituído de uma junção entre linguagem e técnica”. Quando visualizamos o exemplo 20 e destrinchamos os segmentos clicáveis, já estávamos adotando a perspectiva do compósito, ou seja, as palavras que somam o signo/significante e o elemento técnico fornecido pelo digital.

Ao apresentar essa característica, o texto torna-se manipulável. Assim, o receptor passa a ter a autonomia necessária para realizar escolhas ante aquele texto-base, como continuar a navegar neste ou acionar e produzir outros que se interligam a ele. Paveau (2020) sinaliza que esses compósitos podem estar no formato morfológico, quando estão singularizados em palavras, como as tecnopalavras no exemplo 20 -exemplo a palavra “Bebê Rena” ou tecnosegmentos, que são mais longos, como podemos ver na fonte que aparece na lista de referências- a exemplo desse endereço que aparece no exemplo 20 a URL: <https://x.com/leoXLoveX/status/1784159919937089777->.

Cabe salientar como a multimodalidade está presente nesse processo, para sinalizar esse compósito, por vezes as redes a marca por meio de cores; sublinhados e até com *emojis* que apontam para eles. As *hashtags* (#) também são um exemplo clássico para essa dimensão compósita, como o próprio @ utilizados nas redes.

Paveau (2020) analisa o posicionamento desses hiperlinks demonstrando o seu lugar clássico nos textos, que seria a posição intradiscursiva, ou seja, presente no fio textual, enquanto

a sua posição extra discursiva aparece nas laterais do texto. Quando avaliamos o exemplo 21, percebemos a preponderância dos *hiperlinks* na posição extra discursiva, sendo possível verificar que esse tipo é mais caro para direcionamentos que não possuem uma relação íntima com o texto-base, pois são apenas sugestões que a página oferece.

Já no que toca os *hiperlinks* intradiscursivos, o exemplo 17 nos apresenta este, quando as tecnopalavras e tecnosegmentos surgem para direcionar o leitor para outros textos, mas esses dialogam com o exposto no texto-base. Vejamos então que, embora os textos nativos digitais apresentem essa característica, os *hiperlinks* são estrategicamente posicionados, induzindo o leitor a um gesto que dependerá da sua vontade, ou seja, se aprofundar no assunto do texto-base ou ir para uma outra discussão, como visto naqueles que são posicionados nas laterais do hipertexto.

Vejamos que essa diferença é essencial no momento de análise de textos digitais nativos. É visível que os *hiperlinks* colocados à margem do texto-base têm função mais técnica, ou seja, é a marca da organização da rede -como vimos no exemplo 20, principalmente à esquerda-, enquanto o outro se implica ao discurso exposto no texto em questão. Conceber isso é produzir uma análise mais robusta desses textos, é garantir uma compreensão global do todo e não só da parte, ou seja, não se analisa a postagem da rede social, pela postagem, mas analisa-se a sua relação com o entorno discursivo que a rede social sugere.

Quando observamos todos esses ícones/símbolos clicáveis do hipertexto e, com eles, a possibilidade de nos direcionarmos para um texto-alvo, verificamos a sua característica deslinear, a saber: “A deslinearização consiste na intervenção de elementos clicáveis no fio do discurso, que direcionam o escrileitor de um fio-fonte a um fio-alvo, instaurando assim uma relação entre dois discursos[...]” (Paveau, 2020, p. 62).

Já havíamos dissertado sobre como os *hiperlinks* semioticamente falando, se apresentam de maneira distinta aos demais signos e isso torna-se preciso, pois a escolha de navegar para esse texto-alvo é do escrileitor. Cabe destacar, também, que existem algumas questões sobre a deslinearização provenientes do *hiperlink* e aquelas que são provenientes de emojis, vídeos ou gifs. Vejamos o exemplo abaixo.

Figura 21 – deslinearização visual sem alterações



Devido às limitações do impresso, não será possível observar a imagem em movimento *-gif-* em tempo real, porém, ao acessar o QR code conseguimos ter acesso ao *post*. Para que possamos entender, pelo postulado em Paveau (2020), que há uma diferença no processo de deslinearização, pois no exemplo 21, o que nota-se é que a imagem permite uma deslinearização visual do discurso produzido, não há nada nesta postagem que leve o leitor a um outro discurso. No entanto, quando analisamos o exemplo 17, verificamos que as tecnopalavras e os tecnosegmentos ali expostos permitem a mudança no discurso prevista pelo texto-fonte. Com isso fica nítido que o texto digital nativo tem em sua gênese a deslinearização, mas nem todas elas são passíveis de mudar o discurso produzido no texto-fonte.

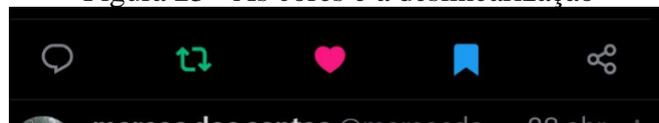
Buscando erradicar as dúvidas sobre esses tipos de deslinearização, Paveau (2020) descreve algumas delas. A primeira já tratamos, a deslinearização visual, no entanto, esta não leva o leitor a um texto-alvo. Já a deslinearização visual com alteração, pode, sim, levar a gestos clicáveis, que mudam o percurso feito no fio discursivo.

Figura 22 – deslinearização visual com alterações



Fonte: Recife Ordinário (2024).

Figura 23 - As cores e a deslinearização



Fonte: Recife Ordinário (2024).

É possível verificar nesse exemplo a presença de *hiperlinks* no formato de tecnosímbolos, no caso o que destacamos é o da repostagem, representado por duas setas na cor verde. Porém, há outro que também é marcado por cores, como o balão de comentar -na cor azul-, o coração para curtir -na cor vermelha-, a bandeira para salvar – na cor azul também- e a seta para cima de compartilhar -também na cor azul. No exemplo 23 conseguimos ver algumas dessas cores. Todos esses elementos têm uma deslinearização marcada pelo visual.

No que tange à deslinearização sintagmática, observa-se a presença do *hiperlink* no plano sintagmático, ou seja, durante a construção do discurso os termos são combinados e o segmento a ser clicado aparece estruturado a eles. Normalmente isso ocorre quando a postagem incorpora alguma *hashtag*, @ de um usuário entre outras possibilidades que ocorrem no eixo sintagmático, como se pode observar no exemplo a seguir.

Figura 24 - Deslinearização sintagmática



Fonte: Campos (2024).

O segmento clicável na postagem aparece como menção ao perfil da prefeitura do Recife no caso ‘@prefrecife’. Essa menção ocorre durante o fio discursivo de forma que a prefeitura citada também tem uma função sintática na construção do período, como objeto indireto do verbo “discutir”.

Desse tipo de deslinearização, Paveau (2020, p. 65) observa que decorre outro tipo de deslinearização, a adjetivada de enunciativa, a saber: “Da deslinearização sintagmática decorre uma deslinearização enunciativa: a saída do fio do discurso é também uma saída do fio enunciativo[...].”

No que toca à deslinearização discursiva, Paveau (2020) sinaliza como as ações no digital de solicitar uma amizade; curtir; compartilhar e até repostar um texto-fonte. Nesses processos temos outros discursos que são acionados sobrepondo os presentes no texto-base.

#### 4.5 REDEFINIÇÃO DA TEXTUALIDADE NO AMBIENTE DIGITAL

Ao assumirmos o texto digital nativo em uma perspectiva compósita, e, logo, visto em seu aspecto linguageiro e tecnológico, automaticamente levamos a análise de texto para um lugar diferente daquele que se via no impresso. Isto é preciso, pois, essa materialidade demanda outras análises que envolvem a relevância do seu aspecto técnico, como refletimos aqui sobre

os aspectos clicáveis que garantem um tipo de deslinearização do texto-fonte.

Ademais a esses aspectos, Giering e Pinto (2021), ancoradas em Paveau (2021), analisam os algoritmos como também um elemento relevante para a análise do texto digital, visto que a capacidade de orientar discursos, permitindo a sua manipulação, também é um fator a ser verificado. A Análise do Discurso Digital (ADD) idealizada por Paveau (2020) demonstra a preocupação em analisar os textos/discursos tendo em vista esses aspectos e é devido a isso que clama por uma nova “linguística” que alcance as particularidades do *online* em uma perspectiva ecológica do discurso: “[...]indicando para a Linguística Textual (LT) e a Análise do Discurso (AD) a necessidade de adequar seus dispositivos teóricos e metodológicos com vistas ao tratamento dos textos on-line.”(Giering; Pinto, 2021, p. 31).

Sabemos que muitos e variados são os preceitos considerados para analisar a textualidade, a título de exemplo citamos os fatores elencados em Marcuschi(2008), tais quais a coesão, coerência, informatividade, intencionalidade entre outros aspectos. Esses transitam da ordem da materialidade linguística -como a coesão e informatividade- e para o âmbito do discurso, do contexto -como a intencionalidade e a coerência-.

Mesmo antes do estopim do digital, teóricos como Marcuschi (1999) – também Xavier (2002), que discutimos massivamente na primeira subseção- já consideravam em suas análises o texto no formato digital, e a noção de hipertexto já era abordada por eles. Não sendo, assim, uma novidade para a LT.

[...] a noção de hipertexto é introduzida aos estudos da LT, no que tange à “escrita eletrônica”, pontuando que o leitor tem condições de ser também o autor do texto que produz, conforme pressupostos já desenvolvidos por Snyder (1997). Consequentemente, este leitor/autor (lautor), na acepção inclusive de Rojo ou esrileitor conforme Paveau (2021), interage com vários indivíduos na rede, tendo a tecnologia como base. (Giering; Pinto, 2021, p. 33).

Com isso, verificamos que a noção de hipertexto, de uma escrita não-linear não é próprio apenas dos estudos de Paveau (2021). Giering e Pinto (2021) sinalizam que autores como Snyder (1997) já tratam sobre uma escrita em que autor e leitor se mesclavam. Contudo, as autoras, apoiada em Rojo (2012), apontam que as mídias atuais favorecem uma escrita multissemiótica e a realização de uma produção colaborativa, em que o usuário ainda realiza um papel de disseminar, divulgar os textos. Exemplo disso são os memes, os quais são reformulados diariamente e compartilhados massivamente pelos usuários culminando no apagamento de sua autoria.

Com isso, fica evidente que o posicionamento adotado por Paveau (2020) nos é caro à

medida que observa que os dispositivos teóricos-metodológicos adotados no contexto pré-digital não conseguem abarcar as singularidades que os textos-compósitos detêm. Exemplo disso são os gestos realizados no digital que partem das escolhas dos usuários, porém essas não são de todo autônomas, uma vez que estes estão envolvidos em um contexto fortemente controlado por um algoritmo que atende às necessidades do contexto sócio-político vigente.

A partir disso a ambiência torna-se essencial no momento de análise e, por isso, o aspecto ecológico é relevante, visto que as análises textuais não se circunscreverão ao aspecto linguístico isolado, mas ao aspecto tecnológico que faz parte do contexto de produção. “Para o tratamento ecológico dos discursos, projeta-se uma linguística de perspectiva pós-dualista, na qual não há ruptura entre a ordem linguística e extralinguística [...]” (Giering; Pinto, 2021, p. 36-37).

As autoras salientam que esta perspectiva ecológica do discurso passa a conceber o ambiente no lugar da ideia de “suporte”. Isso ocorre tendo em vista que suporte detém uma acepção meramente utilitária, estrutural, quando na verdade o ambiente é essencial no contexto tecnológico, visto que toda interação colaborativa apenas ocorre devido aos subsídios que esse oferece.

Quando analisamos a ambiência em uma rede social, com todo o seu potencial plurissemiótico que permite dar cores aos gestos, como o coração vermelho ao curtir, bem como a animação que este faz ao ser clicado pelo leitor. Esse pequeno gesto aumenta a endorfina que garante a satisfação de quem recebe e de quem produz a reação, permitindo uma ligação ainda maior entre os usuários. Sendo assim, esses aspectos tecnológicos transvestidos no linguístico não podem ser relegados em detrimento de uma análise textual que apenas vê esses gestos como acessórios no momento de analisar uma produção *online*.

Tendo isso em vista, as reflexões aqui ensinadas são de grande relevância para consolidar uma base teórica para a análise do *corpus* em questão, o qual se debruça sobre as postagens humorísticas audiovisuais produzidas na rede social *Instagram*.

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nas seções anteriores, dedicamo-nos à fundamentação teórica que sustenta a pesquisa. Para tanto, observamos como a referenciação é uma atividade dinâmica e intersubjetiva (Mondada e Dubois, 2003), que concebe os referentes como objetos de discurso, (Apothéloz; Reichler-Béguelin, 1995) uma vez que estes são construídos discursivamente. Tendo isso em vista, dedicamo-nos a discutir os processos referenciais (Cavalcante, 2012) e como estes podem ocorrer não só por meio do modo verbal, mas por outros modos. Diante dessa asserção, discutimos a multimodalidade, dialogando com o proposto pela Semiótica Social (Santos; Pimenta, 2015). Por fim, dissertamos sobre o conceito de hipertexto (Xavier, 2002) e o tecnotexto (Paveau, 2021), uma vez que o nosso *corpus* se constrói nessa ambiência.

Com isso posto, nesta seção, dedicamo-nos a detalhar a metodologia adotada para tratar os dados selecionados e que dão motivação para a pesquisa em tela. Sendo assim, primeiramente evidenciaremos o tipo de pesquisa, para em seguida expor os critérios da seleção do *corpus*, destacando, também, as características dos responsáveis pela produção dele. Em um terceiro momento, apresentaremos a ambiência digital, destacando suas características que serão abraçadas no momento de investigação. Por último, apresentaremos os critérios de análise considerados para o estudo dos dados.

### 5.1 NATUREZA DA PESQUISA E ESCOLHA DO *CORPUS*

Assim como exposto por Paiva (2019), a pesquisa científica não se restringe ao objetivo de solucionar problemas, pois envolve o de compreender a realidade. Esse outro lado da investigação é essencial, tendo em vista que o que nos propomos a analisar recai sobre uma nova realidade linguística que é evidenciada principalmente nas redes sociais, local onde vemos emergir o texto digital nativo (Paveau, 2021). Essa nova realidade apresenta características atuais do processo comunicativo em rede, sendo de suma importância entender as suas nuances. Portanto, traçamos que essa inédita realidade é alvo das nossas investigações, tomando, assim, como objetivo geral o de analisar como a multimodalidade contribui para a referenciação em postagens humorísticas retiradas do ambiente virtual da rede social *Instagram*

Para tanto, enxergamos a natureza da nossa pesquisa como básica (Paiva, 2019), uma vez que não almejamos resolver um problema, mas sim ampliar o conhecimento científico sobre um tópico já amplamente estudado: a referenciação. No que toca ao gênero - este não relacionado ao proposto pela linguística, como em Marcuschi (2008)- da investigação em tela,

esta é do tipo empírica (Paiva, 2019), posto que se pauta na observação do fenômeno.

Tendo em vista o *corpus* selecionado, utilizamos a abordagem metodológica do tipo qualitativa (Paiva, 2019) uma vez que, a partir das postagens humorísticas coletadas, interpretaremos o conteúdo exposto, visando a identificar como a multimodalidade contribui para a homologação dos processos referenciais -a saber: introdução referencial, anáforas e dêixis-, tendo em vista a sua ambiência digital. Embora qualitativa, não negamos o viés quantitativo que em certa medida a pesquisa tangencia, quando, por exemplo, escolhemos os comentários das postagens selecionadas, com base na quantidade de curtidas e quando, também quantificamos algumas estruturas linguísticas que se repetem nos *posts*, que elegemos para avaliar. Contudo, como esse aspecto é apenas complementar, resolvemos adotar apenas o critério qualitativo.

Quanto ao objetivo da pesquisa, verificamos como descritiva (Paiva, 2019), posto que descrevemos o fenômeno em questão a partir de informações já acumuladas, dado que o tema em pauta já foi alvo de pesquisas anteriores. Igualmente a concebemos, em partes, como explicativa, pois também almejamos identificar os porquês que fomentam o fenômeno.

Cabe ressaltar que também reconhecemos que o método adotado em nossa investigação é do tipo netnográfica. Soares (2021) expõe como essa ambiência digital transforma a forma de tratar os dados, tendo em vista que entender os perfis de quem ali se insere é um ponto importante para quem se alimenta dos dados ali postos. Ademais, a quantidade de informações expostas em rede também se configura como um desafio, sendo importante que o netnógrafo delimite bem os filtros para a obtenção dos dados.

Para que entendamos os filtros utilizados por nós, primeiramente vamos esclarecer como se deu a escolha do *corpus*. Esta se deu a partir do exposto em trabalhos como o de Custódio Filho (2011), o qual defende a necessidade de mais pesquisas no campo da referenciação voltadas à análise multissemiótica dos textos, uma vez que a perspectiva verbocêntrica por muito tempo dominou os estudos sobre o texto. Sendo assim, escolhemos os textos audiovisuais em postagens humorísticas, considerando que, além do aspecto multissemiótico evidente, pelo cruzamento dos modos verbal, imagético, sonoro, gestual, também são construídos dentro das redes sociais, esse *lôcus* que possui uma configuração altamente multissemiótica devido à fusão entre o linguístico e o técnico (Paveau, 2021) proveniente da máquina.

Com isso, evidenciamos que analisar essas postagens à luz da referenciação nos pareceu bastante relevante, dado que os trabalhos já produzidos, os quais dissertam sobre a multimodalidade, tais como o de Custódio (2011), Cavalcante *et al.* (2014; 2020) e Ranieri (2022), ainda não realizam uma análise apurada no que toca às produções audiovisuais

associadas ao ecossistema digital. Ademais, outro desafio se coloca que é o fato de a construção desses textos não se encerrar na própria postagem, porque eles se ampliam nos comentários, que recebem curtidas e retomam -ou introduzem novos- referentes.

Tais postagens foram retiradas da rede social *Instagram*, a qual detém grande influência no campo das redes sociais, acumulando 2 bilhões de seguidores no mundo todo, segundo a RD Station, empresa dedicada ao marketing digital. Sendo assim, por sua popularidade, essa rede se torna um *locus* de investigação interessante, levando em consideração que os usuários se comunicam constantemente e por diversos modos semióticos nela - som, imagem, vídeo, reações por meio de cliques- utilizando não apenas as palavras para construir os sentidos pretendidos. Diante disto, escolhemos nessa rede as seguintes páginas: @southamericamemes, @pernambucoposting, @leaomilgrau, @meltedvideos, sendo todas voltadas ao humor. O marco temporal de coleta se deu entre os meses de janeiro a junho de 2024. Como a análise não recaí em um conteúdo temático específico, um recorte temporal mais extenso não se fez necessário.

Assim, reunimos um total de 60 postagens, sendo 30 do tipo monotela -quando a postagem é formada apenas por uma única publicação- e 30 no formato de carrossel -quando a postagem acopla mais de uma publicação em que há ou não uma relação temática entre elas. Devido à densidade dessas postagens, resolvemos não analisar as 60, tendo em vista que, para cada postagem, há uma gama de análises possíveis, como captar como os *posts* em carrossel dialogam com o referente apontado na legenda, além de analisar as relações estabelecidas entre essas postagens e os seus comentários, abrindo margem para a identificação de vários processos referenciais em rede. Com isso, resolvemos delimitar o *corpus* para que as análises sejam mais claras e fiéis ao objetivo principal da pesquisa. Para tanto, analisaremos 20 postagens, 10 do tipo monotela e 10 do tipo carrossel. Para analisar a ampliação enunciativa, selecionamos os quatro comentários mais curtidos. Essa escolha se dá tendo em vista que curtir uma postagem se assemelha a uma concordância com o seu conteúdo, logo, analisar o comentário mais curtido, é ter em vista uma opinião partilhada por vários usuários. Assim, nosso *corpus* se constitui de 20 postagens e 4 comentários.

## 5.2 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DAS POSTAGENS HUMORÍSTICAS

Na seção anterior, detalhamos a quantidade de postagens escolhidas, nesta subseção evidenciaremos os critérios para a sua escolha a saber: (i) postagens que fazem uso de recursos audiovisuais; (ii) postagens com teor humorístico/satírico; (iii) postagens com marcas evidentes

da multimodalidade: sons, gestos, imagens, cores; (iv) postagens que apresentem processos referenciais diversos; (v) postagens publicadas de janeiro a junho de 2024. Para organizá-las, construímos um quadro em que numeramos as postagens, colocamos o seu tipo (monotela ou carrossel) e a sua origem (página-fonte). Buscando deixar claro isso, abaixo elencamos os fatores pensados para a organização do quadro:

- 1) utilizamos a letra A para as postagens do tipo monotela e B para as do tipo carrossel;
- 2) para ordenar as postagens, mantivemos a numeração referente a ela. Exemplo: postagem A1; postagem B2 e assim seguindo a ordem crescente até chegar a postagem de número 20;
- 3) na primeira coluna, há a identificação alfabética do tipo da postagem com a sua respectiva numeração;
- 4) na segunda coluna, descrevemos o seu tipo se carrossel ou monotela;
- 5) na terceira e última coluna, evidenciamos a localização da página-fonte da qual retirou-se a postagem.

Quadro 1 – Identificação das postagens do corpus

<b>POSTAGEM</b>	<b>TIPO</b>	<b>PÁGINA-FONTE</b>
A1	monotela	southamericamemes
B2	carrossel	pernambucoposting
A3	monotela	leaomilgrau
A4	monotela	meltedvideos
B5	carrossel	southamericamemes
B6	carrossel	pernambucoposting
B7	carrossel	southamericamemes
A8	monotela	southamericamemes
B9	carrossel	pernambucoposting
B10	carrossel	meltedvideos
B11	carrossel	meltedvideos
B12	carrossel	meltedvideos
A13	monotela	pernambucoposting
B14	carrossel	southamericamemes
A15	monotela	pernambucoposting
A16	monotela	leaomilgrau
A17	monotela	leaomilgrau
A18	monotela	pernambucoposting

POSTAGEM	TIPO	PÁGINA-FONTE
A19	monotela	meltedvideos
B20	carrossel	meltedvideos

Fonte: elaboração própria.

Destacamos que a elaboração do quadro advém da necessidade de entender a estrutura das postagens selecionadas para análise, embora não seja do nosso interesse, devido à densidade das postagens do tipo carrossel, analisar cada conteúdo que a forma. Em um dado momento da análise dos dados, analisaremos um carrossel completo, elencando suas características e a tendência formação do referente em rede, porém, não nos comprometemos a analisar cada conteúdo das 10 postagens do carrossel, sendo uma escolha nossa debruçarmos-nos em um exemplar delas para a análise multimodal da referenciação.

Para que se compreenda melhor a diferença entre uma postagem monotela e um carrossel, apresentaremos, abaixo, uma ilustração para cada tipo de postagem, as quais não compõem a lista das 20 que serão analisadas no próximo capítulo.

Figura 25 - Postagem do tipo carrossel



Fonte: Southamericamemes (2024a).



Figura 26 - Postagem do tipo monotela



Fonte: Southamericamemes (2024b).



Na figura 25, vemos as características da postagem do tipo carrossel que se opõem à monotela, evidenciada na figura 26. As setas postas na primeira mostram o que caracteriza uma postagem carrossel, que no caso é a presença de mais de uma postagem aglutinada a um *post* só. Os quatro pontinhos que aparecem destacados pela seta expõem a quantidade de postagens reunidas nesta única, enquanto a outra seta mostra o botão que, ao ser clicado, leva a outra postagem que está dentro desta única. Vejamos que na figura 26, que é uma monotela, não temos a presença desses tecnosegmentos (Paveau, 2021) que acusam a existência de mais de um texto.

Salientamos que para além da diferença estrutural, identificamos que as postagens do tipo carrossel apresentam algumas particularidades. Uma delas é o diálogo que, às vezes, estabelecem com a legenda do *post*. Contudo, isso não é uma constante, em alguns momentos o responsável pela postagem em carrossel apenas legenda a sua postagem conforme umas das

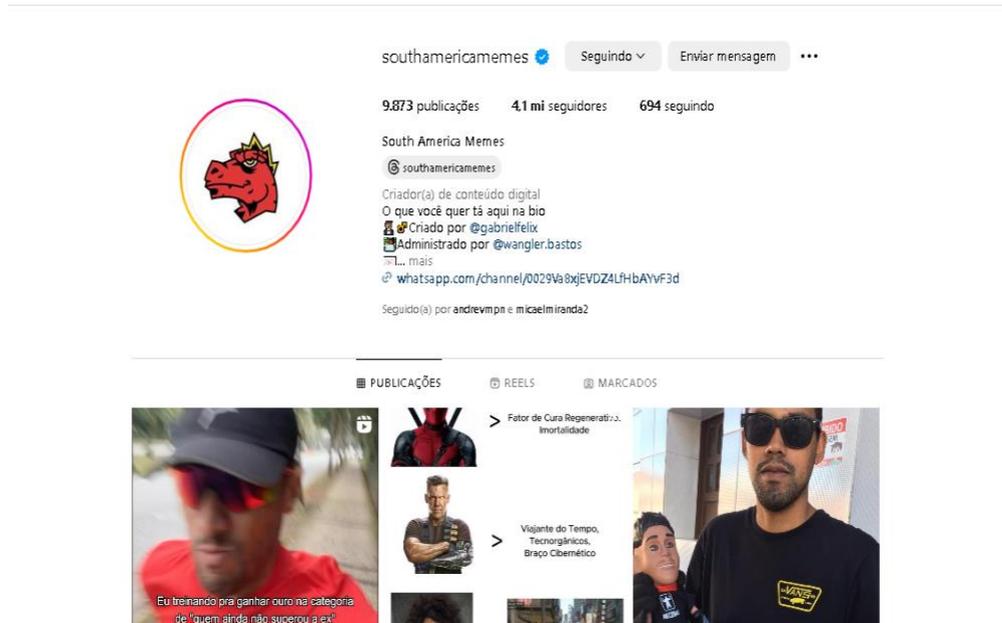
postagens do carrossel, não assumindo como responsabilidade a necessidade de apresentar previamente o conteúdo das demais postagens ali aglutinadas, tampouco de que essas tenham alguma ligação semântica entre si. Verificamos que o maior propósito dessas páginas públicas de humor é gerar o engajamento, sendo o recurso de aglutinar várias postagens em uma só a garantia de que alguma daquelas postagens agradarão o seguidor -ou futuro seguidor-, tendo como resultado uma curtida ou um compartilhamento, tendo em vista que as chances de agradar triplicam -ou mais, dependendo do número de postagens aglutinadas-.

### **5.2.1 Considerações sobre os perfis humorísticos das páginas selecionadas**

Esclarecidos os critérios de seleção, voltemo-nos para o lócus de análise, no caso, a rede social *Instagram*, na próxima seção falaremos mais sobre as nuances do ambiente digital nativo, mas nesta subseção apresentamos algumas características das três páginas selecionadas para a análise das postagens, ao mesmo tempo que justificamos o porquê desta escolha. Conforme já indicamos, as páginas selecionadas são: @southamericamemes, @pernambucoposting, @leaomilgrau, @meltedvideos.

A página @southamericamemes -memes da América do Sul- foi uma das escolhidas, primeiramente pela sua expressão nacional evidenciada pelo número de seguidores, somando 4,1 milhões. Consideramos este número relevante para uma página que não é de um influenciador, ou seja, que não visa a promover a imagem de uma personalidade, logo, questões comerciais não são o seu foco, se restringindo a postagens de teor cômico.

Figura 27 - Página 1 “southamericamemes”



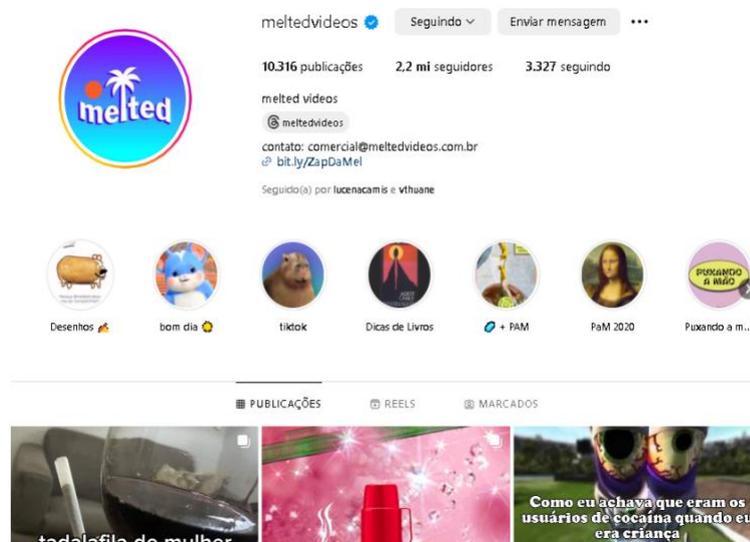
Fonte: Southamericamemes (2024d).

Pelos dados disponíveis no próprio perfil, essa conta iniciou em janeiro de 2015 e ganhou o selo de verificação em abril de 2023. O selo identifica a conta como autêntica, normalmente concedido a figuras de grande expressão na rede, sendo também uma forma de evitar a confusão com contas falsas.

A página tem o único propósito de divulgar textos humorísticos, ora no formato de monotela, ora no formato de carrossel, sempre se utilizando de semioses diversas. A página leva o nome de memes, pois assim como assinalado por Silva (2021), o meme ganhou uma conotação de qualquer produção digital que volta-se ao humor, logo, isso faz com que tudo que é produzido em rede social com teor humorístico seja comumente chamado de meme.

A página meltedvideos tem traços muito semelhantes à primeira, sendo também uma página de expressão nacional, embora com a metade de seguidores, 2,2 milhões. Ainda assim, @meltedvideos é uma das páginas de referência para a temática do humor “no sense” ou sem noção. Assim como a primeira página, esta não busca promover a imagem de uma personalidade, mas apenas divulgar seus conteúdos humorísticos que também ora são no formato de monotela, ora no formato de carrossel.

Figura 28 - Página 2 “meltedvideos”



Fonte: Meltedvideos (2024e).

@meltedvideos não faz referência em sua descrição a nenhum criador em específico, logo não sabemos quem é o seu fundador, diferentemente do que pode ser visto na figura 27 relativa à página @southamericamemes, que em seu perfil direciona o leitor para o fundador. Porém, conforme uma reportagem publicada no site “webjornalismo.unicap”, que visa a apresentar um estudo sobre memes, descobrimos que a página Meltedvideos já tinha existência no facebook desde 2013, embora no *Instagram* sua conta tenha registro de criação apenas a partir de 2016. Na matéria, explica-se que “O nome “Melted” foi pensado por Felipe, o qual queria um nome em inglês que remetesse à imagem “derretida” dos antigos vídeos em VHS.”. A página também ganhou um selo de verificação em maio de 2022.

O que notamos em comum entre meltedvideos e southamericamemes são as postagens humorísticas que versam sobre conteúdos diversos destinados a faixas etárias diferentes. O foco destas páginas é combinar imagens, sons com situações reais vivenciadas por pessoas comuns, o que gera o engajamento dos usuários com o seu conteúdo. Notamos que por vezes as contas apresentam algum posicionamento crítico referente à política, mas este não é o foco dessas páginas, pois elas “democraticamente” criticam tudo e estão fortemente ligadas ao humor ácido e por vezes sem limites.

Diferente das páginas anteriores, @pernambucoposting tem um alcance menor se comparado a elas, reunindo 658 mil seguidores. A menor expressividade pode ser explicada pelo fato de seu humor ser marcadamente estadual, como o próprio nome do perfil demonstra, já que as piadas produzidas são sempre voltadas ao cotidiano pernambucano. Isso é evidente até mesmo nesse registro da primeira postagem da página do perfil estabilizada na figura 29 em que lemos “Pov: Recifense mais medroso” e vemos a figura de um tubarão, algo que já nos

remete ao contexto de perigo que muitas praias do Recife enfrentam devido aos ataques de tubarão.

Figura 29 – Página 3 “pernambucoposting”



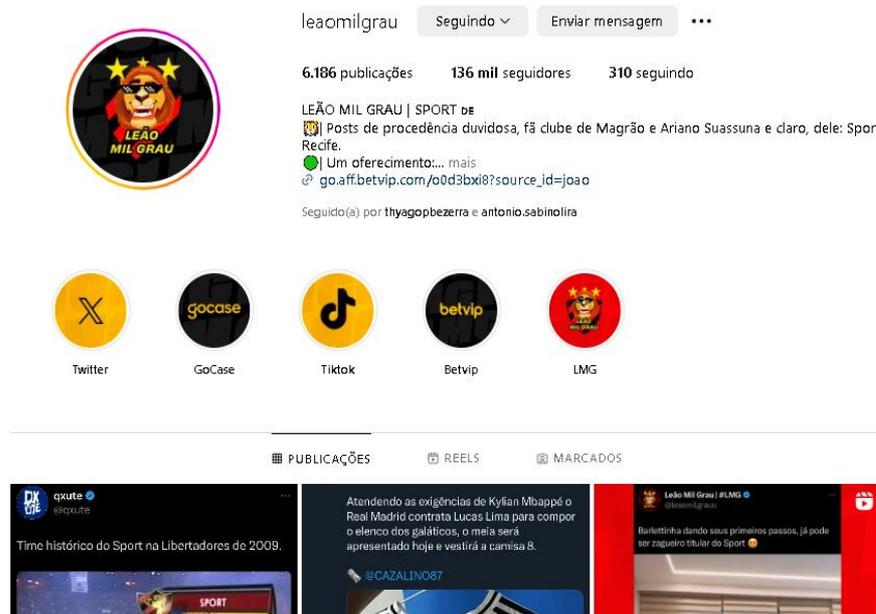
Fonte: Pernambucoposting (2024d).

Outro fator que marca o humor geográfico dessa página é o próprio símbolo utilizado por ela, bem como sua descrição “A página mais resenha da Manguetown”, que liga a figura do caranguejo a do mangue, as quais são marcas culturais de pernambuco devido ao movimento “manguebeat” que surge na cidade do Recife no anos 90 e tem Chico Science como idealizador principal.

A página tem data de surgimento na rede social *Instagram* em janeiro de 2019 e não possui selo de verificação. Isso pode ser explicado pelo já dito: o pouco alcance nacional da página. Ainda assim, para uma página de conotação estadual, @pernambucoposting tem uma quantidade expressiva de seguidores e sempre garante um número significativo de curtidas, comentários e compartilhamentos, dado o conteúdo afim aos interesses dos usuários.

A quarta e última página, a @leaomilgrau, uma página que precisa do imagético para que o seu sentido seja compreendido, visto que apenas o verbal não dá conta de esclarecer a sua motivação. Assim como a página 3, essa também busca representar de forma humorística uma realidade pernambucana através do futebol. Isso é evidenciado quando verificamos a imagem do leão que simboliza o mascote do time Sport Clube do Recife, bem como as cores rubro-negras. Percebemos logo que se trata de uma página de humor, quando notamos os óculos colocados no leão, tirando a conotação séria que este detém no brasão do time.

Figura 30 - Página 4 “pernambucoposting”



Fonte: Leamilgrau (2024).

Com 136 mil seguidores, esse perfil é o de menor alcance, o que pode ser novamente atribuído ao público mais restrito que representa. A página só propaga conteúdos voltados ao time e por muitas vezes diminui os seus adversários através de sátiras. @leamilgrau tem sua criação em janeiro de 2016, já demonstrando um tempo expressivo dentro das redes e assim como a página @pernambucoposting, não apresenta selo de verificação, pois não possui uma expressão tanto quanto às duas primeiras.

Assim como @pernambucoposting, @leamilgrau não deixa explícito quem é o fundador da página, restringindo-se em sua descrição a evidenciar que os seus “posts” são de “procedência duvidosa” e que são fãs de Magrão e Ariano Suassuna, o primeiro sendo o goleiro histórico do time, e o segundo um grande escritor e torcedor declarado do clube.

As duas últimas páginas são voltadas ao humor, mas com um diferencial em relação às duas primeiras: o conteúdo geograficamente situado. Ambas têm o objetivo de engajar um usuário local e compartilhar de forma cômica os sofrimentos do pernambucano e dos torcedores do time do Sport. Porém, o que nos faz unir essas quatro páginas nesta pesquisa são os traços em comum que suas postagens detêm: o uso de recursos audiovisuais para produzir humor. O material propagado por elas nos é interessante quando demonstra como a multimodalidade se coloca clara para a construção de um referente, sendo relevante analisar como os processos referenciais são tecidos em rede. Feito o detalhamento das postagens, seguiremos para entender como se deu o processo de escolha dos comentários, tendo em vista a necessidade de analisar o

referente em rede.

### 5.3 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DOS COMENTÁRIOS

Assim como definimos os critérios para a seleção das postagens, tendo em vista que essas não se encerram nelas mesmas, mas deixam margem para que sejam enriquecidas pelos comentários, posto que são publicadas por uma página pública que visa à interação dos seguidores através de comentários e de gestos enunciativos, como o curtir, compartilhar e salvar. Com isso, entendemos que analisar os comentários presentes nessas postagens audiovisuais é conceber a ampliação referencial possibilitada por eles, contribuindo para a sua (co)construção em rede. Para tanto, definimos a escolha do comentário mais curtido, em quatro postagens, o que não significa que seja o primeiro a aparecer. Vejamos no exemplo abaixo.

Figura 31 - Escolha do comentário



Fonte: Southamericamemes (2024c).



No caso dessa postagem, vemos que o comentário 1 (doravante C1) possui 4.898 curtidas, já o C2 4.195, havendo uma ordenação do mais curtido para o menos curtido, porém isso não é uma regra da rede. Dando sequência à explicação sobre os critérios de seleção dos comentários, observemos ainda o mesmo exemplo:

Figura 32 - Escolha do comentário II



Fonte: Southamericamemes (2024c).

Nesse segundo registro, de comentários mais abaixo, vemos que não é o número de curtidas que define totalmente quem aparece no topo, pois o C3 que possui 213 curtidas está acima do C4 que possui 1.709, sendo este último postado antes do C3. Conjeturamos que o tempo seja um fator que influi no modo de disposição dos comentários na tela. Esse esclarecimento torna-se necessário tendo em vista que selecionamos aqueles que têm o maior número de curtidas pelos seguidores das páginas, uma vez que a curtida, pode ser tida como uma concordância ou apreciação do usuário leitor, sendo a forma que ele dispõe para manifestar esta interação a partir do gesto da curtida. Devido à quantidade de comentários, não seria possível analisar cada um, por isso a necessidade de filtrá-los por algum critério, sendo uma escolha nossa adotar o número de curtidas que equivale ao número de interações, como critério

Para um melhor entendimento da seleção dos comentários por postagem, sugerimos a seguinte tabela.

Quadro 2 - Organização do corpus + comentários

POSTAGEM	COMENTÁRIO
B12	b12
B14	b14
A15	a15

POSTAGEM	COMENTÁRIO
A18	a18

Fonte: elaboração própria.

#### 5.1.4 Dos critérios de análise do *corpus*

Ao longo dessa seção discutimos o aparato metodológico em que a pesquisa em questão se insere. Evidenciamos que a abordagem metodológica se insere em uma pesquisa qualitativa, mas que não exclui o aspecto quantitativo quando percebe a repetição de alguns padrões referenciais nas postagens analisadas. Também destacamos a escolha do corpus colocando em evidência os critérios de filtragem utilizados e a nomenclatura que adotaremos para as postagens do tipo monotela e as de carrossel. Ademais, nomeamos os comentários e como esses foram selecionados para que possamos lançar um olhar para as ampliações enunciativas que enriquecem a postagem-fonte.

Para que se pudesse entender as escolhas feitas, descrevemos um pouco sobre os perfis que formam as páginas públicas presentes na rede social *Instagram* escolhidas para análise, descrevendo suas características e objetivos.

Agora, nos dedicaremos a descrever os critérios de análise que adotamos para que na seção seguinte seja feita a análise do corpus. A seguir pontuamos esses critérios, bem como os explicamos.

- I. identificação dos processos referenciais introdução referencial; dêixis e anáfora. Será analisado como as postagens humorísticas apresentam, retomam e recategorizam os seus referentes não só pelo verbal, mas também pelas semioses outras que permeiam o texto digital nativo;
- II. atuação da multimodalidade, buscando observar os efeitos interpretativos que os modos semióticos dão aos processos referenciais, analisando os porquês dos usos de alguns sons, gestos e imagens para a promoção do referente;
- III. recategorização do referente a partir da ampliação enunciativa pelos comentários. Será observado como aqueles mais bem avaliados são os responsáveis por transformar o referente construído pela postagem e até mesmo introduzir novos;
- IV. análise do funcionamento do ecossistema digital, tendo em vista que o ambiente da rede social *Instagram* oferece recursos próprios que diferem do modo comunicativo realizado no offline.
- V. constituição da rede referencial, tendo em vista que os referentes são articulados em rede

(Matos, 2018) avaliando postagem e comentários

Detalhado como será esse processo de análise, partiremos para as observações que serão feitas tanto nas postagens em monotela como nas de carrossel na seção seguinte.

## 6 ANÁLISE MULTIMODAL DA REFERENCIAÇÃO EM PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS HUMORÍSTICAS PUBLICIZADAS NO *INSTAGRAM*

Conforme exposto na seção anterior, a pesquisa em tela tem como objetivo analisar como a multimodalidade concretiza os processos referenciais em produções audiovisuais humorísticas publicizadas na rede social *Instagram*. Tendo como aporte teórico para a referenciação Koch e Marcuschi (1998), Mondada e Dubois (2003), Custódio Filho (2011), Cavalcante (2012), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014). No que tange ao hipertexto próprio do digital, nos pautamos em Xavier (2002) e Paveau (2021), no que toca à perspectiva ecológica do texto digital nativo.

No que toca ao corpus selecionado, como elencado na seção da metodologia, analisaremos 20 postagens humorísticas, sendo 10 do tipo monotela e 10 do tipo carrossel, todas retiradas das seguintes páginas da rede social *Instagram*: @southamericamemes, @pernambucoposting, @leaomilgrau, @meltedvideos. Também destacamos que foram escolhidos 4 comentários -os mais curtidos- para entender o comportamento da ampliação enunciativa e como ela contribui para a progressão do referente -ou não- ativado na postagem-fonte. Conforme mostrado no quadro 1, nomearemos as postagens monotela como A e as do tipo carrossel em B. Para os comentários, conforme o quadro 2, adicionaremos a inicial minúscula para nomeá-los. Salientamos que as análises terão por base a visualização da postagem em desktop, tendo em vista que conseguimos visualizar melhor, destacamos isso, pois a visualização em smartphone apresenta algumas diferenças, como já mostramos na seção anterior.

Reiteramos que as análises serão assim subdivididas conforme os critérios de análises já expostos:

- (i) identificar os processos referenciais e os recursos multimodais utilizados;
- (ii) observar como a multimodalidade contribui para a construção do sentido do referente;
- (iii) analisar como a ampliação enunciativa recategoriza o referente mantendo-o ou não;
- (iv) identificar a rede referencial construída no ambiente digital.

### 6.1 DOS PROCESSOS REFERENCIAIS POR MEIO DA MULTIMODALIDADE

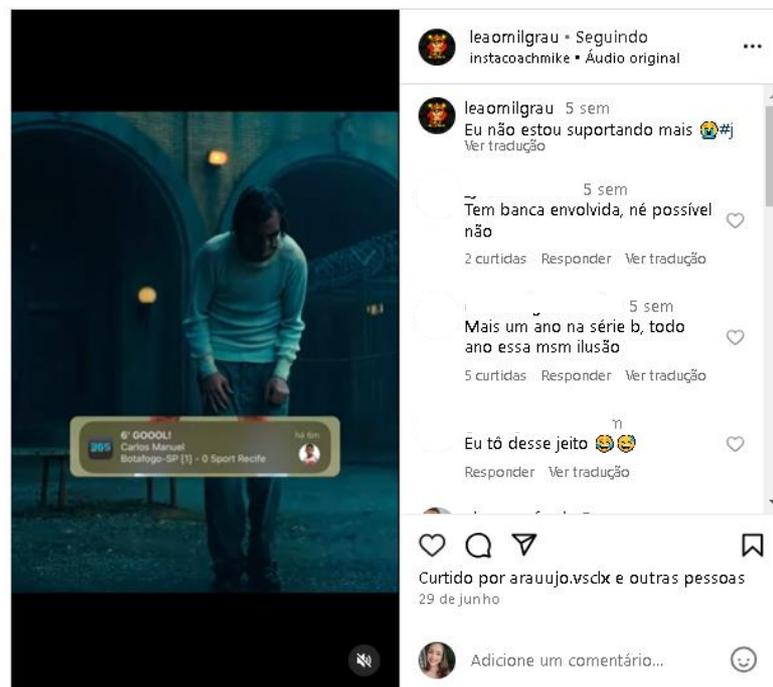
Assim como apontado em Cavalcante (2012) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito

(2014) ancorados em Mondada e Dubois (2003), a referenciação é uma atividade dinâmica, colaborativa e intersubjetiva, dessa forma, os processos referenciais permitem que visualizemos a progressão desse referente no texto, sendo possível analisar como este é homologado no contexto ao qual foi produzido. O diferencial que se enseja na nossa proposta é como a multimodalidade contribui nessa homologação. Destacamos que Custódio Filho (2011) já reclamara a necessidade de ser analisar a referenciação para além do verbal, adicionando às análises a perspectiva multimodal da referenciação.

### 6.1.1 Introdução referencial

Cavalcante (2012) resume a introdução referencial como o momento que o referente aparece pela primeira vez no texto, não sendo possível conceber nenhuma âncora para a sua aparição. Tendo como norte este conceito já discutido na seção dois, vejamos uma ilustração desse em uma postagem audiovisual:

Figura 33 - Introdução referencial (A3) – O louco



Fonte: Leaomilgrau (2024a).



Nesta postagem em que vemos a figura de um homem gargalhando no meio da chuva, dando margem para compreendermos que não se trata de uma pessoa sã, tendo em vista o

contexto o qual está inserido, verificamos que o referente “o louco” é introduzido, mesmo sem qualquer elemento verbal, apenas o som e a imagem. Essa introdução imagética, ainda assim é complementada por uma outra imagem que é sobreposta ao vídeo com os dizeres “6’ GOOOL, Carlos Manuel Botafogo-SP[1] – 0 Sport Recife” ainda há a imagem do jogador ao lado para que saibamos quem é Carlos Manuel.

Primeiramente, é nítido observar a configuração multimodal dessa postagem, posto que há combinações possibilitadas pelo digital, quando vemos, por exemplos, dentro do próprio vídeo a presença de uma imagem que não faz parte dele, pois claramente vemos que faz parte de um contexto diferente, o contexto esportivo, mas que junto ao vídeo do homem gargalhando melancolicamente, em um lugar que remete a uma prisão, devido à cerca elétrica que está a sua volta e um guarda de preto que aparece ao longe, vemos a construção do referente “o louco”.

Contudo, como alertado por Santo e Pimenta (2015, p. 300), “o uso da linguagem está revestido por significados potenciais, associados a situações específicas. Na perspectiva contextual da semiótica, as autoras observam os modos semióticos atrelados a uma motivação. Portanto, para apreendermos essa motivação é preciso analisarmos não só a postagem em si, mas a sua origem para que entendamos a que serve o referente “O louco”.

Quando observamos o enunciador da postagem, “leamilgrau”, sabendo dos objetivos que essa página de humor detém, começamos a compreender o vídeo postado. Ao postá-lo, o perfil coloca a seguinte legenda “Eu não estou suportando mais 🤔#j”. Precisamos, primeiro, notar que a postagem é do dia 29 de junho, dia em que o time Sport Clube do Recife estava jogando contra o time paulista Botafogo-SP na 13ª rodada do campeonato brasileiro da série B. Cabe destacar que o Sport já vinha de outras derrotas, ficando mais distante de estar entre os quatro times que ganham acesso ao campeonato da série A do brasileirão. No momento em que a postagem foi feita, o time rubro-negro estava perdendo, demonstrando que a sequência negativa se manteria.

Sendo assim, a página de torcedores, que visa fazer rir, mesmo em um contexto trágico para o time, constrói o referente “o louco”, tendo como base a figura do “coringa”, personagem da HQ que ganhou fama e tons dramáticos na live action produzida pela DC Studios. A imagem capturada é da parte dois do filme Coringa, que ainda não teve sua estreia, mas foram divulgados alguns trailers, sendo este momento retirado de um deles.

Vejamos que a imagem do louco é construída partir de referências contextuais sobre quem é a figura do homem gargalhando na chuva, no caso o Coringa. Tendo isso em vista, é possível entender que a escolha feita pela página não foi aleatória, visto que a construção desse referente “louco” é homologada pelo próprio contexto. Vejamos que a loucura advém da

tragédia que o time está passando, ainda que de forma exagerada, esse referente é assim construído, visto que os torcedores partilham desse mesmo sentimento. Reiteramos, também, que o emoji utilizado na legenda da página corrobora ainda mais para o drama construído pelo referente, quando reforça a tristeza por meio das lágrimas estáticas que marcam essa figura. A seguir apresentaremos um outro exemplo para esse processo referencial.

Figura 34 - Introdução referencial (B3) – Vida a dois



Fonte:SouthAmericaMemes (2024f).



Selecionamos, agora, uma postagem carrossel para analisar como a introdução referencial é construída aqui. Primeiro sinalizamos que existe uma tendência para que as postagens nesse formato estejam em um encadeamento semântico que é anunciado pela própria legenda escolhida pela página. Sendo assim, costuma-se seguir uma “temática”, mas isto não é uma regra, veremos que nem sempre há essa vinculação, e a legenda acaba sendo apenas um destaque referente a algumas dessas postagens que estão aglutinadas e que o enunciador resolve destacar.

Sabendo disso, cabe já analisarmos a legenda utilizada pela página: “desconfie”. Esse verbo é utilizado para nomear um carrossel que contém quatro postagens, conseguimos ver essa quantidade devido aos pontos que ficam no interior da postagem -destacamos com um retângulo vermelho-. Não é possível esperar muito da legenda que apenas avisa ao usuário para desconfiar. Assim, é preciso remeter realmente ao conteúdo do post. Escolhemos para analisar a última postagem do carrossel, mas cabe destacar o conteúdo das anteriores.

Na primeira, é possível ter acesso a uma imagem de um gato com uma trombeta e os dizeres “\*começa a dar tudo certo na minha vida\* o anjo na sétima trombeta:” a postagem é

acompanhada do som de uma trombeta, de fato. Enquanto a segunda postagem, também no formato audiovisual, vemos dois adolescentes se entreolhando em um momento que demonstram estar exaustos de comer. O texto verbal que aparece nessa imagem confirma: “a gente se olhando no rodizio de mini hambúrguer que achou que ia dar prejuízo depois de comer 3”. Já na terceira postagem, encontramos o personagem Mário em quatro momentos, em dois deles ele parece com as suas cores usuais e visíveis; já nas outras duas ele aparece em preto e branco e pouco visível. Nos momentos que ele está colorido vemos as seguintes ações: “chegar em casa”; “comer”; já nas outras, temos “cozinhar”, “lavar a louça”. É possível observar que essa mudança na feição do Mário é construída para gerar a ideia das partes boas de se chegar em casa contra as partes ruins.

Embora não seja objetivo da nossa análise, uma vez que apenas almejamos analisar a última, tendo em vista o enfoque dado à introdução referencial, destacamos que todas essas postagens se relacionam à legenda, pois tratam de conteúdos que geram essa ideia de desconfiança, pois mesmo em um contexto que seria proveitoso para o indivíduo, algo ali acaba por quebrar essa expectativa. Isso demonstra que as postagens em carrossel podem, sim, ter relação direta e resumida pela legenda. Característica importante para a construção global de um referente.

Por fim, a quarta imagem- e a escolhida para ser analisada nesse carrossel-, mostra, como vemos na figura 34, um rapaz sentado pronto para jogar seu vídeo-game, porém, a sua esposa começa a dizer algumas coisas que faltam em casa e, logo, ele levanta-se com uma feição de desapontamento e aparenta ir comprar as coisas que ela diz faltar. Para entendermos a construção negativa do referente “vida a dois”, temos algumas pistas cotextuais, como o texto verbal que aparece sobre o vídeo: “Não vejo a hora de casar e ter paz na minha vida” “casado”. Observemos que esse último dizer não vem acompanhado dos dois-pontos, mas fica apenas em uma posição paralela ao marido que está sentado pronto para jogar, mostrando a relação entre o imagético e o verbal.

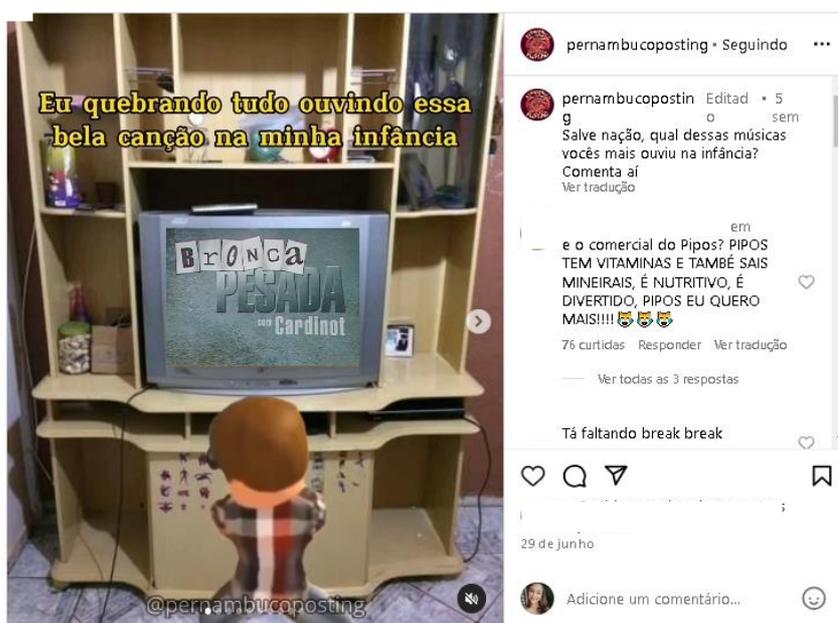
Salientamos que Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) não asseveram se a introdução referencial seria primeiro pelo imagético ou pelo verbal, pois isso parte do olhar particular que cada leitor lança, haja vista que não temos como garantir o que foi observado primeiro. Em uma perspectiva holística da referência, verificamos que a introdução referencial ocorre com um “eu” implícito que não vê a hora de casar para ter paz, uma construção positiva do viver a dois. Contudo, temos uma recategorização do primeiro, em que esse indivíduo, agora, “casado”, é construído sob a perspectiva de um homem que se mostra descontente com suas obrigações, não tendo mais espaço para os seus divertimentos que marcam, principalmente,

a vida de um solteiro sem obrigações.

Avaliamos a ideia do casado como uma transformação do primeiro referente acionado, quando esse ainda se trata do mesmo rapaz, mas em um novo contexto que quebra com as suas expectativas. O audiovisual nos auxilia nessa construção, trazendo elementos necessários para perceber como essa vida a dois tão sonhada pode ser diferente na prática. Também destacamos a relação com a legenda, a ideia do “desconfiar” segue relacionando-se a essa postagem também, pois o enunciador já avisa para desconfiarmos dessa ideia de que casamento traz paz e tranquilidade.

A seguir teremos a exposição de uma sequência de imagens que fazem parte do carrossel (B2), o propósito é expor como cada postagem dessa introduz um referente que quando encadeados, são retomados pelo conteúdo expresso na legenda, vejamos.

Figura 35 -Introdução referencial (B2) – canções não convencionais da infância “Tá dominado”



Fonte: PernambucoPosting (2024f).



Figura 36 -Introdução referencial (B2) – canções não convencionais da infância “Race rodas”



Fonte: PernambucoPosting (2024f).

Figura 37 - Introdução referencial (B2) – canções não convencionais da infância “Biscoito treloso”



Fonte: PernambucoPosting (2024f).

Figura 37 - Introdução referencial (B2) – canções não convencionais da infância “Papepiu”



Fonte: PernambucoPosting (2024f).

Figura 38 -Introdução referencial (B2) – canções não convencionais da infância “Praia limpa”



Fonte: PernambucoPosting (2024f).

Figura 39 – Introdução referencial (B2) – canções não convencionais da infância “Globo Esporte”



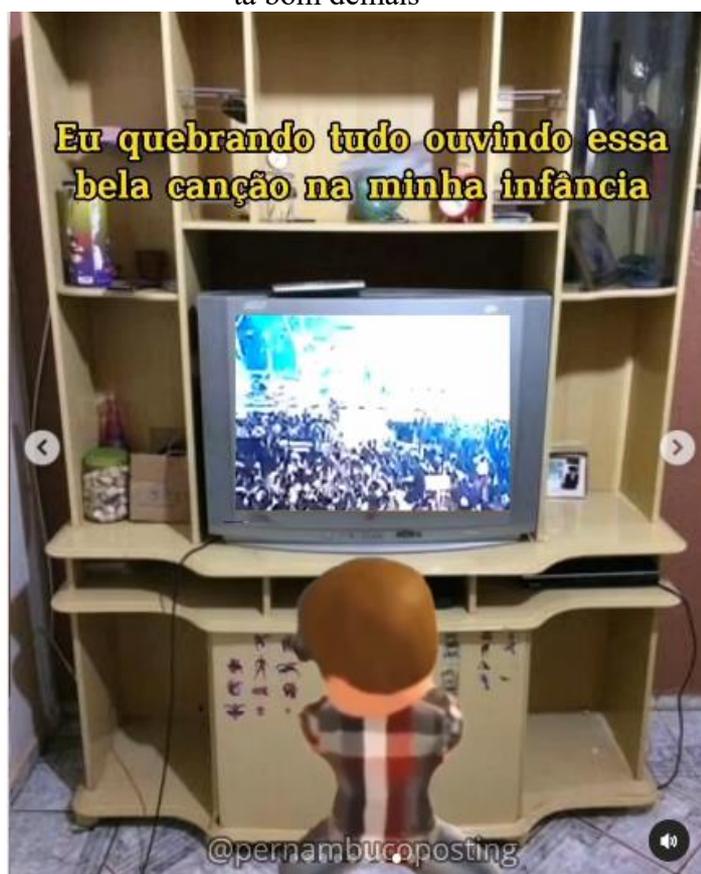
Fonte: PernambucoPosting (2024f).

Figura 40 – Introdução referencial (B2) – canções não convencionais da infância “TVClube”



Fonte: PernambucoPosting (2024f).

Figura 41 - Introdução referencial (B2) – canções não convencionais da infância “Tá na clube, tá bom demais”



Fonte: PernambucoPosting (2024f).

Figura 42 – Introdução referencial (B2) – canções não convencionais da infância  
“MinutoCatólica”



Fonte: PernambucoPosting (2024f).

Figura 43 - Introdução referencial (B2) – canções não convencionais da infância “NETV”



Fonte: PernambucoPosting (2024f).

Entendemos que cada postagem, que faz parte desse carrossel, enseja um referente que não progride, este é apresentado a cada *post* e não retoma nenhum elemento antes mencionado, apenas lança, conforme mostrado na legenda, uma música. Para comprovarmos essa característica de introdução referencial, retomamos o dito por Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 60) “Uma introdução referencial é instaurada somente quando [...] um referente é construído pela primeira vez na mente do coenunciador”. Com isso, percebemos um ponto importante para o que já anunciamos no campo teórico, a perspectiva da formação dos referentes em rede (Matos, 2018). Cada referente desse se interliga de modo a promover um referente “maior” o de “canções não convencionais da infância”. Um olhar atento para o contexto permite compreender que todas essas músicas fazem parte da infância de um pernambucano, pois eram comuns nos intervalos comerciais da televisão aberta. Sendo assim, juntas essas introduções promovem o devido referente.

Vejamos que na primeira introdução, trata-se de uma música utilizada no programa “Cardinot”, este que trazia notícias trágicas do cotidiano recifense; Já na segunda temos o jingle “RacyRodas” que é uma loja de autopeças pernambucana; Na terceira encontramos a icônica propaganda do biscoito Treloso que também compõe um jingle; Na quarta mais um jingle proposto pela loja de sapatos Casa-Piu, que no dia das crianças sempre veicula essa mesma propaganda; Na quinta temos a propaganda da Praia Limpa, que também configura-se como jingle que buscava incentivar a formação de cidadãos conscientes quanto à limpeza das praias do Recife; Na sexta temos o instrumental que apresenta o programa Globo Esporte; Na sétima mais uma introdução instrumental, agora do canal TV Clube; Na oitava encontramos um novo jingle que marca também a apresentação do canal TVClube; Na nona temos mais um instrumental que marca o minutoCatólica que era promovido pela Universidade Católica do Recife para as televisões abertas; Na décima, e última, temos outro instrumental que introduz o NETV da Rede Globo.

Sendo uma canção conhecida, um jingle ou apenas um instrumental, todas essas postagens aglutinadas combinam-se para promover o referente “canções não convencionais da infância” ainda adicionaríamos o adjetivo “pernambucana” a esse referente, tendo em vista que todas essas eram comuns na televisão pernambucana, sendo até uma memória afetiva compartilhada por esse público. O viés sociocognitivo do texto é ainda mais visível nessa análise da referência, tendo em vista os conhecimentos sócio-históricos aqui envolvidos (Cavalcante, Custódio Filho e Brito, 2014) para que se chegue à construção do referente.

### **6.1.2 Anáforas**

As anáforas, em sua função primordial, têm o objetivo de fazer progredir o referente (Cavalcante, Custódio Filho e Brito, 2014) no texto. Para tanto, elas retomam o referente que foi introduzido pela devida expressão referencial que, como vimos, não precisa ser por meio do verbal- . No caso das anáforas temos aquelas que realizam a correferenciação, chamadas de “diretas” e as que aparecem no texto pela primeira vez, mas se ligam ao referente principal sem o retomar diretamente, as então anáforas indiretas (Cavalcante, 2012). Ademais, temos aquelas que encapsulam uma porção textual, a chamada anáfora indireta, a sua peculiaridade é que a rotulagem tem função adjetiva (Cavalcante, 2012). Com isso em mente, verifiquemos o próximo exemplo.

Figura 44 - Anáfora direta (A1) – amizade verdadeira



Fonte: Southamericameme (2024g).



A postagem do tipo monotela, no formato audiovisual, apresenta dois referentes, um dêitico “eu” e um outro intitulado “melhor amigo”. Para que entendamos quem seria este “eu”, o vídeo busca apresentar esse, o qual não é tão individualizado, uma vez que as ações realizadas pelo personagem do vídeo -como procurar por algo, de forma ávida, no imenso arquivo- buscam expor uma prática comum realizada por outros que também se identificam com esse “eu”. A presença dos dois-pontos nos leva diretamente a olhar para baixo e entender o porquê da frase “Eu procurando uma foto com o meu melhor amigo:” .

Vejamos que o vídeo é retirado do filme da Disney “Soul”, o qual retrata sobre o sentido da vida, fazendo um paralelo entre a vida espiritual e a real. No registro em *print* que fizemos, é possível perceber que o personagem principal no vídeo é uma espécie de “fantasma”, sendo então a figura de um espírito. Sem a necessidade de entender o contexto do filme para compreender o objetivo da postagem, vemos este espírito checando um imenso registro em busca de algo que não encontra. Logo abaixo, temos mais um texto verbal que diz “(a gente tem 9 anos de amizade)”.

Ao ler esse enunciado, captamos a locução pronominal “a gente” como uma anáfora direta que retoma “eu” e “melhor amigo”, agora fundidos. Essa retomada propõe uma transformação dos objetos de discurso que permite a compreensão de que ambos, por serem amigos há tanto tempo -9 anos- não possuem uma foto de fácil acesso. Essa ideia é reforçada quando olhamos a legenda que se aplica à postagem “mais fácil achar foto com alguém aleatório”.

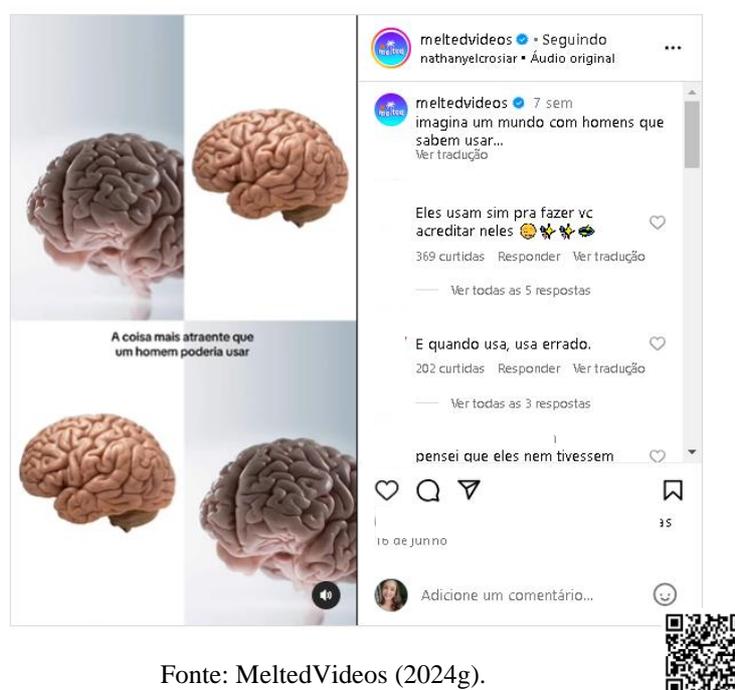
A ideia de ter uma foto com “alguém aleatório” reitera um referente que não é homologado linguisticamente, mas é visível: a amizade verdadeira. A construção desde a

introdução, à retomada pelo imagético e mais outra pelo verbal, permitiu a construção desse referente que é tido a partir da soma dessas partes em favor de uma intenção comunicativa.

Mais uma vez comprovamos o que já fora discutido: a referenciação como a reelaboração do real (Mondada;Dubois, 2003), tendo em vista que o enunciador - @southamericamemes-, buscando a adesão a sua postagem, homologa um referente partilhado entre muitos indivíduos: a amizade verdadeira que diferente daquelas “aleatórias”, não guarda registro, porque vive os momentos e deixa para guardá-los apenas na memória afetiva.

Na imagem a seguir apresentamos um exemplo das anáforas encapsuladoras

Figura 45 -Anáfora encapsuladora (A19) – homem sem cérebro



Fonte: MeltedVideos (2024g).

Nessa nova postagem, agora da meltedvideos, conseguimos visualizar a chamada anáfora encapsuladora. Segundo Cavalcante (2012, p. 127) “Essa estratégia anafórica, na qual uma expressão referencial resume um conteúdo textual, e inclui outros conhecimentos que temos sobre o que está sendo referido [...]”. Daí a natureza adjetiva da anáfora encapsuladora, haja vista que ela rotula uma porção textual de acordo com a intenção comunicativa.

No caso do post que selecionamos, identificamos como o elemento linguístico encapsulador o termo “a coisa mais atraente”. Vejamos que essa expressão envolve o elemento visual que está atrás do verbal: o cérebro. Sendo assim, o enunciador coisifica de modo a mostrar que essa parte tão importante para o ser humano “deveria” ser utilizada com prioridade pelos homens, ironizando que esses não o utilizam. Há, claro, uma crítica implícita a ideia dos

homens como seres acéfalos que permeia o imaginário comum, mais um elemento que ratifica o viés intencional dos textos e demonstra a construção da referência em caráter negociado (Mondada; Dubois, 2003).

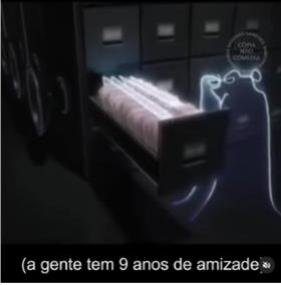
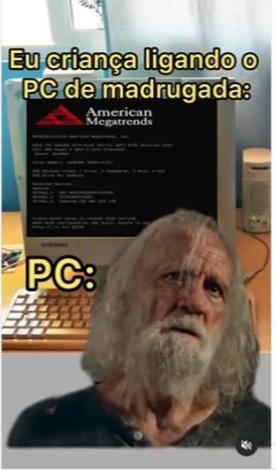
Há ainda que se notar que essa postagem no formato de vídeo, ainda acompanha uma música de origem inglesa que tem um tom sofisticado e um tanto “sensual” o que também da conta do contexto de um elemento atraente para os homens. Vejamos aqui que ao encapsular como “coisa mais atraente” a porção textual imagética ganha importância e ratifica o discurso implícito de que são raros os homens que conseguem conquistar utilizando-se de sua inteligência. Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 81) afirmam que a anáfora encapsuladora “é uma estratégia metadiscursiva de posicionar-se ante o que foi expresso.” Entendamos, aqui, que a imagem expressa recebe o posicionamento do enunciador que o vê -o cérebro- como elemento atraente para os homens, voltando-se para o seu próprio dizer em uma atividade reflexiva.

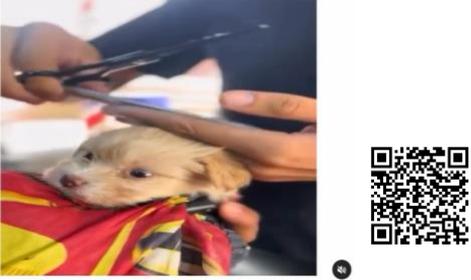
### 6.1.3 Dêixis

Esta última categoria de um processo referencial: a dêixis, nos chama particularmente atenção na análise dos nossos dados, tendo em vista a recorrência em que ela foi vista nos *posts*. Para sistematizar essas ocorrências, construímos um quadro que foi organizado da seguinte forma:

- (i) Código da postagem evidenciando a sua fonte;
- (ii) Expressão dêitica de modo a expor qual foi a construção dêitica observada;
- (iii) Conteúdo da postagem, o qual apresenta um registro em *print* do texto audiovisual que fez seu uso.

Quadro 3 – Expressões dêiticas em evidência

Código da Postagem	Expressão dêitica	Conteúdo da postagem
A1	“Eu procurando uma foto com o meu melhor amigo”	<p data-bbox="869 405 1150 465">Eu procurando uma foto com meu melhor amigo:</p>  <p data-bbox="869 757 1150 779">(a gente tem 9 anos de amizade)</p> <p data-bbox="869 763 1267 786">Fonte: Southamericamemes (2024f).</p>
B2	“Eu quebrando tudo ouvindo essa bela canção na minha infância”	<p data-bbox="869 824 1142 936">Eu quebrando tudo ouvindo essa bela canção na minha infância</p>  <p data-bbox="869 1167 1142 1189">Fonte: PernambucoPosting (2024f).</p>
A4	“Eu criança ligando o PC de madrugada”	<p data-bbox="847 1249 1102 1361">Eu criança ligando o PC de madrugada:</p>  <p data-bbox="847 1720 1123 1742">PC:</p> <p data-bbox="847 1727 1230 1749">Fonte: Meltedvideos (2024h)</p>

Código da Postagem	Expressão dêitica	Conteúdo da postagem
B7	“Eu lavando o cabelo com sabão de coco e a pessoa vem me pedir pix”	 <p>Fonte: Southamericamemes (2024h).</p>
A8	“Eu com TDAH”	<p>Mãe: leva o cachorro pra castrar e seu irmão no cabeleleiro</p> <p>Eu com TDAH:</p>  <p>Fonte: Southamericamemes (2024i).</p>
B9	“Eu olhando pra torcida adversária depois de fazer um gol contra no interclasse”	<p>Eu olhando pra torcida adversária depois de fazer um gol contra no interclasse:</p>  <p>Fonte: Southamericamemes (2024i).</p>
B10	“Eu com o nome sujo no serasa”	<p>Pastor: vem aqui na frente quem está precisando ser limpo</p> <p>Eu com o nome sujo no serasa:</p>  <p>Fonte: Southamericamemes (2024i).</p>

Código da Postagem	Expressão dêitica	Conteúdo da postagem
B11	“Eu depois do almoço quando não tem um docinho pra comer”	 <p>Fonte: Southamericamemes (2024i)..</p>
A13	“Quando eu finalmente vou pra Boa viagem tomar banho de praia”	 <p>Fonte: Southamericamemes (2024i).</p>
B20	“eu no canto da festa junina amassando 7 milhos cozidos, 4 conchadas de canjica e 5 pedaços de cuscuz quanto o povo perde tempo dançando quadrilha.”	 <p>Fonte: Melted Vídeos (2024i).</p>

Fonte: elaboração própria.

Ao analisarmos minuciosamente o quadro acima, primeiramente, notamos que nele estão contidos dez exemplares das postagens coletadas, variando entre o formato monotela e carrossel -salientamos que para cada carrossel, escolhemos uma única postagem que guardava

a expressão dêitica, mas não anulamos o fato de que dentro dele, há outras expressões de igual sentido. Inicialmente, pudemos constatar que a metade do *corpus* é composto de expressões dêiticas do tipo pessoal que, conforme a teoria define, é “qualquer expressão que se refira às pessoas que, de fato, participam do ato comunicativo (locutor e interlocutor) é, portanto, considerada uma ocorrência de dêixis pessoal.” (Cavalcante, Custódio Filho, Brito, 2014, p. 87).

Sendo assim, cada postagem elencada tem por base a construção de um “eu”, porém, o que nos intriga nessa construção dêitica que exige o olhar para o entorno comunicativo do enunciador, é o fato de que esse “eu” não é o “eu” do responsável em si pela postagem: @pernambucoposting, @meltedvideos, @southamericamemes ou @leaomilgrau, mas sim de um “eu” genérico, criado pela página de humor que sabe que o usuário daquela rede pode compartilhar daquele imaginário e, logo, aderir à postagem, curtindo, comentando ou compartilhando, uma vez que se identifica.

Vejamos, pois, que aqui a dêixis pessoal ganha uma função muito maior do que apenas identificar quem seria esse “eu”, pois o que está em jogo, em cada postagem é o que esse eu faz, se este: (A1) tem uma relação de amizade antiga e, logo, não possui registros fotográficos dessa grande relação; (B2) dança ao ouvir uma canção da infância não convencional; (A4) relembra o seu eu criança que ligava o computador de madrugada e temia acordar os pais, devido ao barulho produzido pela máquina; (B7) passa por problemas financeiros e logo não tem paciência para quem pede dinheiro emprestado; (A8) tem déficit de atenção e hiperatividade e confunde o que é lhe é solicitado; (B9) demonstra sua reação ao marcar um gol contra em uma partida escolar; (B10) ironiza a sua situação financeira; (B11) demonstra a tristeza que é não ter um doce para comer pós-almoço; (A13) ironiza o mar do bairro de Boa Viagem devido aos intensos ataques de tubarão; (B20) expõe sua gula durante as festas juninas.

Essas são apenas algumas das muitas postagens de humor que carregam a expressão dêitica, demonstrando, assim, uma forte tendência dessas páginas a isso, podendo ser considerada uma tentativa de engajar o interlocutor e atrair o gesto de curtida de quem se vê identificado com o que a página posta. É bastante interessante verificar isso, haja vista que é comum que a análise da função dêitica pessoal tenda a ser feita a partir da busca pelos interlocutores envolvidos no processo comunicativo. No contexto das postagens humorísticas, essa relação locutor e interlocutor é remodelada, pois o “eu” trata-se de um indivíduo genérico que realiza ações comuns aos seus pares. Assim, a página cria esse “eu” para atrair os usuários, identificando-se e interagindo com o conteúdo proposto.

### 6.1.3.1 Uma menção à dêixis de memória

Embora seja um tipo dêítico pouco discutido, uma vez que as categorias: pessoal, temporal e espacial são as canônicas e mais observadas, abrimos um espaço aqui para fazer menção à dêixis de memória, visto que identificamos a sua presença em nosso *corpus*. Antes, reiteramos a fala de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 96) que assim a define: “[...] uma espécie de dêixis que tem por função dar indícios ao coenunciador de que ele precisa buscar o objeto referido em conhecimentos que os participantes da comunicação compartilham.” Vejamos o exemplo abaixo.

Figura 46 – Dêixis de memória (B6) – bairro perigoso



Fonte: Pernambucoposting (2024d).

A postagem acima retirada da página pernambucoposting retrata uma realidade local que exige um conhecimento para além do cotexto. Nela há um vídeo que apresenta uma montagem, em que o fundo é composto por uma imagem estática que faz referência ao bairro recifense do Ibura. Esse bairro é conhecido por ser considerado perigoso, sendo tal ideia partilhada como senso comum entre os moradores do próprio bairro e dos adjacentes, devido aos casos de violência que marcam esse lugar.

Tendo em vista esse contexto, notamos que o áudio do vídeo faz menção a um som de bala, remetendo a uma espécie de tiroteio. O personagem mais velho que aparece no vídeo dialoga com um outro mais jovem, que afirma que “vai mais ele”, mas que não vai na frente, gerando um humor devido ao receio de ser acometido pela bala perdida. Tal vídeo é uma montagem, uma sobreposição de cenários, mas que, em sua junção, combina-se ao verbal através do dizer: “Quando vou visitar meu amigo que mora no Ibura”, permite a formação do referente “bairro perigoso”.

É possível que se associe o texto de humor a um caso de dêixis temporal, tendo em vista que essa é tida pela marcação temporal da ação enunciada por um locutor e isso pode ser comprovado pelo advérbio de tempo “quando”. No entanto, não analisando de forma isolada, é visível que a dêixis de memória também é saliente, visto que o enunciador expõe uma situação que ocorre ao visitar o amigo e convoca o leitor a ativar essa memória compartilhada entre ambos -no caso aqui entre o enunciador e o seu amigo-, a memória do bairro do Iburá como um lugar perigoso e ameaçador.

Salientamos que a perspectiva multimodal é de suma importância para a construção do referente por ativação dessa memória compartilhada. Vejamos que os modos utilizados: som, gesto, imagem, movimento, somam-se para a construção do significado pretendido (Santos;Pimenta, 2015).

Nessa subseção foi possível identificar os processos referenciais que engendram diferentes referentes no texto digital nativo. Foi possível apreender o seu caráter colaborativo, intersubjetivo e dinâmico (Mondada;Dubois, 2003), bem como a percepção de que esses foram construídos muito mais pelo aspecto audiovisual, que combina formas multimodais, do que apenas pelo verbal para que se gerasse o humor previsto por cada página analisada. A seguir, nos debruçaremos a analisar o *corpus*, agora com o enfoque nos comentários concebidos como uma ampliação enunciativa (Paveau, 2017) e a sua relação com o texto multimodal em foco.

## 6.2 A RECATEGORIZAÇÃO DO REFERENTE PELA AMPLIAÇÃO ENUNCIATIVA

Conforme o elucidado no capítulo 4, o hipertexto possui uma arquitetura diferenciada em que vemos características como a imaterialidade, confluência de modos enunciativos, não-linearidade e intertextualidade infinita (Xavier, 2002). Características essas que no impresso perdem a motivação, demonstrando, assim, que a *web* é um contexto diferente que pede uma análise diferenciada, assim como apontada em Paveau (2020). A autora pleiteia uma análise do discurso digital, que observa o universo digital não como um contexto “extra” ao discurso, mas como parte dele, fundindo-se. Assim, a analista do discurso apresenta a ideia da tecnolinguagem praticada nesse ecossistema, que consiste na fusão do linguístico à máquina em um *continuum*.

Alicerçada nisto, temos a noção de ampliação enunciativa a qual é trazida por Paveau (2017) e que trata da ação de comentar ou compartilhar uma postagem, sendo assim parte da enunciação principal. Conservamos o dito em Ciulla; Cortez; Silva e Pinto (2022), as quais não suspendem a autoria individual das postagens quando analisada a ampliação enunciativa, bem como consideram que essas ações do digital conseguem prolongar o tópico discursivo. Diante

disso, analisaremos no quadro a seguir os quatro comentários de cada postagem escolhida para exemplo dentro do *corpus*, demonstrando a relação entre a postagem-fonte e a ampliação desta. Para tanto, destacamos novamente que o comentário escolhido para cada texto advém do seu maior número de curtidas. Visando tornar a análise mais sistemática, organizamos o nosso quadro da seguinte forma:

- (i) Código do comentário que se relaciona a sua postagem fonte;
- (ii) Postagem, a qual expõe o registro em *print* da postagem, à qual o comentário pertence.
- (iii) Registro em *print* do comentário analisado.

Destacamos que como o foco, aqui, se dá na análise do comentário em si, outros aspectos, como a legenda da postagem-fonte, foram suprimidos.

Quadro 4 – Ampliação enunciativa pelos comentários

Código do comentário	Postagem	Comentário
b12	 <p>Fonte: MeltedVideos (2024j).</p>	<p>herymontefusco 14 sem Eu não conheço nenhuma música da Taylor, mas conheço várias da Joelma. Rainha né amores. </p> <p>2.791 curtidas Responder Ver tradução</p> <p>— Ver todas as 62 respostas</p>
b14	 <p>Fonte: SouthAmericamemes (2024k).</p>	<p>Fica a dica aí rapaziada: Pare de tentar e comece a desistir </p> <p>426 curtidas Responder Ver tradução</p> <p>— Ver todas as 7 respostas</p>

Código do comentário	Postagem	Comentário
a15	 <p>Fonte: PernambucoPosting (2024g).</p>	<p>Rapaz, pior é no Rio Grande do Sul que a galera nem se considera brasileiro 😂😂</p> <p>2.675 curtidas Responder Ver tradução</p>
a18	 <p>Fonte: PernambucoPosting (2024g).</p>	<p>Tem nem graça ser campeão em cima do Náutico</p> <p>221 curtidas Responder Ver tradução</p> <p>Ver todas as 6 respostas</p>

Fonte: elaboração própria.

Iniciamos a análise do comentário b12, que corresponde à postagem B12 da página @meltedvideos, em formato carrossel. Embora apresentemos só a primeira postagem que compõe o todo -conforme já sinalizamos de que o objetivo não é analisar todo o carrossel, devido a sua densidade-, o qual busca promover as músicas consideradas boas pelo enunciador em detrimento dos artistas superaclamados, mas que do seu ponto de vista não fazem músicas boas, sendo assim, este substitui o áudio original da artista por uma música a seu gosto. Destacamos que o carrossel contém oito posts com músicas e artistas diferentes.

Quando nos atentamos ao comentário mais curtido – 2.791- que coincidentemente está no topo dos comentários (como já discutimos isso não é uma constante), verificamos que um usuário faz referência justamente à primeira postagem do carrossel -normalmente a mais analisada, visto que poucos são os usuários que passam por todo o carrossel, devido à dinamicidade da rede. Nessa ampliação, verificamos que o enunciador enriquece o referente “músicas boas e não aclamadas”, quando cita a autora da música da postagem B12, Joelma, exaltando-a ao afirmar que conhece muitas de suas canções, mas não as da Taylor Swift, cantora norte-americana conhecida mundialmente. A partir disso, é exposto um paradoxo, visto que Taylor é muito mais famosa que Joelma, cantora paraense, colaborando para o humor

pretendido pela postagem.

Já no segundo comentário, b14, referente à página @southamericamemes, visualizamos mais um carrossel composto por 4 posts, estes contendo conteúdos de humor diversos, escolhemos, pois, registrar aquele que possui um conteúdo no formato audiovisual, tendo em vista que é esse o do nosso interesse de análise. Nele encontramos uma referência fortemente arraigada a um conhecimento partilhado entre gamers, dado que a “Loud” trata-se de um grupo brasileiro que é composto por várias equipes de jogadores de alto-nível de diversos jogos famosos mundialmente, como LOL (League of Legends). Esse grupo é venerado pelos jovens, alimentando em seus sonhos o desejo de participar desta equipe, porém a postagem, visando ratificar a sua intenção humorística, brinca com isso, mostrando o paradoxo entre sonho e realidade. O recurso visual em vídeo auxilia nisso quando mostra um rapaz carregando fardos e fardos de alimento, expondo o seu trabalho árduo. Sendo assim, a realidade vivenciada por esse jovem que sonha em viver do seu jogo é mostrada de uma forma engraçada quando quebra totalmente com as suas expectativas de tornar-se um grande jogador da LOUD.

Diante desse contexto, voltemo-nos ao comentário b14, que recebe o maior número de curtidas -426- e não aparece no topo da postagem, em que o usuário afirma que é preciso parar de tentar e começar a desistir. A frase que desenha um clichê motivacional, ganha ares de humor quando substitui a motivação pela desmotivação, afirmando que não devemos tentar. Associando a uma possível relação com a primeira postagem do carrossel. Observamos, com isso, novamente, o usuário enriquecendo e colaborando para a manutenção do referente “fracassado” no comentário, quando expõe a ideia de que sonhar não é válido, uma vez que já devemos começar desistindo.

No que tange ao comentário a15, pertencente à página pernambucoposting, vemos, inclusive, um referente que tem ancoragem no contexto local. Para que entendamos o conteúdo central da postagem, observemos um balão de fala que sai de uma casa distante em um mapa, em que seu enunciador afirma ter sobrenome europeu, visto que seu bisavô era italiano. Novamente recorremos ao aparato sociocognitivo viabilizado pelo texto, no qual os conhecimentos histórico-culturais são essenciais para o entendimento de algumas mensagens, nesse caso, a ideia da supremacia europeia, tendo em vista o orgulho do enunciar em possuir um sobrenome italiano.

A quebra de expectativa vem em dois momentos. No primeiro, há no áudio da postagem que a música “A morte do Vaqueiro”, de Luiz Gonzaga-, e nos dizeres verbais o nome do enunciador, que além de se chamar João -nome comum-, possui outros dois nomes de família marcadamente brasileiros e nordestinos: Silva Ferreira, e do seu local de fala Abreu e Lima -

cidade pernambucana que está distante do centro do Recife.

Tanto os dados verbais quanto os sonoros constituem a referência dessa postagem que visa a fazer galhofa com aqueles que tentam se sobrepor aos demais, devido a uma falsa ideia de superioridade cultural propagada desde a colonização. O comentário a15 dialoga diretamente com o criticado, agora ativando um novo referente, o estado do Rio Grande do Sul, muito conhecido por seus descendentes europeus. Nesse, o usuário brinca afirmando que os moradores desse estado não se consideram “nem brasileiros”, ganhando um grande número de curtidas - 2.672- e isso é justificado, uma vez que os nordestinos partilham uma disputa velada com os estados do Sul, uma vez que se sentem alvo de preconceito por parte deles. Embora direcionando para um novo referente, o comentário segue mantendo a visão proposta pelo conteúdo em A15, novamente confirmando a função da ampliação enunciativa.

Por último identificamos o comentário a18, esse que compõe a página leomilgrau, e, logo, versa sobre um conteúdo futebolístico focado no time do Sport Recife. Sendo assim, visualizamos um vídeo em que há uma cena de um trecho do filme brasileiro Tropa de Elite. Tal corte é bem conhecido e amplamente divulgado com outras postagens visto que possui uma fala estratégica, em que o Capitão Nascimento, em uma briga com sua esposa, afirma firmemente que manda “nessa porra” apontando o dedo para a sua face e vociferando se ela está entendendo.

Embora problemática, a cena do filme é replicada com vários objetivos, como esta em que vemos a esposa transfigurada com o brasão do Clube Náutico Capibaribe e o Capitão Nascimento com o brasão do Sport Clube do Recife. Tal situação pode ser contextualizada com a vitória do time rubro-negro sobre o alvirrubro no Campeonato Pernambucano. Devido à superioridade do primeiro, a posição do capitão lhe cai bem, contribuindo para a o referente “time superior de Pernambuco”, quando é este que ali manda. Tendo em vista à “pequenez” do time adversário, o comentário a18, com 221 curtidas colabora com o referente promovido em A18, quando afirma não ter graça ser campeão em cima do Náutico, o que é uma máxima bastante propagada entre os torcedores do Sport. Sendo assim, somamos mais um comentário em que se mantém o referente da postagem-fonte e o faz progredir, nos casos aqui abordados, em consonância, através de uma tarefa colaborativa, típica do meio digital.

Na subseção a seguir, apresentaremos duas ilustrações que expõem as particularidades da ambiência digital de modo a visualizarmos esse ecossistema.

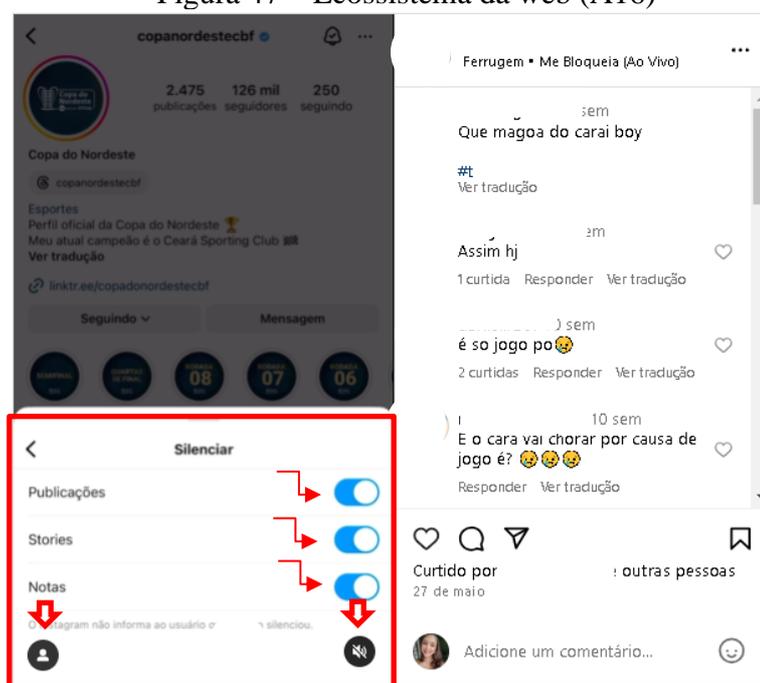
### 6.3 ANÁLISE DO ECOSSISTEMA DIGITAL NATIVO

Tendo em vista o discutido no capítulo 4, em que tratamos sobre a visão de Paveau (2021) acerca da composição dos textos digitais nativismo em que foi possível analisar como os elementos linguageiros fundem-se à máquina, e visualizamos formas híbridas quando observamos as *affordances* (Paveau, 2021), nesta subseção, buscaremos sistematizar esses elementos que aparecem em duas postagens, de modo a ilustrar como esse ecossistema também colabora para a construção do referente.

Nesse ecossistema, a todo momento, somos convidados a curtir, compartilhar, comentar, rolar, enviar entre tantas ações que nos aparecem em formato de símbolos ou palavras, sempre de modo intuitivo para que se mantenha o usuário engajado, diferente da comunicação realizada no *offline*, que pede um manejo diferenciado tendo em vista que os recursos oferecidos são outros, não sendo possível realizar em um “clique”, aquilo que fazemos apenas na *web*.

Nas análises feitas até o momento, esses elementos estavam presentes e contribuíram, por exemplo, para que observássemos a ampliação enunciativa, quando consideramos como critério de análise o número de curtidas recebidas. Além dos símbolos, que por vários momentos apareceram nos registros das postagens, como o botão de ligar ou desligar o som da postagem, de passar de uma postagem a outra dentro de um carrossel, entre outras. Para que deixemos essa análise ainda mais clara, selecionamos duas postagens que usam massivamente os recursos oferecidos pela tecnolinguagem, vejamos.

Figura 47 – Ecossistema da web (A16)



Fonte: Leாமilgrau e Caradoixpo (2024).



Destacamos nas setas em vermelho (postagem A16), para além do que foi exposto no próprio vídeo, mais outros tecnossegmentos que a própria rede social *Instagram* oferece. Neste caso, observamos o símbolo que remete a uma pessoa (ícone de pessoa marcado em branco com o fundo preto, como indica a seta em vermelho do lado esquerdo da postagem A16), que remete a outro perfil marcado na postagem, o @carecadoixpo, e também temos o símbolo do alto falante (como indica a seta em vermelho do lado direito da postagem A17), que ao ser clicado emite o som ou o suspende, como mostra o pequeno traço inclinado à esquerda sobre o ícone do alto-falante.

Na postagem A17 há, novamente, a parceria entre as páginas mencionadas anteriormente, no entanto o conteúdo é um vídeo que foi construído a partir de uma montagem, tendo em vista que o homem chorando não é relacionado ao contexto expresso no quadro anexado ao vídeo, que mostra o time rubro-negro fora do G4 -posição em que ficam os times que vão ter acesso à série A- . Essa remixagem tem o objetivo de produzir o humor trágico advindo da derrota do time que o fez sair do G4. Novamente vemos os recursos digitais, como a remixagem, em favor das intenções comunicativas dos usuários. Essa prática colabora para a formação do referente “torcedor triste”, dado que os elementos em rede colaboram para essa construção.

Na próxima subseção finalizaremos a análise dos dados por meio de uma verificação holística de um post tendo em mente o conceito de redes referenciais.

#### 6.4 AS REDES REFERENCIAIS

No capítulo 2 tratamos da noção de redes referenciais, teorizadas por Matos (2018) que consiste no entrelaçamento dos sentidos propostos pelos referentes ativados em favor da coerência textual. Um ponto abordado por essa noção, que nos chama atenção, é o abandono da ideia restrita à expressão linguística que retoma o referente introduzido, sendo agora considerado outros modos de se perceber essas retomadas e recategorizações, ancorando-se agora, ainda mais, no ambiente, demonstrando o viés sociocognitivo da referência. Para que mostremos esse entrelaçamento, apresentamos novamente o exemplo A8 de modo a evidenciar essa noção.

Figura 49 – Redes referenciais (A8)



Fonte: Southamericamemes (2024i).

Em uma primeira análise, temos alguns referentes introduzidos nessa postagem, a saber: mãe, cachorro, castração, irmão, cabeleireiro e um dêitico “eu”. Todos esses são introduzidos por uma expressão linguística homologada e que se tratam de introduções referenciais. Ao entrar em contato com a imagem, vemos um cachorro e o cabeleireiro que realizam uma anáfora direta com a expressão linguística antes mencionada, só que agora esses são recategorizados, pois o cachorro está no salão, lugar que antes teria sido destinado ao irmão.

A partir disso, o referente irmão é transformado, uma vez que ao analisar o ocorrido, entende-se que o irmão foi para castração no lugar do cachorro. Isso ocorre, devido a esse “eu” genérico -já discutido quando abordamos a dêixis nessas postagens- ser adjetivado com TDAH (Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade), também realizando uma mudança na perspectiva desse referente, pois é isso que o faz mudar as ações solicitadas pela mãe, único referente que não mais é transformado nesta postagem.

Vejamos que a mudança nas ações do “eu”, não são devidamente expostas, mas o leitor, baseado nos seus conhecimentos de mundo, ao entender o que significa ser TDAH, apreende o humor da postagem, a qual homologa o referente “irmão desatento”.

Se observarmos os comentários, vemos o comentário em que um seguidor da página diz: “o irmão vai ficar sem saco pra nada agora”, o que funciona como ampliação enunciativa. Essa ampliação enunciada retoma o referente “irmão” e, ao fazer isso, transforma o referente recorrendo aos implícitos permitidos pela expressão “sem saco”. Novamente, considerando o conhecimento de mundo, sabemos que essa expressão significa alguém que não tem mais paciência, porém, ao retornarmos à postagem-fonte, vemos que o irmão foi levado à castração no lugar do cachorro, sendo assim, o usuário brinca que o irmão ficará literalmente sem o seu

saco escrotal que faz parte do sistema genital masculino. Sendo assim, o usuário brinca com a ambiguidade da palavra “saco” e o faz tão bem que engaja 2.305 curtidas, além de 34 respostas ao seu comentário. Essas repostas são fruto das ações tecnolinguageiras realizadas pelos usuários que buscaram interagir com a sua postagem, colaborando para a manutenção e progressão do referente “irmão desatento”.

Aqui a noção de redes ganha relevância, assim como nas outras postagens em que facilmente poderíamos evidenciar essa perspectiva, uma vez que o que está em jogo não são as expressões linguísticas que retomam ou ativam referentes, mas como esses se relacionam, por vezes apenas pelo contexto, e juntos constroem e reconstróem sentidos. Vemos que adotar a noção de cadeia referenciais, nos relegaria a identificar expressões referenciais que dão conta da formação dos referentes, sem a possibilidade de avançarmos para um viés mais amplo da referência que desde o início da pesquisa se propôs quando escolhemos analisar as semioses envolvidas nesse processo e não meramente o verbal.

Tendo em vista todo trabalho até aqui empreendido, na próxima seção adentraremos às considerações finais de modo a colher as conclusões obtidas.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho em questão teve por objetivo geral analisar a referenciação sob o espectro da multimodalidade, tendo como *corpus* postagens humorísticas da rede social *Instagram*. A escolha por esse tipo de postagem se deu pela observação, enquanto usuária da rede, da quantidade significativa de páginas de humor que faziam uso de vários recursos multimodais, som, imagem, cores diversas, gestos etc., que contribuem para a formação dos referentes gerando o humor nas postagens. Ainda como observadora, foi possível notar que tais páginas recebem uma gama de comentários de seus seguidores, cujo conteúdo, na maioria das vezes, busca promover algo a mais sobre o referente construído, garantindo um enriquecimento desse.

Diante desse contexto, notamos que esse cenário reflete uma demanda apontada em Custódio Filho (2011), o qual em sua tese demonstra a necessidade de mais trabalhos na área da linguística de texto (LT) que se preocupem com a construção referencial em textos multimodais. Essa necessidade nasce de uma inquietação advinda da quantidade de pesquisas que têm como foco a referenciação homologadas pelo verbal, ocorrendo o que convencionou-se a chamar de “verbocentrismo”, quando se dá ênfase a essa modalidade em demasia, culminando na marginalização das outras modalidades que passam a ser vistas como complementares. O autor em questão discute sobre uma chamada “primeira tendência”, a qual seria relacionada a um primeiro momento da LT, que se pautou nos estudos referenciais com foco na correferenciação .

A partir disso, tece críticas tendo em vista à restrição que esse estudo acaba detendo, quando não valoriza as outras formas de realizar a referenciação, dado que o foco se dá nas expressões que homologam o referente. Nessa senda, temos o surgimento da chamada “segunda tendência”, a qual passa a dar mais enfoque aos processos referenciais que não se atrelam apenas à correferenciação. A partir disso, alguns anos depois, temos noção de rede referencial (Matos, 2018, ), a qual trata-se de um entrelaçamentos dos referentes, os quais se relacionam pelo contexto em si, buscando uma construção referencial holística em prol da coerência, sendo um dos exemplos dessa segunda tendência.

Sob esse prisma, vimos que analisar essas postagens humorísticas seria de grande valor para o enriquecimento dessa segunda tendência, tendo em vista o nosso *corpus*. Contudo, salientamos que embora Custódio Filho (2011) destaque as diferenças entre essas tendências, reconhecemos que grandes nomes como Marcuschi e Koch (1998) já buscavam elucidar a necessidade de uma análise para além da correferenciação. Os autores, em uma primeira manifestação sobre a referenciação, apoiados em Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995),

(re)apresentam o conceito de objeto de discurso, já concebendo que esse referente é na verdade construído na/pelo discurso. Sendo assim, Marcuschi e Koch (1998) tecem uma discussão sobre a instabilidade desse objeto, enfatizando a não linearidade dos textos, sendo inviável analisar a construção de um referente de modo linear.

Com isso, Marcuschi e Koch (1998) já criticam o viés verbocêntrico da referenciação, afirmando que a lexicalização não é o único modo de introduzir, retomar e fazer progredir um referente, sendo, assim, necessário um olhar atento ao contexto que também é o responsável por fazer homologar um referente. Com isso dito, vemos que ao tratar da referenciação, não é possível esperar uma relação unívoca e cotextual para a construção do referente, principalmente quando tomamos o texto como evento e a língua como atividade (Marcuschi, 2008).

A partir disso, Mondada e Dubois (2003) introduzem a discussão acerca da intersubjetividade envolvida no processo da referenciação, tendo em vista que os referentes construídos são, na verdade, (co)construídos, em uma atividade dinâmica e colaborativa. É lícito destacar que as teóricas defendem a tese da instabilidade constitutiva desses referentes, visto que tendem a representar as visões do mundo daqueles que os enuncia. Para tanto, realiza-se uma construção negociada entre os sujeitos da comunicação, colaboração essa que resulta na construção de um referente que pode ora ser enriquecido, transformado, ora desativado.

Tomando a questão da transformação, Mondada e Dubois (2003) debatem sobre a recategorização sofrida por esses referentes. Uma vez que são dinamicamente construídos, esses objetos de discurso estão a todo momento transformando-se, principalmente quando inseridos em contextos diferentes que lançam, também, um olhar diferenciado para um mesmo objeto, afinal o que muda não é o objeto, mas a maneira que o observamos e o apreendemos. Com isso, a mudança de perspectiva marca a diferença com que os próprios sujeitos compreendem um mesmo referente, reverberando esta mudança também na linguagem.

A partir da ênfase nessa instabilidade, e ancorada na perspectiva sociocognitiva, Cavalcante (2012) analisa os referentes enfatizando que a compreensão dos textos não parte apenas do cotexto -embora suas pistas sejam essenciais-, mas também do contexto histórico-cultural envolvido, a partir de conhecimentos partilhados que são cognitivamente ativados no momento de comunicação. Essa visão sociocognitiva da referenciação é extremamente importante para ampliar as análises e sairmos do aspecto correferencial, pois é ela que permite a análise holística do referente anteriormente aqui citada.

Os referentes demandados por um texto não ocorrem de maneira aleatória, há sempre um contexto que o (res)significa, conforme vimos em todos os exemplos expostos não só na análise dos dados, mas também na discussão do arcabouço teórico. A partir disso, ressaltamos

a metáfora de Koch (2015), a qual metaforiza a figura do texto à figura de um “iceberg”, tendo em vista que o que está à mostra em um texto é apenas uma pequena parte do seu sentido, uma “ponta”, enquanto o seu sentido completo só é compreendido se analisarmos as suas profundezas.

Com isso posto, nos debruçamos em analisar os processos referenciais organizados em Cavalcante (2012), a saber: introdução referencial, anáfora e dêixis. Tais processos são observados durante a construção de um referente. É comum que se analise massivamente as anáforas, tendo em vista o seu poder de retomar e transformar um referente, contribuindo para a sua construção, porém a maneira que se costuma fazer essa análise é pautada na correferencialidade, observando os itens retomados por repetições, pronomes, sinônimos e afins, mas quando enfocamos em uma perspectiva mais ampla da referenciação, vemos que essas anáforas podem ser homologadas sem nem mesmo serem lexicalizadas.

Com isso posto, debatemos, também, sobre a multimodalidade, haja vista que as nossas análises buscam focar no aspecto multimodal da referenciação. Para tanto, acabamos por recorrer a Semótica Social, na voz de Santos e Pimenta (2015), as quais dissertam sobre a construção motivada do signos. Destacamos que embora reconheçamos a importância dos estudos de Kress e Van Leeuwen (1996) com a Gramática do Design Visual, quando a partir dela o imagético ganha protagonismo, reiteramos a fala de Capistrano Junior (2012), o qual observa essa obra com cautela, pois o semiótico acaba por ganhar um viés isolado e individual, indo, assim, contra a nossa perspectiva contextualizada aqui defendida.

Com isso visto, a multimodalidade aqui abordada se pautou em um olhar para os modos diversos que uma comunicação pode fazer uso para garantir a construção dos seus significados, sabendo que esses usos serão sempre motivados. Isso ocorre pois eles estão à disposição de quem enuncia, sendo a escolha de um em detrimento do outro, fruto de um objetivo que tem uma ancoragem no contexto em que este se faz. Isso pôde ser visto nos diversos textos humorísticos aqui expostos, quando vimos que o enunciador, na busca por engajar o seu público local, escolhe músicas, imagens que são próprias do seu contexto, promovendo uma identificação pelo seu público-alvo.

Em nosso percurso teórico, também destacamos que a multimodalidade é potencializada pelo digital, deixando claro que não é o digital que a cria, visto que, nos mais diversos textos, conseguimos utilizar outros modos semióticos para além do verbal. No entanto, reconhecemos que esse ambiente digital oferece outros modos que levam o leitor a realizar uma escrita multimodal em maior nível do que em um contexto *offline*. Isso pode ser visto quando no *online* vê-se uma maior ênfase ao visual a partir de um *layout* que busca ser intuitivo e logo utiliza

diversas semioses a partir de cores diversas, sons, grafias etc. É inegável que as redes sociais, à medida que usam o signo verbal, também destacam -se não destacam mais- o visual, o sonoro, sendo o espectro semiótico mais significativo nessas produções.

É devido a isso que acabamos por dar espaço em nossa pesquisa ao estudo do ambiente digital, mais especificamente da rede social *Instagram*, tendo em vista que percebemos que os textos produzidos nesse espaço cibernético fazia uso acentuado de outras semioses que seriam interessantes para preencher um pouco da lacuna apontada em Custódio Filho (2011). Diante disso, recorreremos às características apontadas por Xavier (2002) sobre o hipertexto e as relacionamos à perspectiva ecológica do discurso postulada em Paveau (2021).

No que tange aos aspectos do hipertexto, Xavier (2002) apresenta algumas características que trouxemos aqui, como: imaterialidade, confluência dos modos enunciativos, a não-linearidade e a hipertextualidade infinita. Tais aspectos que foram explicados e exemplificados, marcam a singularidade de um hipertexto, o qual é pautado pela interligação dos links que deslinearizam um texto quando permitem que o leitor decida se permanece no texto-fonte ou se desloca para um outro que é sugerido pela *web*.

Essas particularidades que fazem Paveau (2021) defender a perspectiva compósita dos textos digitais nativos, dado que não concebe os recursos técnicos desse ambiente como apenas acessórios invisíveis, mas, agora, como fundidos à linguagem, principalmente quando vemos as tecnopalavras, tecnosegmentos, os quais sugerem ao leitor a realização de uma ação. Temos, então, as afordancias que sugerem ao usuário algumas ações possíveis dentro daquele ambiente.

Com isso, Paevau (2021) defende que a maneira de se analisar um texto que nasce no digital é diferente daquela que fazemos com os textos do *offline*, haja vista que esse ecossistema digital tem funcionamento próprio, ainda que conserve aspectos comuns à comunicação - algumas coisas são próprias do seu funcionamento, como falamos acima das tecnopalavras, também os tecnosímbolos etc. Destacamos também o viés colaborativo que é mais acentuado nesse ambiente, sendo a concepção de escrituração digna de destaque. O potencial de se fazer escritor dentro de uma rede é significativo, enquanto no *offline* interlucar o papel de escritor e leitor não é algo possível concomitantemente, na rede podemos replicar uma postagem e nos tornar autor delas em um construção remixada, além sobrescrevê-la entre outras possibilidades.

Esse movimento de deslinearização é natural desse ambiente e potencializado pelas múltiplas semioses que são envolvidas nesse processo. Destacamos, como proposto em Paveau(2021), que a ampliação enunciativa é uma forma de observar esse papel ativo do “leitor” que intercala a autoria quando comenta ou compartilha uma postagem, gerando curtidas, outras replicações por outros usuários que fazem parte dessa imensa rede.

Para que pudéssemos trazer essa teoria para a prática, a dissertação foi organizada metodologicamente segundo a pesquisa do tipo qualitativa (Paiva, 2019), quando priorizamos a interpretação dos dados obtidos e pela netnografia (Soares, 2021), quando entendemos que o ambiente digital também precisa ser estudado para que se entenda os dados produzidos nesse espaço.

Assim embasados, construímos um *corpus* com 60 postagens humorísticas, porém, devido à densidade desses exemplos, optamos por filtrar esses dados, reduzindo-os a 20 postagens. 10 delas foram no formato de monotela -quando a postagem é feita por um único *post*-, enquanto as outras 10 foram do tipo carrossel -quando dentro de uma postagem temos mais de um *post*-. Ademais, selecionamos 4 comentários de 4 postagens diferentes para avaliar como se deu a ampliação enunciativa, sabendo da importância de analisar a construção do referente nesse contexto colaborativo da *web*. Tais postagens foram retiradas de 4 páginas distintas: @southamericamemes, @meltedvideos, @leaomilgrau, , @pernambucoposting. Todas têm em comum o fato de terem por objetivo gerar o engajamento por meio do humor. Enquanto as duas primeiras produzem um texto cômico mais geral, as duas últimas têm seu conteúdo focado em um contexto regional.

No que toca à escolha das postagens, adotamos alguns critérios: (i) postagens que fazem uso de recursos audiovisuais; (ii) postagens com teor humorístico/satírico; (iii) postagens com marcas evidentes da multimodalidade: sons, gestos, imagens, cores; (iv) postagens que apresentem processos referenciais diversos; (v) postagens publicadas de janeiro a junho de 2024. Organizamos os nossos dados conforme o ilustrado no quadro 1. Nele separamos a postagem, o seu tipo e página-fonte.

Para os comentários, decidimos avaliar apenas 4, visto que o objetivo era apenas exemplificar como os referentes são ampliados a partir dos comentários, sendo suficiente abordar esse quantitativo para comprovar a interligação dos referentes em rede. Para organizá-los, construímos o quadro 2, que expõe a postagem-fonte a nomenclatura para o seu comentário respectivo.

A partir disso, selecionamos os seguintes critérios para analisar os dados: (i) identificação multimodal dos processos referenciais; (ii) observação de como a multimodalidade contribui para a construção do sentido do referente; (iii) análise sobre como a ampliação enunciativa recategoriza o referente mantendo-o ou não; (iv) identificação da construção da rede referencial na rede social *Instagram*.

Tendo isso em vista, foi possível observar algumas questões após análise dos dados:

1. A introdução referencial, assim como as anáforas são homologadas a partir dos

elementos visuais e sonoros presentes nas postagens. Vimos, principalmente, na figura 33, como um referente pode ser introduzido sem a presença do verbal, mas necessitando de um contexto para fazer sentido, tendo em vista os objetivos do seu enunciador.

2. As anáforas são bem presentes nas postagens, sendo por vezes anunciadas pelo verbal e retomadas pelo imagético, como visto na figura 35.
3. A dêixis pessoal é uma das construções mais presentes nas postagens analisadas, pois obtivemos um total de 10 construções dêiticas em um *corpus* de 20 postagens. As construções sempre começavam com “eu...” ou “quando eu...” e eram complementadas por alguma situação que é confirmada pelo imagético. Percebemos que esse eu, diferentemente do dêitico pessoal padrão, não precisa necessariamente apontar para um eu em específico, mas sim um eu mais generalizado que realiza uma determinada ação comum a um número significativo de pessoas, o que acaba gerando um engajamento na postagem.
4. A dêixis de memória nos pareceu um destaque importante dessa pesquisa, construções como “quando eu...” e afins, também são presentes nas postagens, como vimos na figura 47, remetendo a um contexto que seria compartilhado pelos interlocutores envolvidos na situação comunicativa e que são, novamente, ratificados pelo imagético e também pelo sonoro.
5. A ampliação enunciativa analisada mostrou que os comentários mais bem avaliados versavam sobre algum conteúdo que confirmava o conteúdo da postagem-fonte, servindo para a progressão e manutenção do referente construído. A concordância para com o seu conteúdo era observada a partir do número dos “tecnogestos”, como o de curtidas e comentários.
6. O ecossistema digital nativo possibilita ações que garantem a interação constante do usuário, permitindo que este esteja em rede realizando ações sugeridas por esse ambiente e que modificam a sua relação com o texto e, conseqüentemente, com os referentes que procura construir, conforme vimos nos exemplos das figuras 48 e 49.
7. As redes referenciais, embora analisadas em apenas um exemplo, comprovam que os referentes não são construídos apenas pela postagem-fonte, ainda que essa, por meio da multimodalidade construa referentes outros, o olhar para a ampliação enunciativa demonstra a interligação entre os referentes, algo que é possibilitado concomitantemente devido ao cenário digital.

Com isso posto, entendemos que o que foi proposto como hipótese de pesquisa, foi

devidamente comprovado, sendo, sim, a multimodalidade um fator importante e crucial para a construção dos referentes nas postagens analisadas na rede social *Instagram*. Entendemos que muitos são os questionamentos que podem vir a surgir com essa investigação, como sobre as questões argumentativas que perpassam a construção desses referentes; o comportamento das redes referenciais aplicadas a outras postagens; como se dá a interação dentro desse ambiente *online*, dentre tantas outras. Contudo, devido ao objetivo da nossa pesquisa, deixamos para que estudos futuros desenvolvam essas lacunas que aqui ficaram e o que aqui foi construído sirva de embasamento científico para muitas discussões que avancem para além do ambiente científico e chegue, por exemplo, às escolas, em que o estudo da referenciação é tão presente nas aulas de língua.

## REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017.

APOTHÉLOZ, D. Nominalisations, referents clandestins et anaphores atypiques. *In*: BERRENDONNER, Alain; REICHLER-BEGUELIN, Marie-Jose. (Eds.). **Du syntagme nominal aux objets-de-discours**. Neuchâtel: Université de Neuchâtel, 1995. p. 143-173.

APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BEGUELIN, M.-J. Construction de la référnce et strategies de designation. **TRANEL Travaux Neuchâtelois de Linguistique**, [S.l.], v. 23, 1995, p. 227-271. Disponível em: <https://hal.science/hal-00869154/document>. Acesso em : 29 jun. 2024.

BARBOSA, P. A **Cibercultura**. Criação Literária e Computador. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa , 1992.

BENTES, A. C.; RAMOS, P.; ALVES FILHO, F. Enfrentando desafios no campo dos estudos do texto. *In*: BENTES, A. C.; QUADROS, M. (orgs). **Linguística de texto e análise da conversação** – Panorama de pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010, p. 389-428.

CAMPOS, J. Lançamos hoje o Comitê de Crianças do Recife e conheci a Laura, que quer ser prefeita. Recife, 2024. X: @JoaoCampos. Disponível em: <https://twitter.com/JoaoCampos/status/1784292203793088618>. Acesso em 28 abr. 2020.

CAPISTRANO JÚNIOR, R. **Referenciação, multimodalidade e humor em tiras do gato de meia-idade, de Miguel Paiva**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2012.

CARECADOIXPO E LEAOMILGRAU. Escolha sua pílula, [S.l.], 2024. Instagram: @carecadoixpo @leaomilgrau. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C7iAV\\_QMPDM/?igsh=MWR0ZmV3Ym9sbGY0ZW==](https://www.instagram.com/p/C7iAV_QMPDM/?igsh=MWR0ZmV3Ym9sbGY0ZW==). Acesso em 30 mai. 2024.

CARECADOIXPO. Eu não aguento mais. [S.l.], 2024a. Instagram: @carecadoixpo @leaomilgrau. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C7fxeu1Mtut/?igsh=cDl6aWw3bmoxczF3>. Acesso em 30 mai. 2024.

CAVALCANTE, M. M. Abordagens da argumentação na Linguística Textual. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**, [S.l.], v. 14, n. 12, 2016. p. 106- 124. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/ea45a0fb01f8dde37a9435628505a55d.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2024.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* **Linguística Textual e argumentação**. São Paulo: Editora Pontes, 2020.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, A. P.; OLIVEIRA, R. L. A relevância do texto e da interação no contexto digital. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 19, n. 3, 2021, p. 333–344. Disponível em : <https://doi.org/10.4013/cld.2021.193.03>. Acesso em 1 mai. 2024.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V. Revisitando o estatuto do texto. **Revista do GELNE**, Piauí, v. 12, n. 2, p. 56-71, 2010. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/26452>. Acesso em: 27 jun. 2024.

CIULLA, A., *et al.* Ampliação enunciativa em comentários de webnotícia: uma releitura de Paveau à luz dos estudos enunciativos benevenistianos. **Revista Investigações**, Recife, v. 35, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/254392>. Acesso em: 6 ago. 2024.

CORTEZ, S. L.; KOCH, I. G. V. A construção do ponto de vista por meio de formas referenciais. *In*: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; LIMA, Silvana Maria Calixto (org). **Referenciação: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 2013, p.9-29.

CUSTÓDIO FILHO, V. **Múltiplos Fatores; Distintas Interações; Esmiuçando o Caráter Heterogêneo da Referenciação**. 2011. 329 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

CUSTÓDIO FILHO, V.; SILVA, F. O. O caráter não linear da recategorização referencial. *In*: CAVALCANTE, M. M.; LIMA, S. M. Calixto de (Orgs.). **Referenciação: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 2013, p. 59-85.

DIARIDEPERNAMBUCO. Um avião da companhia aérea Latam precisou fazer um pouso de emergência em Salvador (BA), nesta terça-feira (16/01), após o piloto desmaiar a bordo. A aeronave decolou de Brasília (DF) e seguia para João Pessoa (PB). A informação foi publicada pelo O Globo e confirmada pelo Metrôpoles. [S.l.], 2024. Instagram: @diariodepernambuco. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C2NYTLMOzw2/?igsh=MXQ5OXdrNjNjZ3kyeQ==>. Acesso em 17 jan. 2024.

DIONÍSIO, A. P. (org.). **Multimodalidades e leituras: funcionamento cognitivo, recursos semióticos, convenções visuais**. Recife: Pipa Comunicação, 2014.

DOURADO, B. Ranking: as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2023, com insights, ferramentas e materiais. **RD Station**, Monte Verde, 2024. Disponível em: <https://www.rdstation.com/blog/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em 17 jan. 2024.

ELIAS, V. M.; CAPISTRANO JÚNIOR, R. Práticas de escrita no contexto digital: elementos multimodais e coerência textual. *In*: GUALBERTO, C. L.; PIMENTA, S. M. O.; SANTOS, Z. B. (org.). **Multimodalidade e Ensino: múltiplas perspectivas**. 1. ed. São Paulo Pimenta Cultural, 2018. p. 145-169.

FOLHAPE. Carnaval 2024. As cantoras Raphaela Santos (@raphaafavorita) e Priscila Senna (@priscilasennaoficial) irão se apresentar no polo principal do Carnaval do Recife, o Marco Zero. O anúncio foi feito pela Prefeitura do Recife, em coletiva de imprensa, nesta quarta-feira (17). [S.l.], 2024. Instagram: @folhape. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/C2NHsEHNpOJ/?igsh=NHh2eWg3OGQ1NjJh>. Acesso em 17 jan. 2024.

GIERING, M. E.; PINTO, R. O discurso digital nativo e a noção de textualidade: novos desafios para a Linguística Textual. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 15, n. 31, p. 30-47, 2021. Disponível em : <https://doi.org/10.47456/cl.v15i31.35655>. Acesso em 1 mai. 2024.

GUALBERTO, C. L.; SANTOS, Z. B. Multimodalidade no contexto brasileiro: um estado de arte. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 35, p. 1-30, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-460X2019350205>. Acesso em: 27 jun. 2024.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

HODGE, R.; KRESS, G. **Social Semiotics**. London: Polity Press, 1988.

KOCH, I.G.V. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1989.

KOCH, I. V. **Desvendando os segredos do texto**. 8. ed. São Paulo: Cortez. 2015.

KOCH, I. V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 14, n. Especial, 1998. p. 168-190. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-44501998000300012>. Acesso em: 25 jun. 2024.

KRESS, G. **Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication**. London: Routledge, 2010.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London: Routledge, 1996.

LANDOW, G. **Hypertext 2.0**. The Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1996.

LEAOMILGRAU. Página Eu não estou suportando mais. [S.l.] , 2024a. Instagram: @leaomilgrau. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C80A8mpOd7C/?igsh=MW4yeG83NnZsMXdkaw==>. Acesso em: 4 ago. 2024.

LEAOMILGRAU. Página Inicial. [S.l.] , 2024. Instagram: @leaomilgrau. Disponível em: <https://www.instagram.com/leaomilgrau/>. Acesso em 28 abr. 2024.

LEAOMILGRAU E CARECADOIXPO. Que magoa do carai boy, [S.l.], 2024. Instagram: @carecadoixpo @leaomilgrau. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C7eQIWmuTbK/?igsh=MXU0Y3ZhNXVhczFubA%3D%3D>. Acesso em 30 mai. 2024.

LÉO. Laura Cardoso com 96 anos, Lima Duarte com 94 anos e Fernanda Montenegro com 94 anos é a trindade da teledramaturgia do Brasil! [S.l.], 2024. X: @leoXLoveX. Disponível em: <https://x.com/leoXLoveX/status/1784159919937089777>. Acesso em 28 abr. 2024.

LIMA, S. M. C. **Entre os domínios da metáfora e metonímia**: um estudo de processos de recategorização. 2009. 204f. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

LIMA, S. M. C. Referenciação e multimodalidade: revistando os processos de recategorização e encapsulamento. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 2, n. 36, p. 101-114, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/32632>. Acesso em: 29 jun. 2024.

LOLA AINSWORTH. vai jogando imortalidade na vida deles senhor BOTA UM PLANO DE SAÚDE NO COLO DELES OH PAI tira a osteoporose, diabetes, dor na bacia. [S.l.], 2024. X: @LYSVERVAIN. Disponível em: <https://twitter.com/LYSVERVAIN/status/1784299545163092390>. Acesso em 28 abr. 2024.

MARCUSCHI, L. A. Linearização, Cognição e Referência. O desafio do hipertexto. COLÓQUIO DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE ANALISTAS DO DISCURSO. 4., 1999, Santiago. **Anais [...]**, Santiago, Chile, 1999.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATOS, J. G. **As redes referenciais na construção de notas jornalísticas**. 2018. 259f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza, 2018.

MELTED VIDEOS. Escolha com sabedoria. [S.l.], 2024a. Instagram: @meltedvideos. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C1rXxb-um5F/?igsh=MTV0djdud21oenNidA%3D%3D>. Acesso em 16 jan. 2024.

MELTED VIDEOS. nadando no deserto de farelo o nojeraaaaaa #prensadãodamelted. [S.l.], 2024c. Instagram: @meltedvideos. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C3bKVhrvHEi/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/C3bKVhrvHEi/?img_index=1). Acesso em 17 jan. 2024.

MELTED VIDEOS. Página Inicial. [S.l.], 2024e. Instagram: @meltedvideos. Disponível em: <https://www.instagram.com/meltedvideos/>. Acesso em 17 jan. 2024.

MELTED VIDEOS. Sim, eu troquei de música e meu gosto é bastante peculiar. O ultimo tá em branco pra vc compartilhar no story com a sua música. [S.l.], 2024b. Instagram: @meltedvideos. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CyN77hQuNHn/?igsh=MTB1YXNyZHluZWxm>. Acesso em 17 jan. 2024.

MELTED VIDEOS. Talvez eu me arrependa deste post, mas vamos lá. [S.l.], 2024d. Instagram: @meltedvideos. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C3aJuj3O8eI/>. Acesso em 18 fev. 2024.

MELTED VIDEOS. Página Inicial. Web Jornalismo, [S.l.], 2024f. Disponível em: <https://webjornalismo.unicap.br/memes/melted-videos/>. Acesso em 18 fev. 2024.

MELTED VIDEOS. Imagina um mundo com homens que sabem usa... [S.l.], 2024g. Instagram: @meltedvideos. Disponível em: [https://www.instagram.com/reel/C8SDJxDOf7\\_/?igsh=MWpqMXBhcGVhdGhuZw%3D%3D](https://www.instagram.com/reel/C8SDJxDOf7_/?igsh=MWpqMXBhcGVhdGhuZw%3D%3D). Acesso em 5 ago. 2024.

MELTED VIDEOS. Merda merda merda shiuuuuu. [S.l.], 2024h. Instagram: @meltedvideos. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C80cvfnPOk9/?igsh=ZG82dmF4bDR1dTBz>. Acesso em 5 ago. 2024.

MELTED VIDEOS. minha personalidade na net \*  #prensadãodameltedu. [S.l.], 2024i. Instagram: @meltedvideos. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C80cvfnPOk9/?igsh=ZG82dmF4bDR1dTBz>. Acesso em 5 ago. 2024.

MELTED VIDEOS. Fantasiando um mundo melhor. [S.l.], 2024j. Instagram: @meltedvideos. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C6JqSeArgWB/?igsh=MWdlZnczYWM2c215MA==>. Acesso em 5 ago. 2024.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. *In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães et al. Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

PAVEAU, M.-A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas: Pontes, 2021.

PAVEAU, M.-A. Discursos e Links. Hipertextualidade, Tecnodiscursividade, Escrileitura. *In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. (Orgs.). Texto, Discurso e Argumentação*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p 41-70.

PAVEAU, M-A. **L'analyse du discours numérique**. Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann, 2017.

PERNAMBUCOPOSTING. Eae nação, tem que tirar mais o que? O prai jeansinho kkkkk @caboardinarioficial. [S.l.], 2024c. Instagram: @pernambucoposting. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C19dwXALNNc/?igsh=NzhraDQzeWFvOWFw>. Acesso em 18 jan. 2024.

PERNAMBUCOPOSTING. Packzinho com o ferrugem, faltou que cidade? Comenta aí. [S.l.], 2024a. Instagram: @pernambucoposting. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C2GOPWJL6LO/?igsh=MWMzY2lwb3JvYmd4cw==>. Acesso em 17 jan. 2024.

PERNAMBUCOPOSTING. Página Inicial. [S.l.], 2024d. Instagram: @pernambucoposting. Disponível em: <https://www.instagram.com/pernambucoposting/>. Acesso em 17 jan. 2024.

PERNAMBUCOPOSTING. Salve nação! Créditos 3º video: twitter. [S.l.], 2024b. Instagram: @pernambucoposting. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C2OMOS4rVwW/?igsh=MTR0aThwZW53NTBtYg==>. Acesso em 18 jan. 2024.

PERNAMBUCOPOSTING. Sem legenda. [S.l.], 2024e; Instagram: @pernambucoposting. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C8Np-0HPyxi/?igsh=MXdrOWxhdXE2NGd0Mg==>. Acesso me 15 jun. 2024.

PERNAMBUCOPOSTING. Salve nação, qual dessas músicas vocês mais ouviu na infância? Comenta aí. [S.l.], 2024f; Instagram: @pernambucoposting. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C8zXS8qurpH/?igsh=c2V1OXg4aDk2cXc3>. Acesso em: 5 ago. 2024.

PERNAMBUCOPOSTING. Sem legenda. [S.l.], 2024g; Instagram: @pernambucoposting. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C7RoprhO8r6/?igsh=dDRzZmpqYW00enpu>. Acesso em: 5 ago. 2024.

PERNAMBUCOPOSTING. Sem legenda. [S.l.], 2024h; Instagram: @pernambucoposting. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C5b2FbOLboI/?igsh=MTRxMXIwbGV1ODJtcg==>. Acesso em: 5 ago. 2024.

PINTO, R.; CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. Polêmica e argumentação: interfaces possíveis em textos midiáticos de natureza política. **Diacrítica**, Braga, v. 32, n. 1, p. 5-24, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.21814/diacritica.5012>. Acesso em: 25 jun. 2024.

RANIERI, T. L. S. Os emojis como expressões de referências dêiticas nas interações por WhatsApp. **Travessias Interativas**, São Cristóvão (SE), v. 12 n. 25, p. 434-450, jan-abr/2022. Disponível em: <https://doi.org/10.51951/ti.v12i25.p434-450>. Acesso em: 27 jun. 2024.

RECIFE ORDINÁRIO. Faz sol a semana toda em Recife\* o final de semana em Recife:. Recife, 2024. X: @recifeordinario. Disponível em: <https://twitter.com/recifeordinario/status/1784572334075949228>. Acesso em 28 abr. 2024.

REUTERS. Biden diz a Netanyahu que os EUA não participarão de eventual contra-ataque israelense contra o Irã. **G1 Globo**, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/04/14/biden-diz-a-netanyahu-que-os-eua-nao-participarao-de-eventual-contra-ataque-israelense-contra-o-ira.ghtml>. Acesso em 14 abr. 2024.

RIBEIRO, A. E. **Multimodalidade, textos e tecnologias**. Provocações para a sala de aula. São Paulo: Parábola, 2021.

ROCHA, A. C. A. **Referenciação e ponto de vista**: uma análise da argumentatividade em notícias do Instagram. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na Escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal: aplicações na hipermídia**. 3. ed. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2005.

SANTOS, A. C. F. O.; CORTEZ, S. L. Multimodalidade no Twitter: uma análise dos recursos (tecn) linguageiros na construção de tuítes. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 12, n. 3, e2553, p. 287-309, set.-dez./2022. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/2553>. Acesso em 1 mai. 2024.

SANTOS, Z. B.; PIMENTA, S. M. O. Da semiótica social à multimodalidade: a orquestração de significados. **Cadernos de Semiótica Aplicada**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 295-324, 2015. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/issue/view/518/111>. Acesso em: 14 fev. 2024.

SANTOS, Z. B.; PIMENTA, S. M. O. Da semiótica social à multimodalidade: a orquestração de significados. **Cadernos de Semiótica Aplicada**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 295-324, 2014. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/issue/view/518/111>. Acesso em: 14 fev. 2024.

SILVA, J. P. M. **Uma análise textual da argumentação em memes verbo-visuais: entre os processos referenciais e as intertextualidades**. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

SILVA, N. L. **Referenciação, multimodalidade e tipografia cinética: reflexões em linguística textual**. 2016. 253f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

SINDONI, M. G. **Spoken and Written Discourse in Online Interactions**. New York: Routledge, 2013.

SNYDER, I. **Hypertext. The electronic labyrinth**. Washington: New York, University Press, 1997.

SOUTHAMERICAMEMES. A Enel agradece. [S.l.], 2024a. Instagram: @southamericamemes. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C6uOIFFxijW/?igsh=MXVuZDU3cGhyNzdybw%3D%3D&img\\_index=4](https://www.instagram.com/p/C6uOIFFxijW/?igsh=MXVuZDU3cGhyNzdybw%3D%3D&img_index=4). Acesso em: 16 jul. 2024.

SOUTHAMERICAMEMES. OOOOOOO o OOOooOoOOoO. [S.l.], 2024b. Instagram: @southamericamemes. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C5WAOzrgRCD/?igsh=ZDNhM2Q1cTZuaHJk>. Acesso em: 16 jul. 2024.

SOUTHAMERICAMEMES. Eu sou assim mesmo. [S.l.], 2024c. Instagram: @southamericamemes. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C0cO0lyAuTG/?igsh=MXYYMThwZHIra2YxMQ%3D%3D>. Acesso em: 16 jul. 2024.

SOUTHAMERICAMEMES. Página inicial. [S.l.], 2024d. Instagram: @southamericamemes.

Disponível em: <https://www.instagram.com/southamericamemes/>. Acesso em: 16 jul. 2024.

SOUTHAMERICAMEMES. Choro. [S.l.], 2024e. Instagram: @southamericamemes. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C3-yfFhgOw7/?igsh=d3NmcDc0b2lkOG1s&img\\_index=2](https://www.instagram.com/p/C3-yfFhgOw7/?igsh=d3NmcDc0b2lkOG1s&img_index=2). Acesso em: 16 jul. 2024.

SOUTHAMERICAMEMES. Desconfie. [S.l.], 2024f. Instagram: @southamericamemes. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C8xMpiJRUIf/?igsh=MTZtY2lxaGN6MTdwZg==>. Acesso em: 4 ago. 2024.

SOUTHAMERICAMEMES. Mais fácil achar foto com algum aleatório. [S.l.], 2024g. Instagram: @southamericamemes. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C9BEE4\\_xuCB/?igsh=MWpzaHdpcW56MGdwYg%3D%3D&img\\_index=4](https://www.instagram.com/p/C9BEE4_xuCB/?igsh=MWpzaHdpcW56MGdwYg%3D%3D&img_index=4). Acesso em: 16 jul. 2024.

SOUTHAMERICAMEMES. Com um gelinho e limão hein... [S.l.], 2024h. Instagram: @southamericamemes. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C67EvUkRXbB/?igsh=Z2M3bGM5aXJhMThq>. Acesso em: 5 ago. 2024.

SOUTHAMERICAMEMES. Vai ficar na régua. [S.l.], 2024i. Instagram: @southamericamemes. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C6tnLR1sFoh/?igsh=eX11aDZvYnRyMGRu>. Acesso em: 5 ago. 2024.

SOUTHAMERICAMEMES. Só um milagre salva a minha situação financeira. [S.l.], 2024j. Instagram: @southamericamemes. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C5\\_NWpkLdMp/?igsh=MTYzMjV2eWYxZmoze](https://www.instagram.com/p/C5_NWpkLdMp/?igsh=MTYzMjV2eWYxZmoze). Acesso em: 5 ago. 2024.

SOUTHAMERICAMEMES. O sonho de ser pro player de free Fire. [S.l.], 2024k. Instagram: @southamericamemes. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C2-G4PbAXeP/?igsh=aDNzdmFweTZndHJh>. Acesso em: 5 ago. 2024.

VEZALI, P. A. Relações entre fala e gesto: a referenciação multimodal. De volta ao futuro da língua portuguesa. SIMELP-SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 5., 2017, Salento. **Anais [...]**, Salento: Universitá del Salento, 2017, p. 713-732.

XAVIER, A. C. S. **Hipertexto na sociedade da informação**: a constituição do modo de enunciação digital. 2002. 220 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas (SP), 2002.